

Autárquicas

Eanes confirma possibilidade de não aceitar data de 5 de Dezembro

O Presidente Ramalho Eanes confirmou ontem à noite ao «DL», durante um jantar privado que lhe foi oferecido em Seia pelo responsável do município local, o socialista Jorge Correia, ser provável que não venha a ser aceite por Belém a data de 5 de Dezembro para as próximas eleições autárquicas. Eanes disse ao «DL» que, embora ainda nada esteja decidido a este respeito, há motivos para recusar a promulgação interessando aquela data:

«Em primeiro lugar, há uma questão cultural que importa ter em conta e que se prende com o respeito que os portugueses têm pelos mortos; depois há o lado ético e político desta questão; não é lícito pactuar com quem utilizasse a memória e a imagem dos mortos para alcançar objectivos políticos».

Estas considerações de Eanes prendem-se, evidentemente, com a data de 4 de Dezembro, aniversário do acidente de Camarate, no qual perdeu a vida o então primeiro-ministro Sá Carneiro. Se as autárquicas fossem marcadas para 5 de Dezembro, a «pausa de campanha» que antecede o acto eleitoral ficaria à mercê da AD, a propósito, exactamente, de tal aniversário.

Em conversa com um jornalista do «DL», o Presidente da República referiu-se ainda à revisão constitucional, ao «partido presidencial» e à sua intervenção na vida política portuguesa actual. A tudo isto nos referiremos detalhadamente na nossa edição de segunda-feira.

Mudança no crédito à habitação

Bonificações aplicam-se a construções mais caras

Os valores por metro quadrado que determinam a bonificação dos juros dos créditos concedidos para aquisição de casa própria vão ser alterados. A portaria relativa a essas actualizações será publicada brevemente e virá também esclarecer quais as incidências do recente aumento da taxa de juro nos empréstimos atribuídos ou a atribuir para aquele fim.

Os novos valores por metro quadrado serão os seguintes: até 23 contos para o escalão A, que conta com uma bonificação de juros de 3,75 por cento do Banco de Portugal e 1,5% da instituição financiadora; entre 23 e 30 contos para o escalão B que é bonificado com 2,75% pelo Banco de Portugal e 1% pela respectiva instituição; finalmente, o escalão C, que tem uma bonificação de 1,5% do Banco de Portugal, passará a ser composto pelas habitações cujo

valor por metro quadrado exceda os 30 contos.

No que respeita ao agravamento das taxas de juro, o diploma determina que ele não se aplicará aos contratos de empréstimo firmados antes desse aumento, que será coberto pelas instituições financiadoras e pelo Banco de Portugal. Fontes bancárias contactadas pelo «DL» exprimiram contudo a preocupação de que o acréscimo de responsabilidades financeiras dos bancos nacionalizados, motivado por esta decisão, venha diminuir a sua rentabilidade já de si lesada pelas restrições ao crédito impostas pelo Governo.

Nos termos do diploma, e segundo as nossas fontes, a nova taxa de juro será aplicada aos novos empréstimos que não receberão nenhuma bonificação complementar destinada a anular o efeito do aumento da taxa de juro.

“Psiquiátricos” só durante o dia

Serviços permanentes dos hospitais limitados por falta de dinheiro

Pág. 7

CEE responde a Portugal a propósito dos têxteis “É pegar ou largar”

Pág. 11

Nagasaki:

Sismo e inundações — autoridades alertam para o perigo de maremoto

Pág. 24

Continuam os combates em Beirute Philip Habib em “vai-vem” diplomático

Pág. 12



**Cá está o DL!
começa HOJE
O JOGO DO NOME!**

Nas páginas centrais do Sete Ponto Sete o leitor encontrará tudo sobre O JOGO DO NOME JOGUE CONNOSCO E NÃO SE ARREPENDERÁ

HOJE (na pág. V do Sete Ponto Sete) AS PRIMEIRAS LETRAS (cinco, por ser sábado)

Marcas que valem ouro nos fabulosos prémios

GRUNDIG FAGOR Candy PROGRESS

Representantes Oficiais no Sul do País **NR** NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.



A primeira extracção das letras do jogo

O eng. Gonçalves Pereira e o dr. Jorge Galamba, da Renascença Gráfica, no primeiro sorteio das letras para o «Jogo do Nome», que hoje se inicia no «Diário de Lisboa». Como o leitor sabe, para hoje foram sorteadas cinco letras. Em cada dia útil, de segunda a sexta-feira, serão sorteadas três!

tem a palavra o leitor

Pelo apartidarismo nas Forças Armadas

De um leitor do «DL», oficial do Exército na reserva, «mas no activo em defesa do 25 de Abril», recebemos o seguinte documento que, assinado por «um grupo de militares» e com a designação «Pelo apartidarismo nas Forças Armadas», circula actualmente nos meios militares:

«A revisão da Constituição e as suas implicações para as Forças Armadas não tem despertado o necessário interesse a muitos militares. Não obstante, as alterações que a revisão constitucional previsivelmente fará na área militar são da maior importância e têm originado a mais acesa polémica entre os partidos e os próprios órgãos de soberania.

«Essas alterações, pelas grandes repercussões políticas e militares que seguramente terão, têm merecido atenção ao Presidente da República, ao CEMGA, ao CEME e outras altas entidades militares. As suas intervenções públicas em várias ocasiões revelam preocupação com a solução entre a Aliança Democrática e o Partido Socialista, por se considerar não ser a que mais convém aos interesses do País e das Forças Armadas na situação actual.

«O presente documento, produto da reflexão de alguns militares, visa suscitar o interesse e participação de outros camaradas, na análise desta questão, vulgarmente designada de «subordinação do poder militar ao poder civil».

«Ele pretende também ser um alerta contra as eventuais e previsíveis tentativas de instrumentalização das FA's que o novo quadro constitucional facilitará.

«O sentido da revisão constitucional em curso conduzirá à passagem para o governo não só dos poderes militares do CR como também de praticamente todos os poderes militares do Presidente da República.

«A concentração quase total de poderes militares no governo não ficou evidente no início do processo de revisão. Houve mesmo o propósito de não aclarar esse facto. Pretendeu-se, inicialmente, que a nova fórmula do governo quase nada alteraria. Entretanto a discussão desta matéria foi trazida a público, gerou viva controvérsia entre os partidos, motivou intervenções públicas nomeadamente do PR, do CEMGA, do CEME. Tudo se foi tornando mais claro, nomeadamente, que a tanto empenho e a tão acalorada luta corresponderiam objectivos da maior importância. Dirigentes partidários e membros do governo acabaram por deixar ver com clareza o seu pensamento.

«— O Partido Comunista



revelou-se entusiasta presidencialista, seguramente porque o governo presente é AD.

«— O Partido Socialista revelou a sua «filosofia militar» com a publicação de estudos e anteprojeto de leis de Defesa, no chamado «pacote de Defesa de Jaime Gama». Por ele se ficou a conhecer que o pendur «civilista» levava o governo através do ministro da Defesa, a nomear os militares desde os comandos das Regiões Militares quase até ao Cabo-de-Dia.

«— O ministro da Defesa declarou na TV em 6 Nov. 81 que os oficiais a promover a oficial-general deviam ser escolhidos pelo governo.

«— O Primeiro-Ministro, no Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM) em 16 Mar. 82, declarou que as FA's deviam ser um instrumento da política do governo.

«De declaração em declaração, mais timorata ou mais imprudente, ficou-se a saber que o que se pretende é o seguinte:

«O governo escolherá os CEM's, fará as nomeações para todas as funções militares importantes, escolherá os oficiais a promover a oficial-general e, de forma mais directa ou menos directa, influirá em todas as promoções. O governo recolherá poderes actualmente pertencentes ao PR, CR e CEM's. O governo intervirá directamente na vida interna das FA's de modo a poder transformá-las num INSTRUMENTO da sua política, que como é lógico e evidente não pode deixar de ser a sua política partidária.

«O PR ficará com o poder de nomear e exonerar, no momento que o governo quiser, os CEM's que o governo escolher. Na realidade ao PR apenas é deixado um PODER CONFLITUAL com o governo e as FA's, que a ser exercido, isto é, a recusar eventualmente sucessivos nomes para CEM's, só poderá levar ao desgaste da sua figura, num processo de confrontação com a alta hierarquia das FA's de que é comandante supremo.

«De todas as declarações conhecidas não é de esperar sequer que a criação dum Conselho Superior de Defesa Nacional venha a garantir a necessária autonomia interna das FA's, em dependência funcional do PR e do governo. É de esperar que este órgão, se vier a ser contemplado na Lei de Defesa Nacional, seja apenas mais um órgão do governo para o controlo de umas Forças Armadas que insistente e injustamente se tem pretendido tornar «suspeitas» de quererem dominar o poder político.

«A discussão pública da questão militar da revisão tem ocorrido, como é natural, em termos acentuadamente ideológicos. «Têm sido, aliás, os termos

muitas vezes demagógicos, sectários, de guerrilha partidária e institucional em que ela tem decorrido, que têm afastado o interesse de muitos militares.

«Parece-nos no entanto possível destacar deste assunto político uma componente predominantemente militar e é ela que deve reter a nossa atenção como militares.

A partida e em princípio, não parece que nos devamos preocupar ou sequer «intrinsecar», como militares, na discussão sobre quais os órgãos de soberania a que deverão pertencer estes ou aqueles poderes relativos às FA's.

Como militares deveremos no entanto preocupar-nos por que as fórmulas institucionais aprovadas, garantam certos princípios fundamentais para as FA's e afinal para a estabilidade do próprio regime do País. Nomeadamente a sua **isenção partidária**, a sua não **instrumentalização**.

Toda a polémica e confrontação que se gerou em torno da «subordinação do poder militar ao poder civil» revelou haver duas concepções opostas.

— Uma que privilegia a autonomia das FA's relativamente aos partidos, de modo a que, no plano interno, cumpram uma missão eminentemente nacional, acima de grupos e partidos, ao serviço do Povo português, tomado globalmente.

— Outra que pretende subordinar (ou submeter?) as FA's ao partido (ou partidos) no Governo, de modo a usá-las como factor de apoio ou imposição da sua orientação política, isto é, instrumentalizar as FA's.

A primeira concepção corresponde nas promoções, colocações e carreira dos militares um critério de UNIDADE FUNCIONAL, próprio dos regimes pluralistas de democracia representativa. A segunda concepção corresponde o critério da UNIDADE IDEOLÓGICA que pauta a qualidade do militar pela cor do partido do Governo e é próprio das ditaduras dos vários sinais.

A primeira concepção tem, pelo que nos é dado conhecer, o apoio quase unânime dos militares. Terá com certeza o apoio dos políticos mais realistas e menos aventureiros. E, é claro, terá o apoio momentâneo dos políticos que perfilham a concepção oposta mas que, conjuntamente não vêem possibilidade de serem eles a instrumentalizar as FA's...

A segunda concepção tem o apoio de um grande número de dirigentes partidários. Tem o apoio dos que não tiraram lições do passado recente, em que as Forças Armadas, ainda que com grandes custos morais e traumatismos, souberam subtrair-se à instrumentalização política e

remeter-se à sua esfera de acção própria, a militar. Esta concepção tem o apoio de muitos que, em 1974 e 75, se opunham e bem, à utilização das FA's e dos militares para fins partidários, mas que afinal, se opunham apenas porque na altura estavam na mó de baixo! Hoje não resistem à tentação, ainda que por «via institucional» de vir a instrumentalizar as FA's a seu favor a partir do Governo, **já, ou quando chegarem a ele.**

A estas duas concepções correspondem dois MODELOS de «subordinação do poder militar ao poder civil».

A primeira concepção corresponderá um modelo com uma distribuição equilibrada de poderes militares pelos vários órgãos de soberania mas que privilegia, em termos de Comando e Direcção (e portanto de escolha dos CEM's) o PR, que é constitucionalmente o Comandante Supremo das FA's e é o órgão de soberania de vocação mais nacional e menos partidária.

A segunda concepção, civilista (ou partidária?) corresponde uma concentração de poderes no órgão de soberania mais partidário do edifício institucional, o Governo.

Se vier a vigorar o segundo modelo poderemos dizer, é certo, que se cumpriram todas as regras legais, mas cometer-se-á um perigoso erro de consequências para o País e para as FA's difíceis de avaliar. Isso não quer dizer, que nós militares, e não só nós naturalmente, não tenhamos capacidade para impedir a INSTRUMENTALIZAÇÃO, mas isso obrigará-nos a uma grande atenção, numa situação institucional francamente desfavorável e instável.

Por outro lado, enquanto a lei de revisão não for aprovada e promulgada seria muito importante que as nossas opiniões pudessem também ser conhecidas, talvez através do canal hierárquico competente, pois se trata duma opinião qualificada e que poderia talvez ajudar ainda a encontrar as decisões que mais sirvam o interesse nacional e o interesse da Instituição Militar.

Algumas afirmações públicas de governantes, trazendo talvez a sua vontade, são bastante elucidativas do seu pensamento.

Ainda no referido discurso do IAEM, o Primeiro-Ministro disse a certa altura que «não é lógico o receio de que a integração das Forças Armadas no poder político resulte na sua partidização, na medida em que o Governo de Portugal tem a responsabilidade de definir e executar a política nacional e não é o Governo de qualquer partido!...» («DN» 17MAR82. Sublinhado nosso).

Pinto Balsemão, argumentou de forma tão desastrosa que

provou o contrário do que pretendia. Na realidade, ao contrário do que diz, os Governos são sempre Governos de um ou mais partidos, salvo nas raras excepções dos Governos de independentes, e a sua política é sempre partidária, o que aliás ninguém pode contestar, ou exigir que seja outra, «nacional», pois essa política **partidária** está na base da sua própria escolha eleitoral para o Governo.

Ora o Primeiro-Ministro dá como garantia da não partidização das FA's, no caso de ir avante a passagem para o Governo dos poderes militares, a afirmação manifestamente inverídica de que o «Governo de Portugal não é o Governo de qualquer partido».

Não admira pois que argumentação tão surpreendente do Primeiro-Ministro só tenha adensado os receios de que o desejo de todos os poderes militares ao Governo, conduza «logicamente» à partidização das FA's e tem o objectivo confessado da sua instrumentalização.

Dignas de registo são também as afirmações do ministro da Defesa Nacional no Telejornal de 14JUN82, ao regressar do Brasil. Criticando o discurso do PR na tomada de posse dos novos ministros e considerando ser boa para a AD a escolha dos novos membros do Governo, afirmou com ênfase que «o que é bom para a AD é bom para o País».

Ora com a concretização do acordo de revisão entre a AD e o PS, será exactamente este MDN que reunirá nas suas mãos os mais vastos poderes sobre as FA's e não será de admirar que tenha «tendência» a considerar que o que é bom para o seu partido é bom para as FA's. Esta tendência para confundir os interesses nacionais com os do seu partido poderá ser desculpável num dirigente partidário, menos desculpável é institucionalizar-se uma dependência funcional entre as Forças Armadas e os órgãos de soberania que não as coloque ao abrigo dessas «confusões».

Percebe-se hoje melhor a pouca vontade em discutir publicamente e com frontalidade toda esta problemática da revisão. E vontade ainda menor em ouvir a nossa opinião num assunto que não nos é desconhecido (!).

Camaradas: Não deveremos aceitar que nos reservem o papel de tirar as castanhas do lume quando as coisas aquecem de mais entre os políticos. Há que estudar medidas que preservem o apartidarismo, a isenção e a dignidade das Forças Armadas de modo a garantir condições para o cumprimento da sua missão.

Um Grupo de Militares

Concurso «DL»/82

Envie as colecções até 24 de Agosto

Terminada a publicação das duas Séries de Cupões e do Boletim de Identificação, o leitor só tem agora que enviar as suas Colecções (cupões n.ºs 1 a 30 de qualquer das séries).

Lembramos que:

● O leitor deve usar apenas um boletim por cada colecção e enviar apenas uma colecção em cada envelope.

● O BOLETIM DE IDENTIFICAÇÃO deverá ser totalmente preenchido com letra bem legível, e indicar o nome do concorrente (nome completo, tal como figura no bilhete de identidade) morada e telefone (se tiver), bem como (o que é facultativo mas se recomenda) o nome do vendedor ou estabelecimento onde adquire o seu jornal.

● O TALÃO RECIBO deverá ser igualmente preenchido com a morada correctamente indicada (não corte nem separe da metade superior) e, no caso de o concorrente desejar a devolução do mesmo depois de numerado terá de juntar um selo de correio de 10\$00. Coloque o selo visivelmente junto do Boletim, de forma a não o inutilizar (não use fita gomada, não agramete e não cole).

● O PRAZO DE ENVIO termina em 24 de Agosto de 1982 (data do carimbo do correio) e as colecções devem ser enviada para

DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

● O ENVIO PELO CORREIO é obrigatório nos termos do regulamento, não se aceitando em nenhum caso entregas pessoais, pois é necessário o carimbo do correio para determinar a data de recepção das colecções.

● O APURAMENTO DAS COLECÇÕES será feito entre 3 e 10 de Setembro sendo esta última a data prevista para o sorteio.

DL

ASSINATURAS E NÚMEROS ATRASADOS
Rua Luz Soriano; 17

Horário: 09.00 às 13.00 e 14.00 às 17.30

ENCERRADO AOS SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS



Gentes e Paisagem

Mas eu disse que perdoava

Dias de Melo

Noite de Inverno. Artur Bugalho, deitado ao lado da mulher, a senhora Genoveva, debaixo dos cobertores felpudos e da colcha pesada de retalhos vários no envergão cheio de casca de milho desfiada miudinha, o vento rijo a sacudir a casa, o tecto, as portas e as janelas de madeiras velhas e sem tinta, a chuva grossa a apedrejar as telhas e a escorrer pelos vidros, alguns rachados, o mar embravecido a trovejar na costa próxima, na baía, na Baixa das Lagostas, no Poceirão, vira-se a uma banda, vira-se à outra, «que temporal que tá, isto é um ciclone, ainda vai dar muito que falar, e este monte de carne pegado no sono que nem ua poita». Um monte de carne — quando se casaram há melhora de quarenta anos, o corpinho mais bem feito e o palmeinho de cara mais lindo da freguesia, não havia outro, e vieram os filhos, treze ao todo, nove estão vivos, quatro rapazes e cinco raparigas, emigraram para o Canadá, e vieram os trabalhos, e vieram os penares, cresceram pelos anos fora, e a senhora Genoveva já nem saúde tem para gozar o descanso e a farturinha que lhes trazem as dolas abundantes que os filhos, os filhos e as filhas sem uma falha, mês a mês lhes mandam, «filhos da minha alma que nunca se esquecem da gente, louvada seja Deus». Artur Bugalho mais uma vez se vira na cama, apetece-lhe fumar, tem os cigarros na algibeira das calças penduradas num prego do frontal, «levanto-me, não me levanto», deixa-se ficar no choco dos lençóis, «ele tá mesmo frio», uma refrega de vento quer arrombar a janela, «mas cma que tão a bater à porta, quem será a estas horas e com um tempo destes?», Artur Bugalho fica-se à escuta, «isto é a minha cabeça, já tou a ficar tonto, só um doido se metia por esses caminhos nua noite assim e com este escuro de cortar à navalha», afita a orelha sem querer acreditar no que lhe parece ouvir, e — tá-tá, tá-tá — «nã senhor, não é a minha cabeça, ele é gente a bater à porta da sala de fora», passa a mão pela ministra (1), taceia, toca na lamparina, «raio de fósforos, onde os terá encantado esta bendita?», sacode a senhora Genoveva, «ó mulher, acorda, que fizeste ós fósforos? e é que este monte de carne ressona que nem ua baleia grande a bufar». Os rugidos do vento, a chiadeira da chuva, a trovada do mar, pancadas na porta, tímidas, insistentes, Artur Bugalho deixa cair as pernas vestidas nas ceroulas de flanela pela barra abaixo, os pés nus tocam o soalho, o gelo do soalho arrepea-lhe os pés, levanta-se, vai às apalpadelas, mesmo descalço, mesmo sem amarrar os atilhos das ceroulas, tropeça, torna a tropeçar, «que escuridão, louvado seja o Senhor!», na cozinha procura, sempre às apalpadelas, sempre aos tropeções, aqui, ali, procura no buraco da parede por riba do canto do lar, procura à beira do borralho, morrinham ainda brasas debaixo das cinzas mortas, procura nesta prateleira, naquela, encontra-os no postigo húmido por trás da amassaria, volta ao quarto, risca o primeiro, logo se apaga, o segundo, e o segundo se apaga, outro, e outro, muitos, todos se apagam, «malditos fósforos, tão ensoçados em água», risca mais um, acaba por fazer lume, curva-se, tira a chaminé à lamparina, levanta-lhe a torcida, acende-a, uma luz de defuntos bruxuleia e se derrama no quartinho estreito, enfia as calças, cobre-se com o alvacoto (2) só por sobre a camisa de dentro, de flanela também, a chuva, o mar, o vento, e o vento coa-se pelas frinchas da janela, a chama pequenina e arredondada da lam-

parina bambleia, calça nos pés sem meias as botas de coiro, os filhos é que mandaram, vieram novinhas, segura na mão esquerda a lamparina, passa à sala de fora, detém-se ao pé da porta fechada, a chama da lamparina dança no bocal, por dentro da chaminé a defumar-se, quem quer que seja bate e torna a bater, como que a medo,

— Quem tá í?

— Gente de paz...

Voz de velho, arrastada, cansada, ansiosa, presa na garganta, Artur Bugalho, «eu conheço, esta voz, lá que conheço, conheço, nã m'alembra é agora quem seja», dá a volta à chave, puxa o ferrolho, «um home tem que se trancar bem trancado, ninguém vem pôr nada em casa de ninguém», escancara a porta, uma rabanada de vento quase apaga a lamparina, sacode, abana, no frontal, madeira de criptoméria que nunca foi pintada, os postais, o calendário antigo, as fotografias penduradas, o luxo da senhora Genoveva, postais coloridos com vistas do Canadá, coisas bonitas, «aquilo sempre são outras terras», o calendário antigo com um veleiro de quatro mastros a navegar, torrado em pano, em temporal desfeito, a crista de uma vaga cobre-o a meia-nau, as fotografias, numerosas, com os filhos, as filhas, cada um junto do seu espadalhão, todos com dolos nos sorrisos satisfeitos nas caras abolachadas e nas vestimentas boas nos corpos anafadinhos, «ricos filhos, se nã se fossem daqui nunca tinham senão merda», uma onda de chuva rola pelo tabuado, e aquele vulto lá fora entrouxado em roupa...

— Boa noite, Artur...

Artur Bugalho, «eu bem dizia que conhecia esta voz, pois ele não é ti João Alho Branco? Anda nos noventa, pra mais que não pra menos, que virá aqui fazer a estas horas e nua noite destas?»

— Ó ti João! Entra! Entra! depressa, eu quero fechar a porta, o vento leva-me tudo pelo ar. — Ti João Alho Branco entra devagar, custa-lhe andar, fica-se logo ali, de pé, a água escorre-lhe do chapéu, do alvacoto, as calças, das botas, faz um lagoeiro no chão. — Ó ti João que se sente.

Ti João Alho Branco que não.

— Quero-te só dizer ua palavrinha.

— E vinhestes a estas horas, com um tempo destes, por esses caminhos e por esta escuridão de breu só pra me dizerdes ua palavrinha?

— «Tá malzinho da cabeça» — Nã podia ficar pr'amanhã?

— Tem que ser hoje.

— Temque ser hoje?!

— Tem. Eu nã posso comer, nã posso dormir, tou nos mês fins, quero morrer descansado, tenho-te que dizer hoje...

— Então dize. Mas sentai-vos, sentai-vos.

Ti João Alho Branco não se senta, ali imóvel, olhos baixos, nariz comprido e afilado, rosto encarquilhado, queixo aguçado, lábios finos arroxeados, barba velha de muitos dias, cabelos brancos espetados por sob o chapéu negro e surrado, ombros acolhidos, as almanjarras dos braços caídas ao longo do corpanzil esgalgado, espapaçado, dobrado para a frente, Artur Bugalho, «este velho uma que traz um moleado de pavores a esborrachar-lhe a alma», lá fora o vento e a chuva azuniam, guincham, «nem que sejam almas do outro mundo, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo», o mar na costa «é, mal comparando, um monte de peças de artilharia a ribomdar, alembra-me de quando tive no castelo», na sala de dentro a senhora Genoveva ressona, é um ressonar aflautado, assobiado, roncado, bufado, «aquele monte de carne é mesma ua poita arriada ô fundo, que diabo que

quer dizer este velho?, tivemos uas encrencas, ôs tempos qu'isso foi, ua coisa que, hoje, nem vale um peido».

— Ó ti João!

— Anh?

— Que é que o ti João me quer dizer?

— Ah! É que...

— ...? ...

— ...

«Velho taroco, Deus me perdoe, diz o que tens a dizer, despacha-te, eu nã tou pra tar aqui de plantão, quero-me d'ir deitar, tou encarrilhado com frio», e Artur Bugalho olha a janela da empena, a chuva entra, respinga pela racha de um vidro, pelas gretas do caixilho, faz bolhas, escorre no peitoril, empoça na soleta, alastra, «tã mas é a minar pelas juntas do soalho, vai-me estragar as novidades que tenho na loja, já havera de ter arranjado estas janelas, e agora não é que me falte com quê», ti João Alho Branco leva a mão insegura à algibeira interior do casaco, estende-a, notas enovelhadas nos dedos, a Artur Bugalho:

— Pega, Artur. Este dinheiro é teu. Devo-to. Pega-lhe e perdoa-me, isto tá pra louco e nã posso aparecer diante de Nosso Senhor sem fazer isto e sem me perdoares. — Palavras trémulas, suplicantes.

Artur Bugalho, «nem tou em mim, é o que dizia, este velho nã tá bom da cabeça, coitado, Nosso Senhor nos conserve o nosso juízo intê à hora da nossa morte».

— O ti João tá brincando, pra que quero eu esse dinheiro e que tenho que vos perdoar?

E ti João Alho Branco, mais trémulo, mais encolhidinho, mais pequenino, mais suplicante:

— Tens que querer! — Fazia por meter as notas na mão de Artur Bugalho. — Pega neste dinheiro, Artur, pega-le, pelo amor de Deus, e perdoa-me! É ua esmola que me fazes.

A chuva, o vento, o mar na costa, a senhora Genoveva a ressonar na sala de dentro, Artur Bugalho não compreende, não acredita, «este velho nã e deve nada, as encrencas que tivemos, foi por causa d'ua renda d'uas terras, são coisas da vida, cada um pede pelo que é seu aquilo que entende, e, ôs anos qu'isso foi, águas passadas nã fazem correr riberias».

— Não, ti João, eu nã quero o vosso dinheiro...

— Artur! É ua esmola! Recebe este dinheiro! E perdoa-me! Perdoa-me, Artur! — e havia lágrimas na fala murmurada de ti João Alho Branco.

— Ti João, eu nã pego nesse dinheiro, intê que, já precisei, mas hoje, graças a Deus e graças ôs meus filhos, nã preciso. E se tündes algua coisa que vos perdoe, nã sei o que possa ser, mas, seja lá o que for, ide-vos em paz que estais perdoado. Ti João Alho Branco dá um passo, agarra nas golas do alvacoto de Artur Bugalho, sacode-o, Artur Bugalho quase deixa cair a lamparina, ti João Alho Branco chora:

— Artur, eu sei que nã precisas. Eu é que preciso que faças a esmola de pegar neste dinheiro e me perdoar. — As mãos caem-lhe, a fala sai-lhe num soluço. — Eu devo-te este dinheiro, Artur! Eu roubei-te este dinheiro, Artur! Lembra-te daquelas terras que te arrendeis? Lembra-te? Tiveste-as cinco anos, deixaste-as, faz hoje mesmo, trinta e cinco anos. Marqueei-te a renda a duzentos mil réis, nos cinco anos pagaste mil escudos. Dai até agora, trinta e cinco anos, ô juro de dez por cento, cem escudos ô ano, são três mil e quinhentos escudos. Mais os mil escudos da renda, dá quatro contos e quinhentos. Tenho que te dar este dinheiro pra trás pra poder aparecer descansado ôs pés de Nosso Senhor, porque

este dinheiro foi um roubo que te fiz! Tens que lhe pegar e tens que me perdoar!

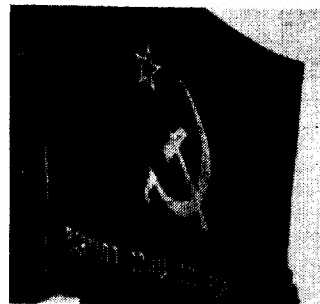
Artur Bugalho, «eu tou mas é pra asno».

— Ó ti João, negócios são negócios, as terras eram vossas...

— Ai é que te enganas, Artur! As terras não eram minhas. Não eram, nem são. Chamam-lhes as terras da Bispa, e são as terras da Bispa, ali da Canada da Igreja. Quando embarcou pr'América, isto, hoje, há-de haver melhora (3) de sessenta anos, ela intê já morreu, deixou-mas pra tomar conta delas. Mais tarde, escreveu-me, que tava munto bem da vida, que nã precisava do que tinha aqui, que desse as terras a um pobre, que nã le cobrasse nem um dez reis de renda, que me havia de mandar dolas prãs contribuições, nunca me faltou, e à larga, ainda me crescia bastante, e eu... Eu roubei-te! Roubei-te, Artur, nã tive dó de ti, e tanto que precisavas que te ajudassem! Perdoa-me! — um grito dilacerado como uma chaga em carne viva. — Perdoa-me, Artur! Perdoa-me e aqui tens que é teu.

Artur Bugalho, golfadas de raiva viravam-lhes as entranhas, «grande malandro!, quem te deitasse os dez mandamentos a esse gasganete!... Era no tempo em que tinha em casa aquela cardumada de filhos, treze que lhe nasceram, aquilo era um fora outro dentro, e vieram os penares, as fomes, as doenças, não tinham de seu donde arrancassem milho que lhes chegasse, almas caridosas, sempre as há, deram-lhes uns miolinhos para cultivarem de graça. Artur Bugalho ainda teve que arrendar uns cerradinhos, arredou as terras da Bispa a ti João Alho Branco, nem sonhava que não fossem dele, esperava tê-las em conta, levou-lhe duzentos mil réis, ao tempo uma renda pesava, os dinheiros eram escassos, só a soldada da baleia, Artur Bugalho era baleeiro, duzentos, trezentos, quatrocentos mil reis pagos no fim do ano, às vezes dois a três anos mais tarde, era a soldada da baleia e era um dia para fora(4) quando calhava, logo que o chamavam lá estava, cinco mil reis a mo-lhado(5), sete mil réis a seco(6), tudo junto uma miséria, mal dava com que mercar, roupa para vestir aqueles corpinhos todos, depois, de uma vez, esteve seis meses bem acrescentados de cama, tolhido de reumatismo, a senhora Genoveva adoeceu também, até os espíritos tomaram conta dela, a alma penada do avô pela banda do pai, ficou doidinha, «salvo seja», Artur Bugalho, «quem fosse co ela daqui fora», arranjou uns centos de escudos emprestados, levou-a à Terceira, a senhor Monteirinho de Cima da Rocha, «um home que falava c'os espíritos e de munto bom coração, o Governo mandou pôr ua pedra c'o seu nome na casa em que viveu, lá tá pra quem a quiser ver», veio melhorzinha, foi sol de pouca dura, outros males apareceram, Artur Bugalho, com tantos gastos e tantas dívidas, custava-lhe pagar aquela renda de duzentos mil reis, ia falar a ti João Alho Branco, era, todos os diziam, uma santa criatura, muito bem ensinado, nunca faltava à sua missinha nem à sua novena, nunca passava pelo Santíssimo Sacramento sem fazer a sua reverência e dobrar o seu joelho muito bem dobrado, confessava-se a miúdo e a miúdo tomava Nosso Senhor, cantavana capela, tinha uma voz piedosa, nas procissões pagava sempre a uma vara do pálio, «há-de ter caridade, perdoa-me, lá isso é que perdoa parte da renda, se não toda, ou, pelo menos, há-de esperar uns tempozinhos», e ti João Alho Branco que não, que não perdoava nada

ponto a ponto



● A comissão conselho de Leiria do PCP realizou ontem, no auditório do orfeão daquela cidade, um colóquio sobre revisão constitucional, com a participação do deputado Octávio Teixeira.

● O major Sousa e Castro afirmou ontem que aceitaria o debate com o PS, no dia 27 (data proposta pela televisão), mas só se Mário Soares estivesse presente e se aquele fosse transmitido em directo. Referindo-se ao nome de Jaime Gama, proposto pelo PS para o referido debate, Sousa e Castro afirmou que «Jaime Gama pode ir, mas tem de ir acompanhado por Mário Soares. As minhas críticas — acentuou — são à direcção do PS, cujo primeiro responsável é Mário Soares».



● A secção dos ferroviários sociais-democratas da Área Metropolitana de Lisboa afirmou ontem que na CP «campeia a irresponsabilidade, a incompetência e o compadrio». Aqueles trabalhadores consideram ainda que o ministério da tutela e a gerência da CP «têm vindo a implantar na CP a inoperância da exploração, o compadrio político com a Inter/PCP nas relações laborais, a desmotivação dos trabalhadores e a indiferença perante a corrupção».

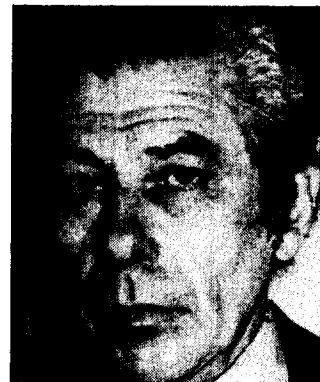
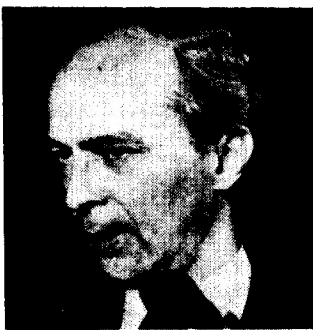


● Fraústo da Silva, ministro da Educação, disse ontem em Pombal, que é necessário criar novos caminhos no ensino apontado para uma via profissionalizante. Aquele membro do governo, que falava numa sessão de inauguração das festas «Agro-Bodo», afirmou ainda que a juventude espera que as suas esperanças não sejam defraudadas e por isso garantiu que o que for prometido será cumprido.



● Partiram ontem, para Viena, onde participarão na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que hoje começa, o doutor Almeida Leça e a representante da Secretaria de Estado da Família, Helena Maria Rebelo Pinto.

● O ministro da Justiça, Meneres Pimentel, inaugurou ontem, em Santo Tirso, o edifício onde funciona o Tribunal do Trabalho local. Meneres Pimentel, que se encontra de visita ao norte do País, anunciou a criação de alguns tribunais da competência especializada. No que respeita à Câmara Municipal de Lisboa, o titular da pasta da Justiça anunciou a criação do Tribunal de Trabalho e de um juízo policial com sede na Amadora.



● O ministro de Estado e da Qualidade de Vida, Ribeiro Telles, empossa na próxima terça-feira, dia 27, às 15 horas, na Sala dos Espelhos do Palácio Foz, o doutor Vítor Marcos Duarte de Barros no cargo de secretário-geral do Ministério da Qualidade de Vida.

Gentes e paisagem

Continuação da pág. 3

nem que podia esperar, tinha a sua vida e prazos são bugalho, «é pagar ou largar», Artur Bugalho fez das tripas coração, pagou, pagou e largou, estas as encenadas que teve com ti João Alho Branco, há trinta e cinco anos, «como o tempo passa», e foi quando as coisas mais apertaram e lhe morreram os quatro filhos, «pobres anjinhos, adoeceram e morreram, foi atrás uns dos outros, a doença deles era fome e este malandro é que os matou à fome...»

— Ó Artur! Artur! — A senhora Genoveva acaba de acordar, fala ensonada do outro lado do frontal. — Que fazes aí fora? Quem é que tá contigo?

— Fecha-me essa jaja(?), excomungada! — «Deus me perdoe, excomungado é este papa hostias, o diabo que te carregue, maldito!» — Ó ti João, a gente não temos mais que falar. Ide-vos desta casa.

Ti João Alho Branco cai de joelhos, lágrimas gradas como bugalhos rolam-lhe pela barba grande, a voz é um gemido, uma súplica angustiada:

— Pelas almas dos teus lá tens, pela santa saúde dos teus filhos, Artur, fica co este dinheiro! Fica co este dinheiro e perdoa-me!

O vento, a chuva, o mar.

— Não fico co esse dinheiro. Não ficava co ele, nem que precisasse, nem pra salvar a própria vida.

— Vou-to deixar aqui — e vai pô-lo no chão.

— Não experimenteis, ti João, que vo-lo faço engolir pelas goelas abaixo. E perdoar... perdoar... Tá bem... tá bem... perdoar... Perdoar, mas ide-vos embora. Levantai-vos e ide-vos embora, e já.

Ti João Alho Branco levanta-se, a custo, muito a custo, os olhos terrivelmente abertos, a boca sem dentes terrivelmente escancarada num esgar de desespero:

— Mas eu não posso comer, não posso dormir! Cma é que eu vou aparecer, naquele dia, naquele dia!, diante de Nosso Senhor, Artur! Pega neste dinheiro, não o queres, dá-o a um pobre!

Artur Bugalho não aguenta mais, ti João Alho Branco enoja-o:

— Ti João, já disse que vos perdoava — «sei lá se le perdoar...», o dinheiro, não no digo nem mais uma vez, não fica, não no quero nesta casa. Fazei dele o que entenderdes, dai-o a um pobre, dai-o o diabo, dai-o a quem vos der na real gana, limpai co ele o rabo, mas ide-vos embora! Ide-vos embora, ti João, antes que...

Ti João Alho Branco, o mar na costa é uma trovada da fim do mundo, arrasta os pés, trôpego, cambaleante, mete-se à noite, ele é quase uma hora da madrugada, ao vento, à chuva, à escuridão, à lama do caminho.

Artur Bugalho fecha, tranca a porta, vai-se deitar, «Ladrão! ladrão e assassino que foste tu que me mataste os meus meninos à fome! Perdoar-te... O diabo que te perdoe!» — Um inferno de raiva a escachar o peito, a cabeça de Artur Bugalho. — «O diabo que te perdoe... Mas eu disse que perdoava...»

(1) Ministra: mesinha de cabeceira;

(2) Alvacoto (do inglês Overcoat); sobretudo;

(3) Melhora: mais de;

(4) Um dia para fora (dar um dia, ou dias para fora) trabalhar por conta alheia, à jorna;

(5) A molhado: trabalho em que o patrão é que dá a comida aos trabalhadores;

(6) A seco: trabalho em que os trabalhadores se sustentam à sua custa;

(7) Fecha-me essa jaja: cala-te, fecha-me essa boca (Jaja); buraco redondo, com cerca de dois centímetros de diâmetro, no fundo das embarcações, bem rolhado no mar, abrem-no, quando as acabam de varar, para as esgotar da água que trazem dentro).

comunicação social

Verba estatal de 150 mil contos para nova agência?

Responsáveis da "Porpress" declaram-se contra o monopólio do sector

Com a assinatura ontem, por parte de 21 empresas de comunicação social de um contrato-promessa para a criação de uma nova agência noticiosa, denominada «Porpress», e com a promessa eventualmente feita, por José Alfaia, de que atribuiria a esta agência um subsídio de 150 mil contos, duas hipóteses se levantam: ou a «Porpress» é parte integrante e justificadora do plano de Alfaia destinado a extinguir a ANOP ou, o que foi frisado por alguns dos assinantes do contrato, a nova agência surge como resposta à situação de monopólio do sector, coexistindo assim, no futuro, com a ANOP, duplicando deste modo o Estado as suas despesas com agências noticiosas.

A «Porpress», que terá «forma de cooperativa», deverá estar montada dentro de 60 dias, estando previsto o início do seu funcionamento para os meses de Setembro e Outubro. Os cooperantes, as 21 empresas referidas das quais 9 são públicas e 12 privadas, entrarão cada uma com uma cota de 250 contos, sendo no entanto considerado por Macedo e Cunha, presidente do Conselho de gerência da Empresa Pública dos Jornais Notícias e Capital (EPNC), que é também coordenador do grupo de trabalho que está a lançar a «Porpress», que o serviço de uma agência noticiosa é evidentemente um serviço público que, portanto, deve ser financiado pelo Estado.

A verba a atribuir pelo Estado à nova agência, que será negociada na próxima semana embora fontes próximas dos cooperantes afirmem que José Alfaia já prometeu a estes 150 mil contos, foi também considerada por Macedo e Cunha como fundamental para que as intenções ontem assinadas passem à prática.

No entanto, o presidente da EPNC afirmaria, no acto de assinatura que decorreu em instalações da RTP, na Rua de S. Domingos à Lapa, atribuídas à «Porpress» como sede provisória, que o «Estado não tem nem poderá vir a ter qualquer participação na nova agência e que nela predominam as empresas de Comunicação Social ou seja, os seus utentes, e entre estas predominam os jornais privados».

Os 21 cooperantes, que ontem assinaram o contrato-promessa, são: a Radiodifusão Portuguesa, a Radiotelevisão, a EPNC, a Empresa do Diário Popular e as empresas proprietárias dos jornais Jornal de Notícias, Comércio do Porto, Correio da Manhã,

Primeiro de Janeiro, Diário de Lisboa, A Tarde, O Tempo, A Bola, Record, Gazeta dos Desportos, Norte Desportivo, Expresso, e ainda a Rádio Centro, a Marconi, os Correios e Telecomunicações e Telefones de Lisboa e Porto.

Monopólio

A razão do aparecimento da «Porpress» foi justificada por Macedo e Cunha como sendo esta «a resposta ao monopólio do sector em Portugal». Também Ruella Ramos, proprietário da Renascença Gráfica, afirmaria que «as circunstâncias determinantes da constituição da agência cooperativa estão dependentes da atitude que o Estado assumiu em relação à ANOP, não devendo a cooperativa ser, pela sua constituição, um argumento a favor da extinção da ANOP».

Esta é aliás a convicção existente entre os trabalhadores da ANOP que consideram que a extinção da agência deixaria a «Porpress» numa situação de monopólio que os seus responsáveis declaram recusar.

A nova agência irá ter 123 trabalhadores, 70 dos quais jornalistas, podendo alguns ser recrutados na ANOP, apesar de se ter frisado que se trata de um processo completamente independente da agência existente.

Dívidas à ANOP

Os trabalhadores da ANOP interrogam-se, entretanto, das razões que levam as empresas constituintes da «Porpress» a dispor de capitais para financiar uma nova agência quando devem à ANOP alguns milhares de contos.

Tal acontece com a RTP e a

RDP, que devem à ANOP respectivamente cerca de mil e 1025 contos. Perante os jornais a Empresa do Notícias e da Capital é a que mais deve (700 contos), logo seguida do Primeiro de Janeiro (360 contos), da Tarde (350), do Norte Desportivo e do Correio da Manhã (200 contos cada) e do Jornal de Notícias (230 contos).

Outros jornais devem dinheiro à ANOP — acusam os órgãos representativos dos trabalhadores da agência — como é o caso do Diário Popular (190 contos), Gazeta dos Desportos (100 contos) e outros com dívidas menores, apesar do serviço sempre lhes ter sido fornecido, a preços extremamente baixos.

Os órgãos representativos dos trabalhadores da ANOP afirmaram que a agência não teme a concorrência de outra estrutura informativa visando fins idênticos, mas salientam que essa concorrência tem de existir de forma correcta e sem as interferências nocivas à actividade da ANOP que são as declarações públicas de José Alfaia, que vieram desestabilizar e prejudicar o funcionamento normal da agência.

Jornais tomam posição

A assinatura do contrato-promessa para a constituição da Porpress é hoje largamente noticiada pelos matutinos, tendo alguns deles tomado posições críticas face à constituição da nova agência. Estão neste caso o «diário», o «Portugal-Hoje», e «O Dia», qualquer deles afastados do processo de constituição da referida agência.

Assim «o diário» considera que a assinatura do contrato «inicia golpe contra a ANOP» e acusa os jornais, que participaram naquela, a rádio e a televisão de serem «cúmplices na manobra». Por sua vez, o «Portugal-Hoje» considera que o plano de José Alfaia contra a ANOP é o «mais grave ataque desencadeado contra a comunicação social estatizada».

Também o «Portugal-Hoje» considera que para «não conceder o monopólio do sector à Porpress o Estado terá de manter em funcionamento a ANOP,

pelo que os encargos com as agências noticiosas duplicarão». Para o mesmo jornal, a constituição da nova agência e as repetidas informações de fecho da ANOP cria uma situação que se poderá complicar, nomeadamente com a hipótese de Ramalho Eanes não promulgar a extinção da ANOP ou a alteração dos seus estatutos. Restaria assim, afirma o «Portugal-Hoje»,

ao Governo, mandar os trabalhadores da ANOP para casa, criando um novo caso «Século».

«O Dia» refere-se à constituição da nova agência como um facto já «esperado», mas afirma, no entanto, que tal acontece depois «de muitos subterfúgios, de algumas meias-palavras e de poucas declarações conclusivas».

Também o PCP toma posição

Também o PCP, através de uma nota da Secção de Informação e Propaganda, tomou posição face à eventual extinção da ANOP. É o seguinte o conteúdo da nota ontem divulgada:

«1. O secretário de Estado José Alfaia tem vindo a afirmar, em sucessivas declarações à imprensa nacional que está em preparação uma alegada «reestruturação» da Agência Noticiosa Portuguesa ANOP/EP, admitindo o recurso a despedimentos.

«2. O sentido final dessa «reestruturação» tem sido mantido no mais absoluto secretismo, à margem do actual Conselho de Gerência e das estruturas representativas dos trabalhadores da Agência, em frontal violação do Estatuto da ANOP/EP e da Lei das Comissões de Trabalhadores. O secretário de Estado tem, sistematicamente, recusado o diálogo com os trabalhadores e furtou-se ao controlo democrático da sua actividade governamental pelo respectivo Conselho de Informação e pela Comissão Parlamentar de Comunicação Social. Os esclarecimentos pedidos ao Governo pelo PCP e por outros partidos continuam sem resposta.

«3. A actividade da ANOP/EP tem conhecido uma contínua degradação desde que a AD se encontra no Governo, não só no plano de ingerência política no seu noticiário, como na recusa em dotá-la com os meios financeiros mínimos, ou a simples aprovação do seu orçamento para o ano em curso, — ou que contribuiu para agravar a dependência da Agência face ao Go-

verno e implica a paralisação, ou o retrocesso, dos seus projectos de desenvolvimento técnico e informativo.

«4. Ao mesmo tempo que prepara uma «reestruturação» ilegal da ANOP/EP que, face às informações disponíveis e não desmentidas, consistiria na sua simples destruição, o Governo promove a criação de uma agência informativa privada (com elevados custos de implantação), que se dispõe a financiar generosamente, quer directamente, quer através da participação nessa nova agência de outros órgãos do sector público da Comunicação Social.

«5. A ANOP/EP é uma empresa pública cujo Estatuto, aprovado por unanimidade pela Assembleia da República, define claramente os princípios a que a sua actividade informativa deverá obedecer, nomeadamente a isenção, a objectividade e o pluralismo. Como empresa pública da Comunicação Social de um Estado democrático, a ANOP/EP tem um papel de relevo a desempenhar na imagem internacional do nosso país, na ligação do Continente com as Regiões Autónomas e entre todos os portugueses dispersos pelo mundo, no aprofundamento do conhecimento recíproco entre todos os países de língua portuguesa.

«6. Independentemente dos erros de gestão cometidos e dos condenáveis critérios informativos que o Governo AD procura impor-lhe, a ANOP/EP desempenha uma função necessária ao Estado português que nenhuma agência privada substitui. Ela não pode, portanto, estar sujeita a manobras de cariz partidário, fomentadas pelo desenfreado apetite pelo controlo e manipulação da Comunicação Social, gerador de uma desestabilização que afecta não só o legítimo direito ao emprego de todos os seus trabalhadores, como os próprios interesses do País.

«7. A SIP do PCP denuncia a ilegalidade e o secretismo que envolve esta manobra cujo objectivo é destruir a ANOP/EP e preparar as condições para que o domínio da AD sobre a Comunicação Social se prolongue para além do seu afastamento do Governo. Contra tal manobra se têm manifestado os trabalhadores da ANOP, numa afirmação de unidade e firmeza merecedora do apoio e solidariedade.

«8. Só uma agência de notícias isenta e independente do poder político e económico estará em condições de desempenhar as funções estatutariamente atribuídas à ANOP/EP e que, com uma verdadeira reestruturação, meios financeiros apropriados, a vontade dos seus trabalhadores, a Agência Noticiosa Portuguesa poderá cumprir, como empresa pública da Comunicação Social, ao serviço do Portugal democrático.»

Sobre a constituição de uma agência noticiosa

Foi assinado, ontem, o protocolo de intenções relativo à constituição de uma agência noticiosa que terá a forma social e o estatuto de uma cooperativa. Subscreveram o protocolo 21 futuros sócios cooperadores: a RTP, a RDP, a Marconi, empresas jornalísticas estatizadas e privadas. A «Renascença Gráfica — Diário de Lisboa» subscreveu o protocolo com as seguintes reservas:

«1. O «Diário de Lisboa» está de acordo com o princípio de que uma agência nacional de Imprensa deve, logo pela constituição, garantir a sua independência. Para atingir esse objectivo a fórmula mais indicada será a constituição de uma cooperativa integrada pelos eventuais utentes dos serviços da Agência.

«2. Não foi esta a orientação que se adoptou aquando da criação da ANOP. Foi então confiada a uma empresa do Estado a função de agência nacional de Imprensa. A ANOP ocupa um espaço no qual uma cooperativa lhe seria concorrente. A duplicação não se justifica. Donde a constituição de uma cooperativa na qual participem órgãos de Comunicação Social, utentes dos respectivos serviços, implicar que o espaço ocupado pela ANOP possa ser considerado livre.

«3. Não cabe ao «Diário de Lisboa», ou a outros órgãos de Comunicação Social, que não tiveram interferência na constituição da ANOP e não interferem na sua gestão, apreciar a problemática do seu saneamento financeiro ou da impossibilidade da sua manutenção. Todavia, a constituição

de uma cooperativa que venha preencher as funções que a ANOP vem desempenhando, terá que tomar como ponto de referência a sua manutenção ou extinção.

«4. Do enunciado anterior resulta que as circunstâncias determinantes da constituição de uma Agência Cooperativa estão dependentes da atitude que o Estado assumiu em relação à ANOP, não devendo a Cooperativa ser, pela sua constituição, um argumento a favor da extinção da ANOP, mas, ao invés, a eventual extinção da ANOP um argumento a favor da constituição da Agência Cooperativa.

«5. Por outro lado, a Cooperativa só terá validade se, aberta a todos os utentes, contar, em termos a definir, com um subsídio do Estado que não seja condicionado ideologicamente, formalmente, ou pela criação de estruturas de apreciação e de controlo.

«6. Só a independência rigorosa, na forma e nas estruturas, poderá garantir os interesses do Estado e da Imprensa com inteiro respeito do pluralismo democrático.»

Considerando a sua integração na Cooperativa, a título pleno, dependente da satisfação dos condicionamentos expressos nas reservas formuladas, a «Renascença Gráfica — Diário de Lisboa» subscreveu o protocolo. Foram firmantes, em sua representação, o dr. A. P. Ruella Ramos e o eng.º J. M. Gonçalves Pereira.

Expressamente confidencial

- De passagem por Lisboa, assistiu à reunião do Conselho Nacional do PSD, o dr. José Vitorino que, de ouvidos devidamente tapados, tenciona gozar umas curtas férias no Algarve, sua província natal e eleitoral. Não poderá refazer-se das canseiras das suas viagens e ter o merecido repouso. As comunidades portuguesas, de cinco continentes, chamam-no. Todas querem a sua presença, a sua palavra, as suas recepções.
- O dr. António Maria Pereira não se conforma com as atitudes e escolhas do dr. Francisco Pinto Balsemão. Com efeito, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pela segunda vez, o dr. Balsemão colocou um «independente». Quando tinha à mão um dependente. Dependente do PSD, claro.
- Não se confirma que o «presidente director-geral» da nova agência noticiosa seja o jornalista Nuno Rocha. Consta, todavia, que está na lista do futuro Governo da presidência do doutor Freitas do Amaral. Seria — ao que consta em várias capitais europeias — o mais credenciado candidato para ministro da Coordenação Económica e do Turismo.
- O eng. Ângelo Correia — o que terá provocado consternação nos meios governamentais — desistiu de ser raptado por terroristas internacionais. Por outro lado, o exame feito a alguns ovos que o terão atingido, em zona subversiva do Norte do País, não permite afirmar que sejam de galinhas vermelhas.
- Os militares, segundo nos informam, preparam uma homenagem ao seu ministro da Defesa Nacional. Há quem pretenda que o doutor Freitas do Amaral seja graduado em general de quatro estrelas para facilitar as inspecções aos quartéis.
- A escritora Natália Correia está muito aborrecida. Não tem notícias do processo disciplinar que, como deputada, lhe foi instaurado pelo seu partido: o PSD.
- De meios próximos do secretário-geral do Partido Socialista, negam, terminantemente, que o dr. Mário Soares ande a receber lições de pesca à linha com os deputados César Oliveira e Manuel Alegre.

Direcção socialistas reuniu-se ontem e hoje

Período de transição divide Comissão Política



O início dos trabalhos da Comissão Nacional do PS, esta manhã

Ao fim da manhã reuniu-se no Largo do Rato a Comissão Nacional do PS, para discutir questões relacionadas com a revisão constitucional e, ainda, com o caso Salgado Zenha.

Esta reunião segue-se a outra, da Comissão Política, que se realizou ontem à noite e em que estes assuntos foram também abordados.

Não houve comunicado final desta reunião, mas o «DL» apurou que os dirigentes socialistas aprovaram uma moção interna proposta pela Comissão Permanente e apresentada por Almeida Santos, que ratifica as decisões tomadas no processo de revisão constitucional, nomeadamente no que se refere ao período de transição e à extinção do Conselho da Revolução.

Quatro elementos da Comissão Política não votaram e outros, afectos ao ex-Secretariado, abstiveram-se.

A Comissão Política decidiu também, novamente com a oposição do ex-Secretariado, delegar na Comissão Permanente do partido todas as decisões relativas ao caso Salgado Zenha, incluindo as negociações com a Comissão de Conciliação que foi iniciativa da Comissão Nacional de Conflitos.

Outra duas moções sobre a extinção do Conselho da Revolução estiveram em discussão, uma apresentada por António Reis, do ex-Secretariado e outra por Tito de Morais e Manuel Alegre, depu-

tados que suspenderam os respectivos mandatos por causa desse acordo.

Tito de Morais afirmou esta manhã ao «DL» que «o Manuel Alegre e eu próprio apresentámos na Comissão Política uma proposta no sentido de se encontrar uma fórmula definitiva para a cláusula transitória respeitante ao Conselho da Revolução.

«Pretendíamos, acrescentou, sensibilizar a Comissão Política do nosso partido para a gravidade da solução encontrada com o protocolo assinado pela AD.

«Mas, disse-nos ainda Tito de Morais, não foi possível atingir este objectivo e por essa razão retirámos a nossa proposta, declinando toda a nossa responsabilidade sobre as consequências desta solução encontrada pela direcção do partido.»

Tanto quanto soubemos, não é

provável que esta proposta venha a ser retomada hoje na reunião da Comissão Nacional.

A proposta do grupo do ex-Secretariado que acabou também por ser retirada, para além de propor uma melhoria da solução encontrada no que se refere às normas transitórias e à extinção do CR, ela saudava o Conselho da Revolução pela forma como tem cumprido as suas funções constitucionais.

Entretanto, Salgado Zenha não participou na reunião da Comissão Política. Este dirigente do PS é membro daquele órgão apenas como presidente do Grupo Parlamentar e a sua situação hoje não é clara, porque não são conhecidos os efeitos da suspensão de que foi alvo.

Em carta dirigida à Comissão Política, Zenha recorda que foi suspenso sem prazo e, depois de

considerar jurídica e constitucionalmente inexistente a sua suspensão, refere: «Tinha direito a participar na reunião de hoje porque sou e continuo a considerar-me presidente do Grupo Parlamentar, pelo menos enquanto a Comissão Nacional de Conflitos não decidir o contrário. Mas prefero não ir.»

«Espero», escreve ainda Zenha, «que a Comissão Política reveja a sua posição revogando a sua infeliz decisão ou que, pelo menos diga qual é em concreto a duração de tão lamentável decisão».

Entretanto, à entrada para a reunião, Mário Soares desautorizou declarações feitas ao semanário «O País» pelo director do órgão oficial do partido, Alfredo Barroso.

Este afirmara que a renúncia do Presidente da República seria um facto positivo na actual situação política.

«É preciso tudo fazer para que não haja renúncia, disse ontem Soares, que advertiu para as graves consequências que para a situação democrática teria a renúncia do general Eanes.

E reafirmou aquilo que já tem dito publicamente: «Bater-me-ei para que isso não aconteça.»

Resta saber se Alfredo Barroso, que tomou posições públicas contra a linha do partido, será alvo também de um processo disciplinar tal como aconteceu com outros dirigentes socialistas.

Minolta

O PEQUENO EP 310

o copiator mais vendido em todo o mundo

oferece agora mais três vantagens

1

Facilitamos a sua compra

2

Retomamos o seu velho copiator

3

Valorizamos mais o seu dinheiro



MINOLTA

REPRESENTANTE EXCLUSIVO

NOPROCOPIA

Rua Sarmento Beires, 39 A/B
Telef. 88 30 25 / 6 1900 Lisboa

DISTRIBUIDOR EM LISBOA

CEBIT

Rua Sarmento Beires, 39, loja C 1900 Lisboa
Telef. 80 56 46 - 80 57 46 - 80 58 46 - 80 57 96

O pequeno EP 310 foi o primeiro fotocopiador a utilizar o Micro-toning System. Admite papel de avião e até cartolinas. Marque hoje mesmo uma demonstração. Mostramos-lhe como o EP 310 faz cópias que parecem originais.

Desejo receber mais informações sobre o copiator Minolta EP 310

Empresa

Pessoa a contactar

Morada

Cód. Postal

Telefone



MUNICÍPIO DE LOURES CÂMARA MUNICIPAL

GABINETE DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

CONCURSO PÚBLICO DE PROJECTOS PARA MERCADOS-TIPO

PRETENDE-SE:

- Elaboração de um estudo prévio para projecto de mercados-tipo.

CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO

- Poderão concorrer arquitectos a título individual, ou associados em gabinetes, sendo neste caso o coordenador necessariamente um arquitecto.

INSCRIÇÃO E PRAZOS

- Inscrições abertas de 2 a 9 de Agosto, no Gabinete de Informação e Relações Públicas, mediante o pagamento de 500\$00.

(No acto da inscrição será fornecida toda a documentação respeitante ao concurso).

- Inscrições pelo correio — deverão ser efectuadas em carta registada acompanhada de cheque ou vale de correio.

(Após a sua recepção, será remetida ao concorrente a documentação respeitante ao concurso).

O Prazo de entrega dos trabalhos termina a 11 de Outubro.

Por Delegação do Presidente
O Vereador
António Marques Ribeiro

Loures, 19 de Julho de 1982

Dossier Homicídio • Dossier Homicídio • Dossier Homicídio • Dossier Homicídio

“4” — A geografia do crime

Do mesmo modo que cada grupo social tem o seu homicídio predilecto ou habitual, também cada região se distingue por diferentes modalidades eliminativas do antagonista nos conflitos do quotidiano. Haverá mesmo um certo folclore típico a demarcar as fronteiras geográficas como prova de que o ser humano era na sua quase totalidade o substrato do ambiente que o gerou, onde evoluiu e se fixou no estádio em que hoje o (nos) conhecemos.

Há muito de atávico na maneira como o homem usa a violência no último grau, quando pretende derimar do modo mais primitivo os confrontos de interesses, da ganância, do ódio, da sobrevivência, do simples gozo ou de outros factores que por regra levam o homem à eliminação do seu semelhante.

Naturalmente que hoje em dia todos estes contornos éticos, sociais e geográficos se vão diluindo com as frequentes trocas de elementos culturais facilitadas, e até promovidas, pela abertura de novas vias de comunicação física, pela proliferação de estradas e aumento dos transportes, bem como informativa e cultural através da rádio e televisão, com a devida ressalva para desinformação e incultura de que esta última é verdadeiro baluarte.

Em todos os sectores da vida social a permuta constante e fácil dos valores éticos que distinguem cada povo e dentro destes cada pequeno grupo, levam a que se venha perdendo, para dar lugar a uma uniformidade cada vez mais acentuada, aquilo que se considerava a personalidade colectiva dos grupos mais ou menos definidos, à escala de nação ou de simples tribo.

Considerando esta situação somos levados a minimizar o trabalho da maioria dos criminalistas quanto aos diferentes aspectos da criminalidade em função das áreas geográficas onde eram cometidos, associados naturalmente a outros factores «criminógenos». No entanto e como a situação ainda não é inteiramente uniforme, embora para tal caminho, analisaremos o homicídio sobre o seu aspecto geográfico.

O bucolismo e o homicídio

Desde os tratadistas aos poetas rimanceiros todos têm afinado pelo espúrio conceito de que nas origens é que estava o bem; o homem primitivo simbolizava a pureza. A civilização seria assim responsável pela degradação moral e aumento da violência. Qualquer antropologista ou historiador concluirá pelo contrário. Haverá quanto muito

uma sublimação da violência dirigida à eliminação física das pessoas. O instinto primitivo de solucionar as pendências pela morte do opositor mostra ten-

Na verdade não é nas cidades, nos grandes aglomerados humanos, que se mata mais. As estatísticas quase inexistentes entre nós, se devidamente analisadas mostrariam que em termos percentuais o número de homicídios é superior nos pequenos meios, onde um simples atrito se avoluma com o contacto diário e constante dos desavindos. Na cidade, mesmo entre vizinhos raramente acontece essas frequências de encontros

considerada, aliás como tudo quanto toca ao comportamento humano, em termos relativos porquanto em tal tema não há conclusões definitivas nem absolutas.

Certos crimes são considerados tão reprováveis em certas regiões do nosso país que as pessoas se esforçam por os evitar mas, em contrapartida, outros são de tal modo incentivados que é considerado desonroso furtar-se à sua prática quando as

como agente, protestou enérgico e categórico contra uma local dum jornal diário. Segundo a notícia um conhecido larário estaria a ser procurado activamente pela Polícia na região da sua naturalidade: Chaves.

O então jovem agente, mais tarde subinspector e prestigiado investigador da secção de homicídios, António Júlio Lobão, há pouco mais de dois anos vítima por doença cardíaca, retrucava: «Gatuno de Chaves e ali ir-se refugiar? Isso é absurdo.

venças de partilhas, questões de águas para o regadio e ódios entre famílias no género das que Shakespeare imortalizou no Romeu e Julieta do drama entre os Capuletos e os Montéquios de Verona.

Na cidade desde há muito a arma de fogo em especial a pistola tem prioridade sobre os restantes instrumentos, seguindo-se a arma branca do tipo navalha ou faca. Os envenenamentos distribuem-se pelas zonas rurais

Departamentos, Períodos	Directoria de Lisboa	Directoria do Porto	Directoria de Coimbra	Inspecção de Faro	Inspecção do Funchal	Inspecção de P. Delgada	Inspecção de Braga	Inspecção de Setúbal	Subinspecção de Chaves	Subinspecção de Portimão	TOTAL
1º SEMESTRE/82	49	14	16	3	1	1	4	10	7	4	109
1º SEMESTRE/81	33	1	8	8	1	3	3	-	7	-	64
△ %	+75,8	+1 300,0	+100,0	-62,5	-	-66,7	+33,3	-	-	-	+70,4

dências regressivas perante o progresso da sociedade no sector das relações humanas do respeito pelos direitos de cada, do colectivo e deste pelo individual.

a acirrar os ânimos. Num pequeno povoado o choque de interesses entre as pessoas é mais susceptível de levar a extremos de violência do que numa grande cidade. Esta teoria deve ser

circunstâncias se conjugam.

Lembro-me de um exemplo elucidativo: Há cerca de vinte e cinco anos um jovem da região de Chaves, recém-ingressado no quadro da Polícia Judiciária

Aposto o meu ordenado mensal como ninguém de Trás-os-

-Montes terá coragem de roubar e, muito menos, se o fizer, ir procurar protecção junto dos seus». Perante a evidente incredulidade dos ouvintes, explicou: «Nos meus sítios aquele que roubar até o pai o entregará às autoridades. Envergonhado mas entregará. Por matar, desde que não seja para roubar, todos lhe dão guarida e ajuda para se subtrair à justiça».

Anos mais tarde falando com um delegado do Procurador da República que prestava serviço naquela região nortenha, confirmaria o facto e adiantou: «Um indivíduo levou duas machadadas de frente que quase o levaram à morte. A agressão deu-se de dia e nessas condições ele teria de saber quem fora o agressor. Interrogado, alegou ignorar quem fora o autor, afirmando que os golpes teriam sido vibrados pela retaguarda, isto contra toda a lógica e evidência. Quase estive para o prender pois era nitida a intenção de obstruir a acção da justiça. Mais tarde soube a razão de tudo aquilo. Não só ele sabia quem tinha sido o agressor como o sabiam outros que testemunharam o caso. Mas denunciaram ou informar as autoridades por um crime de violência é desonroso. A vítima quando recuperasse as forças vingava-se e se morresse a vingança ficaria a cargo de um parente. Aliás assim aconteceu. O agressor ficou morto às mãos da antiga vítima que depois fugiria para o estrangeiro».

A vida no nosso sistema social está organizada sob a forma de luta, individualizada e egocêntrica mesmo quando o jogo de interesses leva os indivíduos a associarem-se numa aparente manifestação de colectivismo. Daí que o crime, e entre este o homicídio, seja uma resultante directa dessa luta pela sobrevivência primeiro, depois pela ganância e poder. Neste aspecto o tipo de interesses em conflito são na essência diferentes entre as urbes e as áreas rústicas, e por tal motivo também se mata de modo diferente.

A enxada e o machado, quando não o esmagamento da cabeça com pedregulho ou

tronco de árvore, eram em princípio os modos mais característicos das regiões provincianas em especial no Norte. Para o Sul, também em zonas pouco povoadas a arma branca e a espingarda caçadeira tinham a predominância. Motivações: desa-

e cidades, com a diferença de que nas primeiras se utilizam produtos usados na agricultura em especial sulfatos e nas cidades os ratos e insecticidas.

Um estudo aprofundado levaria à verificação de que as características da criminalidade variam de região para região mas, como já se frisou, a falta de estatísticas e o facto de não se estudar a relação do número de crimes com a proporcionalidade demográfica leva a erros graves. Se a Grande Lisboa tem dois milhões de habitantes os homicídios cometidos na sua área deviam representar um quinto do cômputo geral do país, o que não acontece. Neste raciocínio nem sequer se leva em conta que os restantes sete milhões se distribuem ainda por zonas urbanas algumas de grande concentração populacional.

Não esquecer ainda que muitos crimes cometidos nas zonas urbanas são cometidos por indivíduos provenientes de áreas rurais, muito possivelmente já portadores dos factores «criminógenos» que determinam a prática do delito. É pouco vulgar acontecer que um cidadão vá cometer crimes numa zona rural.

A literatura policial

Fomos alertados por um leitor para o que ele considera o efeito pernicioso nos costumes e factor do aumento da criminalidade em especial o homicídio da literatura, filmes e televisão.

Sobre a literatura, a primeira das três causas apontadas, basta lembrar que as mortes violentas existem desde os primórdios da humanidade enquanto

este tipo de leitura é bastante recente. Por outro lado, tendo descido substancialmente o hábito de leitura, incluindo o de livros policiais (infelizmente quem quer noutro género de literatura), os crimes de homicídio têm aumentado e bastante, como é do conhecimento geral.

Aliás a literatura policial na generalidade é benéfica, por moralista, na medida em que o crime é descoberto e punido.

Mesmo quando assim não acontece, a divulgação de conhecimentos técnicos quer sobre direito quer sobre as ciências que estudam o fenómeno crime é sempre vantajosa para o leitor comum, para não esquecer que a literatura policial não é uma subliteratura como algumas pessoas pretendem pois nessa classificação encontram-se al-

Continua na pág. 7



As armas de fogo são muito usadas em homicídios cometidos em áreas urbanas. As duas pistolas e o revólver da foto pertenciam a uma pequena quadrilha composta de dois rapazes e uma rapariga. Nota curiosa, a arma do meio foi roubada a um guarda da PSP quando em serviço à porta de um banco que eles assaltaram.

Deselegâncias judiciais

«Fui há dias ao Tribunal da Boa Hora ser testemunha duma ocorrência de rua que opôs alguns cidadãos resultando consequências algo graves para a integridade física de dois deles. Sou uma pessoa modesta, cumpridora das minhas obrigações cívicas, respeitador de toda a gente que, do mesmo modo, espera e, até mesmo, sente-se no direito de exigir, da parte dos outros o mesmo respeito.

Funcionário público há muitos anos, gozando de bom conceito entre os colegas bem como de uma certa respeitabilidade entre os vizinhos na zona onde mora e onde o tal contencioso, que foi derimido em Tribunal, teve lugar, vem solicitar a V. Ex.ª a concessão através da sua página «Dossier Homicídio» possibilidade de exprobrar veementemente a atitude do juiz que o atingiu profundamente na sua honra e dignidade.

Quando depunha, com a se-

riedade e isenção que lhe inculca o seu dever de homem probo e, perante dúvidas aventadas pelo juiz susceptíveis de atingir a credibilidade das minhas afirmações, interrompi a exposição e disse: — Sou um homem honesto senhor doutor juiz. Então o juiz retorquiu: — Quem me garante que o senhor é uma pessoa honesta?

Durante uns dolorosos segundos fiquei calado, até que conguei articular, usando argumentação baseada em alguns conhecimentos que tenho de Direito: — Sou uma pessoa honesta e perante a lei serei honesto até prova em contrário.

E no entusiasmo da desafrota que me empolgava continuei:

— Também não conheço o doutor juiz de lado algum, quem me garante se o senhor é mesmo juiz? Só o facto de estar aí não basta e quem me garante que o senhor é...

— Cale-se homenzinho. Olhe que posso mandá-lo prender. Vá-se lá embora e agradeça a Deus eu hoje estar cheio de paciência.

Perante os meus vizinhos, pessoas que me conhecem há anos e perante os quais gozava de certo respeito, ia responder, mas por ordem do juiz fui agarrado pelo oficial de diligências que me empurrou para fora da sala enquanto me segredava ao ouvido: — Tenha juízo homem. Ele pode mandá-lo já três dias para a cadeia, sem qualquer processo ou instaurar-se um processo por injúria que lhe dá pelo menos seis meses de cana.

Ai cobardemente, deixei-me arrastar. Agora poderia extrair ilações morais ou outras, mas julgo que para os seus leitores basta a exposição dos factos.

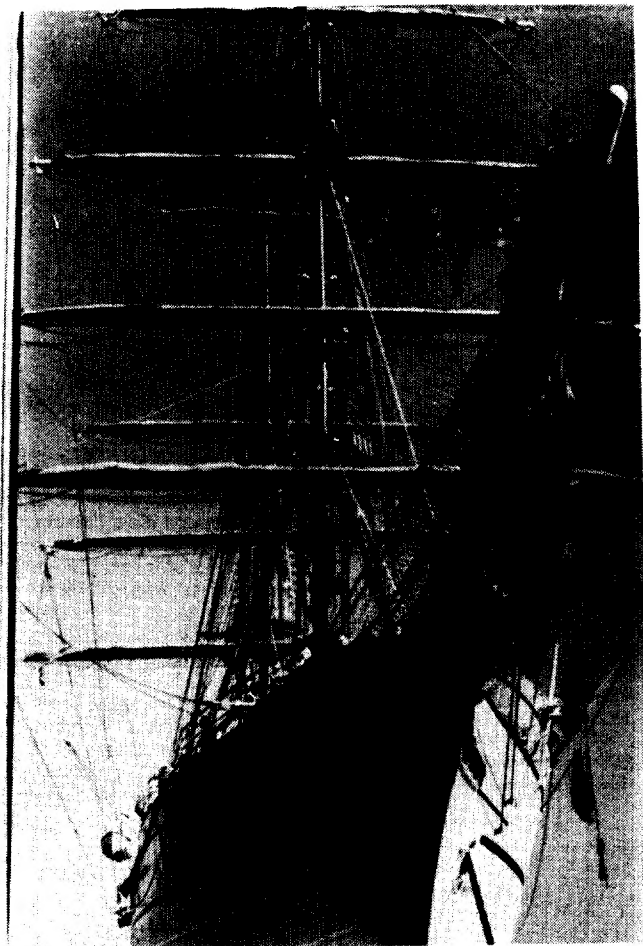
Peço reserva da minha identidade por razões ligadas apenas à minha situação de funcionário

público, mas se a publicação desta carta provocar qualquer acção judicial assumirei prontamente a minha responsabilidade, desobrigando-o então do sigilo do meu nome.

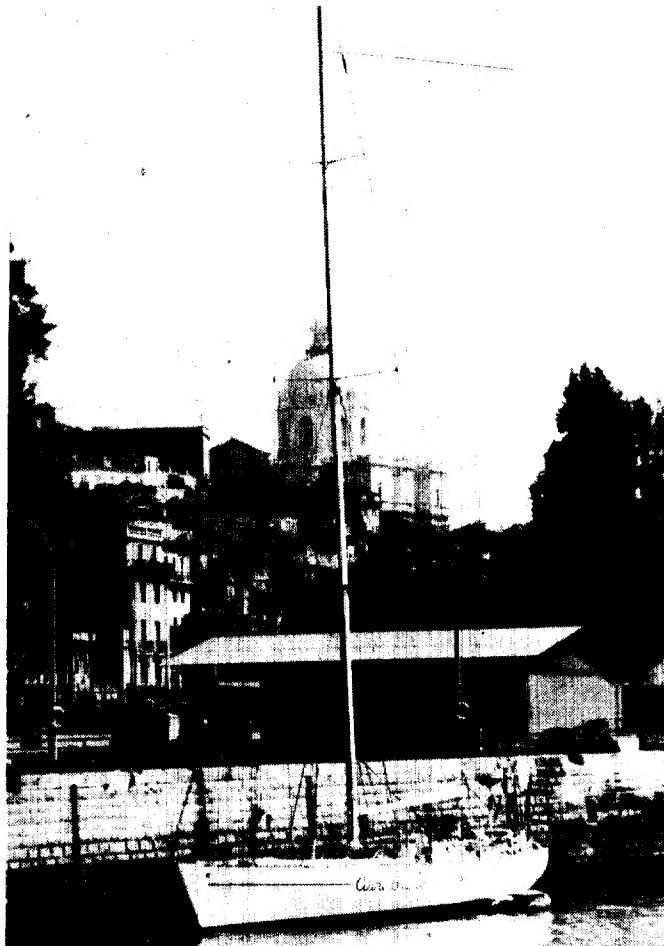
Signatário devidamente identificado

Na verdade para quê comentários? Nem sequer é um caso isolado. Nós próprios já assistimos mais de uma vez a cenas destas nas salas dos tribunais, embora estes «descuidos de linguagem» não sejam felizmente a regra geral.

Mapa comparativo dos homicídios cometidos em Portugal nos primeiros semestres do ano findo e do corrente, que levaram à intervenção da Polícia Judiciária. Outros ocorreram fora das áreas de competência desta Polícia e que por circunstâncias várias não lhe foi deferida a competência para investigar.



A «Sagres» é um veleiro conhecido em todo o mundo que tem conquistado enorme prestígio para a Marinha e para o País



O «Cisne Branco», já vencedor da regata Newport-Lisboa. É um barco de alumínio construído nos EUA em 1974. Mede 23,5 m e desloca 53 toneladas. Foi adquirido pela Marinha do Brasil em Fevereiro de 1981. Foi concebido segundo as mais avançadas técnicas de arquitectura naval

Regata Newport-Lisboa

Sem vento a 300 milhas de Aveiro «Sagres» ainda pode obter o 2.º lugar

Enquanto o «Cisne Branco», já vencedor da regata Newport-Lisboa, tanto em tempo real como em tempo corrigido, aguarda na doca da Marinha, a chegada dos restantes concorrentes, ainda no alto mar, à «Sagres» e o «Eleonor» (dinamarquês) discutem o segundo lugar. O veleiro português poderia ter sido o vencedor da competição, em tempo corrigido, se tivesse chegado a Lisboa até às 17 horas de ontem. Foi entretanto anunciada a desistência do «Esmeralda».

A última posição conhecida dava à «Sagres» cerca de 300 milhas a Oeste de Aveiro, navegando dificilmente com vento de um nó.

Por sua vez o «Eleonor», seu mais directo competidor, encontrava-se sensivelmente ao dobro da distância, num paralelo do Cabo Finisterra (44.º 45.º de latitude Norte e 22.º 30' de longitude Oeste).

Caso a falta de vento não a impeça de navegar, a «Sagres» é esperada na segunda-feira em Lisboa com possibilidades de alcançar o segundo lugar, já que todos os outros concorrentes se encontram muito mais atrasados.

A partir do dia 29 o estuário do Tejo vai ser cenário de uma grande concentração de veleiros participantes no «Lisbon Sail 1982». Que conjuga as regatas Newport-Lisboa e Falmouth-Lisboa. Os concorrentes a esta última partem amanhã daquele porto britânico. Devem concentrar-se no Tejo mais de uma centena de veleiros a partir do próximo dia 3 de Agosto.

Diversas cerimónias entre as quais um espectacular desfile de veleiros que serão saudados da Torre de Belém pelo Presidente da República, integram um programa completo do «Lisbon Sail» que está a ser organizado em Portugal pela APORVELA.

Hospitais psiquiátricos “perdem” atendimento permanente

Os hospitais psiquiátricos foram proibidos pelo ministro dos Assuntos Sociais de «manter serviços de atendimento permanente». A alternativa é o recurso aos serviços de urgência dos hospitais gerais da área em que se situam.

O máximo que o ministro Luís Barbosa concede com este seu despacho, hoje publicado no «Diário da República», é o funcionamento de hospitais psiquiátricos em regime de chamada.

O despacho ministerial visa a forte limitação do pagamento de remunerações complementares por trabalho prestado à noite, em domingos, feriados, horário extraordinário e em regime de prevenção.

As medidas restritivas agora determinadas e especificadas atingem os hospitais concelhios na dependência da Direcção-Geral de Saúde ou da Direcção-Geral dos Hospitais, os hospitais centrais e distritais e também os serviços médicos à periferia, estabelecendo embora esquemas diferentes para essas situações.

O funcionamento dos hospitais concelhios na dependência da Direcção-Geral de Saúde, no que se refere ao regime de urgências e de atendimento permanente será condicionado ao número médio diário de atendimentos no ano anterior.

O resultado será que, para casos de menos de 10 atendimentos diários, o serviço res-

pectivo ficará limitado ao horário normal da função pública. No máximo, poder-se-á chegar ao regime de chamadas.

O serviço permanente, dentro deste esquema, apenas poderá ser assegurado se o hospital concelhio, na dependência da Direcção-Geral de Saúde, tiver tido mais de 25 atendimentos diários, em média, no ano anterior.

As limitações assim impostas são bem expressas na redacção do despacho, ainda em referência aos mesmos estabelecimentos: «não poderão ser aprovados os orçamentos privativos nos hospitais que prevejam o pagamento de remunerações complementares e de horas extraordinárias em montante superior a 10 por cento da verba inscrita para pagamento dos vencimentos».

O ministro dos Assuntos Sociais limita ainda as remunerações por horas extraordinárias ao máximo de um terço do vencimento mensal dos funcionários.

Os hospitais centrais e distritais ficam com um regime diferente: não poderão ser aprovados os orçamentos privativos dos hospitais que prevejam o pagamento de remunerações complementares e horas extraordinárias em montante superior a 80 por cento dos gastos registados no ano anterior ou que excedam 15 por cento das verbas inscritas para pagamento de vencimentos.

Dossier Homicídio

Continuação da pag. 6

gumas das melhores obras-primas da literatura mundial.

Quanto ao cinema e à televisão, tal como acontece nalguns casos da literatura, os temas policiais só serão considerados prejudiciais quando se trate de subprodutos, intencionalmente destinados a exacerbar os mais baixos instintos do homem.

Se ao contrário, o tratamento do tema tiver o nível de uma

qualquer obra de arte de qualquer outro género de cultura, apenas haverá vantagens para todos e prestígio para o Órgão de Comunicação Social que lhe serviu de esteio.

Dias Brito

No próximo sábado:

O Futuro do Crime
e o Crime do Futuro

AVISO

CHAMADAS INTERNACIONAIS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA

No dia 17 de Julho ficam alterados em todo o País os números de telefone dos Serviços de Assistência para chamadas internacionais. A lista abaixo contém os novos números daqueles Serviços, de acordo com o ponto de origem do pedido de informação.

COMUNICAÇÕES PARA OS PAÍSES DA EUROPA

1 — Pedidos de ligação ou dificuldades na obtenção da chamada.

De Lisboa e Região Lisboa 3295
Do Porto e Região Porto 00640
Dos restantes Grupos de
Redes do continente e Madeira .. 0640

2 — Informações e Reclamações

De Lisboa e Região Lisboa 3293
Do Porto e Região Porto 00642
Dos restantes Grupos de
Redes do continente e Madeira .. 0642

COMUNICAÇÕES PARA PAÍSES NÃO EUROPEUS

1 — Pedidos de ligação ou dificuldades na obtenção da chamada

De Lisboa e Região Lisboa 3299
Do Porto e Região Porto 00649
Dos restantes Grupos de
Redes do continente e Madeira .. 0649

2 — Informações e Reclamações

De Lisboa e Região Lisboa 3290
Do Porto e Região Porto 00641
Dos restantes Grupos de
Redes do continente e Madeira 0641

AJUDE-NOS A SERVI-LO
MELHOR
UTILIZE BEM O TELEFONE



TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL



de ontem para hoje

Comunidade Islâmica em Lisboa

Para comemorar o fim do mês do Ramadão a comunidade islâmica realizou apenas uma cerimónia religiosa, cancelando todas as outras festividades devido: «... aos acontecimentos trágicos originados pela invasão israelita do Líbano onde já perderam a vida 30 mil muçulmanos, libaneses e palestinos». Cerca de três mil pessoas estiveram presentes e o presidente da comunidade, Valy Mamede, proferiu uma comunicação subordinada ao tema: «O Islão no Mundo Contemporâneo». Depois de traçar uma panorâmica do islamismo, afirmou que há cerca de 800 milhões de seguidores em todo o mundo, o que faz dele uma doutrina universalista.

Água inquinada

Um engenheiro dos serviços sanitários do distrito de Vila Real disse que a água que abastece a vila de Murça está contaminada.

Aquele técnico manifestou-se preocupado com a po-

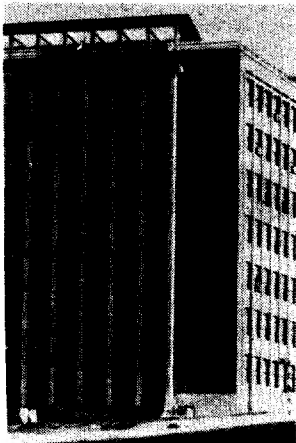
pulação que «corre o risco de apanhar doenças do tipo de gastroenterite» e apelou aos utentes para que ferverem ou desinfectem a água que consomem.

Mortos na estrada

O balanço das últimas quatro horas dos acidentes de viação mantém-se em elevados índices: quatro mortos e sessenta e um feridos dos quais 37 em estado grave. Ao todo ocorreram 78 acidentes tendo como causas as habituais, na sua maioria evitáveis se respeitassem os conselhos das autoridades encarregadas do trânsito.

Falsa bomba no Restelo

A Brigada de Minas e Armadilhas da Polícia de Segurança Pública, foi ontem chamada ao Estado-Maior das Forças Armadas para vistoriar um volume suspeito enviado ao general Melo Egídio. Com os devidos cuidados o embrulho foi aberto pelos especialistas que encontraram no seu interior uns inofensivos charutos (inofensivos não serão no conceito dos antitabagistas). Não foi divulgada a identidade do ofertante nem a marca dos charutos.



(Aveiro) — draga afunda-se

A draga holandesa «Venfepolder», que se encontrava nas obras do porto de Aveiro, afundou-se hoje entre o Forte da Barra de S. Jacinto — anunciou fonte marítima.

Um tripulante da draga ficou ferido, mas está livre de perigo.

A draga tem cem mil litros de gasóleo e as autoridades do porto tentam tirar o combustível para evitar a poluição das águas.

Telefones: Portugal-Espanha

Os CTT anunciaram a entrada ao serviço a partir de terça-feira de um novo feixe hertziano que triplicará a capacidade de comunicações entre Portugal e Espanha.

O novo feixe, com capacidade para 1800 conversações simultâneas, proporcionará ainda melhores ligações telefónicas entre Portugal e o resto

da Europa.

As capitais portuguesa e espanhola ficarão assim ligadas por novo feixe através de duas cadeias de antenas hertzianas já instaladas de ambos os lados da fronteira e de uma torre erguida perto de Vilar Formoso, apontada nas direcções de Salamanca e de Pícarinha, próximo da Guarda.

Cinco mil contos de jóias

Entraram pelo tecto, depois de com um serrote terem aberto um buraco, apoderando-se das peças mais valiosas existentes na ourivesaria situada na Rua Gago Coutinho, em Viana do Castelo. Cuidadosamente planeado o assalto seria executado de madrugada tendo sido cortado os circuitos pelo que não foi accionado o alarme que de nada valeu bem como as fortes portas metálicas e outros sistemas de segurança.

Bofetadas e tiros

Depois de esbofetear um rapaz e quando o pai do agredido se pedia satisfações desfechou-lhe dois tiros nas pernas tentando de imediato a fuga. Trata-se de Faustino da Graça, de 48 anos, que viria a ser detido pela GNR do Cacém, visto que a cena de sangue ocorreu na serra da Sil-

veira, nas proximidades de Queluz. O juiz de Instrução Criminal de Sintra entendeu que ele podia aguardar em liberdade o resultado do processo. Entretanto a vítima, João José da Conceição Cardoso, encontra-se internado no Hospital de S. José, em Lisboa.

Exercícios de fogos reais

Algumas unidades militares vão realizar exercícios de fogos reais: o Regimento de Cavalaria de Braga nos dias 27 e 28 de Julho, das 9.00 às 17.00, na zona da serra do Carvalho, Póvoa do Lanhoso, delimitada pelas povoações de Pousada, Geraz do Minho, Louredo, Sobreposta e Bemposta; o Regimento de Infantaria do Porto nos dias 27 e 28 de Julho das 09.00 às 13.00, na zona a norte da carreira de tiro de Viana do Castelo, delimitada pelas povoações de Abelheira, Areosa, Afife, Roma e Outeiro.

Cerca de 20 dias sem fiscalização

“Qualquer agente desestabilizador fez ruir prédio de Entrecampos

—afirma Câmara de Lisboa, em comunicado

A Câmara Municipal de Lisboa decidiu criar novas condições de fiscalização para obras a realizar em prédios com condições iguais às do prédio que ontem ruiu na Avenida das Forças Armadas, matando duas pessoas e ferindo quatro.

Os responsáveis do município concluíram, entretanto, que não restam dúvidas quando à intervenção de «qualquer agente desestabilizador» depois do início do mês corrente. Tal facto, associado à má qualidade da construção, característica dos prédios da mesma época, esteve na origem da tragédia.

A conclusão a tirar será de que as condições de fiscalização da obra não seriam as melhores. Como era possível num prédio em que os inquilinos faziam constantes diligências face à ameaça de derrocada, falar de «qualquer agente desestabilizador»?

O «agente», ao que conseguimos apurar, foi um conjunto de escavações não previsto no pla-

no de obras, cuja concretização por parte do empreiteiro da obra ao lado, escapou à fiscalização da Câmara de Lisboa desde o princípio do mês corrente.

Uma justificação encontrada para a situação, no comunicado municipal, é a falta de «meios financeiros» e de «armas legais» que permitam uma actuação «mais pronta e eficazmente perante a falta de observância de inúmeros proprietários às intimações de obras que emite».

No local do drama, contudo, as dificuldades prosseguiram ao longo de todo o dia de ontem, com os bombeiros tentando derrubar paredes que ameaçavam desabar sobre eles. Essa situação dificultava as diligências para retirar dos escombros o corpo da porteira do prédio, que foi vitimada quando subia as escadas para avisar um casal de inquilinos da ameaça de derrocada imediata do edifício, anunciada pelos bombeiros, pouco antes chegados ao local, correspondendo à

quinta chamada dos inquilinos. Contudo, esta manhã, o corpo de Ana Maria Serrista já tinha sido removido para o Instituto de Medicina Legal.

Prevalecem os negócios

A causa deste acidente será, ao que apurámos, o facto de prevalecerem em Lisboa e não só os interesses de quantos se dedicam à construção civil, conseguindo lucros em muitos casos escandalosos.

No caso do prédio que ontem caiu, juntam-se dois factores: um edifício antigo que desperta o interesse de um mestre de obras, comprador por 1800 contos de um «terreno» que agora poderá valer 20 mil; um construtor, mesmo ao lado, que terá feito escavações indevidas, diz-se no local que para conseguir fazer mais alguns metros quadrados de

construção, sob a forma de caves.

A garantia camarária de que irá aumentar a fiscalização sobre estas situações suscita descrença em muitos meios conhecedores da situação, uma vez que levaria a confrontamentos entre os serviços municipais e os fortíssimos interesses dos construtores que operam na capital.

A resolução dos problemas suscitados com a derrocada do prédio foi, no caso presente, atribuída à Câmara Municipal de Lisboa, que se encarregou de albergar alguns dos inquilinos no seu centro de reaquecimento de emergência, ou seja, na esquadra municipal do Palhavá.

O comunicado de ontem garante ainda que a CML «velará, por todas as formas ao seu alcance, pelo exercício dos respectivos direitos à habitação». Para já, decidiu alojar a partir de segunda-feira, uma das vítimas, que terá alta nessa data do Hospital de Santa Maria.

APU toma posição sobre o desabamento

A derrocada do prédio de Entrecampos, ontem verificada em Lisboa, levou a uma tomada de posição da APU, que a integrou no chamado «terramoto lento» que atinge a capital, em seu entender pela mão do actual executivo municipal.

No caso concreto do desastre de ontem, a APU acusa a Câmara Municipal de negligência, por ter sido avisada atempadamente, quer pelos inquilinos quer por intervenção em sessão pública de um vereador daquela força política.

Por que caem prédios em Lisboa? — interroga-se a APU. E responde que o «tasso velho» da cidade está em ruínas e que a degradação já atinge zonas antes estabilizadas da cidade. Mas, esta situação também é resultado da não aplicação do PRID (Programa de Recuperação de Imóveis Degradados). Pelo contrário, a Câmara AD «estimula a degradação dos mesmos prédios abrindo caminho a rendosas demolições e consequente construção de novos e maiores edifícios para

comércio e escritórios, onde antes havia habitação». Um exemplo concreto disso é a zona das Avenidas Novas, onde ontem ruiu o prédio.

A Câmara, acusa ainda a APU, dificulta cada vez mais as intervenções de recuperação, designadamente através de obras coercivas. Um exemplo é o preço de uma vistoria pedida pelos inquilinos, que recentemente passou de 300 escudos para 1900 escudos.

Baleeiro “Sierra” voltou a flutuar

O baleeiro «Sierra» afundado há cerca de dois anos no cais 8, Jardim do Tabaco em Lisboa, voltou a flutuar na doca-pesca em Belém — disse um informador da Marinha.

O «Sierra» tinha-se afundado devido a acto de sabotagem e foi posteriormente levado para junto da doca-pesca, onde se encontrava submersa em local onde constituía perigo para a navegação.

Os trabalhos de refloação foram coordenados pela Capitania do porto de Lisboa e executados em colaboração com a Administração-Geral do porto de Lisboa que forneceu material flutuante (carras e dragas) e mergulhadores da Armada.

O antigo navio-baleeiro «Sierra», de 683 toneladas brutas e 63 metros de comprimento, que entrou no porto de Lisboa com a bandeira cipriota e se dedicava à captura de cetáceos afundou-se no dia 6 de Fevereiro quando se encontrava atracado no Cais de Jardim do Tabaco, devido à detonação de uma carga explosiva.

Tratou-se do segundo acto de sabotagem praticado contra o baleeiro em águas portuguesas.

O primeiro foi cometido através de abaloamento deliberado, ao largo de Leixões, por um navio de uma organização ecologista: o «Sheppard».

Em 8 de Abril, o «Sierra» começou a surgir com a proa ao cimo de água, depois de várias tentativas que fracassaram devido à idade do barco.

Em 15 do mesmo mês foi propostamente afundado, por ordem das autoridades marítimas portuguesas, por representar um perigo para o movimento do porto de Lisboa.

O «Sierra» é acusado por diversas organizações ecologistas de ter caçado mais de 25 mil baleias nos últimos dez anos.

ensino

Universidade de Coimbra

Rui Alarcão eleito Reitor

Rui Alarcão venceu ontem as eleições para nomeação do reitor da Universidade de Coimbra.

Rui Alarcão teve 77 votos (52,3 por cento), contra 66 votos conseguidos por Robalo Cordeiro e quatro obtidos por Oliveira Pulquério.

Na primeira volta para estas eleições Rui Alarcão obteve 67 votos, Robalo Cordeiro 53 e Oliveira Pulquério 17.

No escrutínio participaram 148 dos 150 eleitores possíveis.

Rui Alarcão, 52 anos, licenciou-se em Direito em 1952 e doutorou-se em 1971, sendo professor catedrático desde 1977.

Em 1979, aderiu à Frente Republicana e Socialista, tendo no ano seguinte apoiado a candidatura de Ramalho Eanes à Presidência da República.

«Toda a minha actuação, mesmo nos aspectos inovatórios, será pautada pela moderação e humildade, que são a melhor forma de alargar as áreas de consenso na Universidade» — disse Rui Alarcão depois de saber os resultados.

A posse do novo reitor deverá acontecer no princípio do próximo ano lectivo.

Jornadas Pedagógicas/82

Por absoluta falta de espaço foi-nos impossível publicar na edição de ontem o programa integral das Jornadas Pedagógicas/82, promovidas pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa na segunda quinzena de Setembro. Por esse motivo e a fim de dar dele conhecimento, nomeadamente aos professores que encontram já de férias, é hoje publicado o calendário das restantes acções:

«Aspectos dinâmicos do ensino da Matemática», por Eduardo Carvalho Simões, dia 14 de Setembro, (Lisboa); no mesmo dia, «Separação da Física da Química. Porque? Quando?», a cargo da Sociedade Portuguesa de Física e

Química (Lisboa); dias 14, 15, 16 e 17, «Desporto Escolar», por um grupo de professores da Escola Secundária D. Diniz (Lisboa); 28 e 29 de Setembro, «Banda Desenhada», por David Lopes, (Lisboa); 27, 28 e 29, «Expressão plástica em ateliers», por Egénio Silva e Olga Martins (Lisboa); 20 e 21, «Escolas P3», por Graça Fernandes (Lisboa); dias 22, 23 e 24, «O Trabalho de Grupo», por Maria Cecília Monteiro (Lisboa); 23 e 24, «A Escola e o Meio», por Berta Macedo (Lisboa); 14 e 15, «Texto Livre — a Imprensa na escola», por Maria Rosa Colaço (Lisboa e Caldas da Rainha, respectivamente); 20 e 21, «A Problemática do Adolescente Deficiente e o seu Enqua-

dramento nas Escolas do Ensino Especial» por Miguel Andrade, (Lisboa); 28 e 29, «A Criança e a leitura», por Ana Maria Magalhães (Lisboa).

As jornadas encerram com um seminário sobre o tema «Correntes Actuais da Pedagogia», orientado pelos pedagogos franceses Georges Snyders, Antoine Léon, da Universidade René Descartes, bem como por pedagogos portugueses, nos dias 29 e 30 em Lisboa.

Este seminário repetir-se-á em Évora, nos dias 1 e 2 de Outubro, no âmbito das Jornadas Pedagógicas organizadas pelo Sindicato dos Professores da Zona Sul.

Confronto com construtores civis?

Abecasis só permite caves para parque automóvel

Os construtores civis não poderão planejar mais construção de caves em Lisboa desde que as não destinem ao parqueamento automóvel. O despacho é de Krus Abecasis, foi publicado no «Diário Municipal» do dia 21 e entra em vigor 90 dias depois.

O presidente da Câmara de Lisboa mostra-se disposto a deixar que seja excedido o número de caves previsto na lei desde que sejam utilizadas exclusivamente como parqueamento público. Nesses casos, os empresários ficam dispensados de qualquer compensação relativa ao aumento da área construída.

A medida agora preconizada permite ao presidente da Câmara a previsão de que algum dia se atinja em certas áreas a capacidade de parqueamento bastante para interdição do estacionamento de superfície. Então, lê-se no despacho, a CML fixará o valor das taxas de parquea-

mento em valores compatíveis com a amortização dos capitais investidos.

As excepções a este despacho são previstas para os casos de «manifesto interesse comunitário», exemplificando com os hospitais, bancos, hotéis, etc. Mas, nesses casos, deverão ser projectados desde o início para essas finalidades.

O despacho agora tornado público considera que «o parqueamento automóvel é um dos problemas que mais profundamente afectam a vida cidadina».

«Por outro lado e por razões ligadas ao elevado custo dos solos e especulação imobiliária, assiste-se nas zonas estabilizadas da cidade à construção de caves destinadas a fins comerciais, que se traduzem por uma sobrecarga incontrolável para as infra-estruturas urbanísticas» — considera o presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

● **O PRESIDENTE DA CÂMARA DE CHAVES**, Branco Teixeira (PSD), manifestou a sua completa discordância com o eventual encerramento da ANOP. Em telegrama dirigido à Agência, Branco Teixeira afirmou considerar «importante a manutenção da ANOP como empresa eficaz e isenta ao serviço da população» da região transmontana. Na sua mensagem o presidente do Município de Chaves declarou «ser necessário regionalizar e dinamizar a Comunicação Social com jornalistas da ANOP residentes».

● **A CASA DO MINHO** vai reviver amanhã, domingo, a velha tradição da Festa a São Tiago, apóstolo da península, com uma romaria junto ao Farol Esteiro. A romaria inclui celebração litúrgica e exibição do folclore minhoto.

● **O SECRETÁRIO DE ESTADO DA EXPORTAÇÃO**, Faria de Oliveira, inaugurou sexta-feira nas Caldas da Rainha a exposição «Cerâmica-82», que decorre

até 1 de Agosto no Parque D. Carlos I. Integradas no certame encontram-se patentes ao público uma exposição de escultura de Margarida Vieira Lino, outra de cartazes sobre o tema «Cerâmica-83» e ainda uma mostra do artesanato caldense.

● **O SEMINÁRIO SOBRE ARQUITECTURA** dos Espaços Exteriores Urbanos, que desde segunda-feira decorreu nas instalações da Fundação Engenheiro António de Almeida, no Porto, terminou hoje. A iniciativa teve por principal objectivo «fornecer aos técnicos das Câmaras Municipais uma informação actualizada sobre a melhor forma de tratar os espaços exteriores, nomeadamente os passeios, passagens de pedões, jardins públicos e espaços urbanos», disse o arquitecto paisagista Sidónio Pardal. Durante os trabalhos foram abordados, entre outros, métodos e metodologias a seguir na feitura de projectos desta natureza, os tipos de materiais e espécies vegetais que podem ser utilizados e

aspectos relacionados com a sua reconversão. Este seminário, que reuniu durante cinco dias cerca de 50 arquitectos, engenheiros e técnicos de Câmaras Municipais, foi organizado pela comissão de coordenação da Região Norte e promovido pelo Curso de Planeamento Regional e Urbano da Universidade Técnica de Lisboa.

● **A «SEMANA DA EUROPA»**, organizada pela ALPOR com o patrocínio da CEE e colaboração da Expo-fair, encerra amanhã, domingo. Durante o fim-de-semana, a exposição sobre a CEE estará aberta ao público no «Espelho de Água» em Belém das 15 às 23 horas, sendo projectado o filme «20 Anos de Europa».

● **AS EQUIPAS DOS «JOGOS SEM FRONTEIRAS»** começaram já a chegar à Madeira, onde participarão na terça-feira, dia 27, nas oito provas que compõem a competição. Estarão presentes representantes da Jugoslávia, Inglaterra, França, Bélgica, Suíça e Itália, além de Portugal, naturalmente.

● **A CP ALERTA O PÚBLICO** de Alfaias, Figueira da Foz e Coimbra para o perigo que representa as obras que vai efectuar a partir de amanhã em que vão ser postas sob tensão as catenárias daquela linha, cuja tracção eléctrica será inaugurada no próximo dia 3 de Agosto.

● **A JUNTA AUTÓNOMA DAS ESTRADAS** anunciou que, a partir de 29 de Julho, será aberta ao tráfego a nova ponte provisória (desmontável) em Alcácer do Sal. A ponte, cuja construção custou 45 mil contos, tem uma extensão de 125 metros e foi executada em 115 dias. Será utilizada no sentido Sul/Norte e a ponte antiga no sentido inverso.

● **CERCA DE 7800 TURISTAS** utilizaram em Junho o posto de informações turísticas da Comissão Regional de Turismo da Serra da Estrela (CRTSE). Esta estatística refere-se aos postos de Fundão, Gouveia, Covilhã e Mantigas. A maioria dos visitantes eram portugueses, sendo espanhóis franceses e alemães federais as principais nacionalidades estrangeiras.

Aviso 24/82



CONCURSOS PÚBLICOS

- ★ MEDALHA DE HONRA
- ★ MEDALHA DE OURO
- ★ CHAVE DE OURO DA CIDADE

1. Estão abertos, até 2 de Setembro, os concursos referidos em título.
2. Os originais a apresentar serão em gesso. A sua entrega será efectuada em 1 ou 2 de Setembro de 1982, no SASC (Edifício Municipal, 7.º andar).
3. Os regulamentos destes concursos podem ser obtidos na CMA.
4. Esclarecimentos acerca dos regulamentos e condições podem ser obtidos no SASC.
5. **Prémios para cada um dos três concursos:** 1.º prémio — 50 contos; 2.º prémio — 25 contos; 3.º prémio — 10 contos.

Amadora, 20 de Julho de 1982

O Presidente

Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida



CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

2700 AMADORA

MOÇÃO

NOVA LEGISLAÇÃO SOBRE ARRENDAMENTOS COMERCIAIS

Considerando que a aplicação dos Decretos-Leis 330/81, 189/82, Portaria 62/82 e o Despacho Normativo 75/82, que regulamentam os arrendamentos permitam aumentos que são incompatíveis com a capacidade económica da grande maioria dos comerciantes.

Considerando que a aplicação desta legislação causa graves prejuízos ao desenvolvimento da actividade comercial, e conduz o pequeno e médio comércio à ruína.

A Câmara Municipal da Amadora, em reunião de 20/7/82, delibera:

1 — Exigir do governo a imediata revogação dos Decretos-Leis 330/81, 189/82, Portaria 62/82 e do Despacho Normativo 75/82.

2 — Que o teor desta moção seja divulgado nos jornais do Concelho e na imprensa diária do costume como publicidade paga.

3 — Que seja dado conhecimento desta moção à Associação dos Comerciantes dos Concelhos de Oeiras e Amadora, Presidente da República, Conselho de Ministros e Ministro do Comércio.

(Aprovada, por maioria, na reunião ordinária de 20.7.82)

O PRESIDENTE

Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

festival da juventude

juventus

17/25 JULHO/82

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

BAILADO, CINEMA, CIRCO, DESPORTOS, MÚSICA, TEATRO

ARTIGOS PARA A JUVENTUDE

HORARIO: DAS 15 00 AS 23 00 HORAS

HOJE

PROGRAMA

CINEMA: A GUERRA DAS ESTRELAS, AS DUAS COMADRES, KITTY E OS

4 GRADES E DOCUMENTÁRIOS CANADIANOS

TEATRO: O GALITO DESOBEDEIENTE

BAILADO: DANÇA MODERNA

CIRCO: O CIRCO

DESPORTO: TÊNIS E BADMINTON

TELEVISÃO: RESUMOS DO MUNDIAL DE FUTEBOL (ESPANHA)

AMANHÃ: FORTE APACHE, VARIEDADES, CIRCO, PATINAGEM

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS



Nos EUA

Greve dos ferroviários impedida por Reagan

O presidente Ronald Reagan interveio quinta-feira, pela segunda vez num mês, para evitar a realização de uma greve que poderia paralisar o tráfego de carga por caminho-de-ferro nos Estados Unidos.

Reagan invocou para o efeito os seus poderes de emergência, que lhe são conferidos pela lei laboral da indústria ferroviária, bloqueando assim a greve proposta para o dia 30 e que envolveria 125 mil associados do Sindicato dos Transportes Unidos.

No princípio deste mês o presidente norte-americano criou um comité de emergência para resolver a disputa entre o sindicato dos maquinistas e fogueiros e 117 empresas ferroviárias de carga e serviço de passageiros, o que permitiu anular uma paralisação que provavelmente ocorreria no dia 11.

Quinta-feira, o presidente voltou a formar um novo comité de emergência para investigar o conflito laboral entre o sindicato e o patronato e, como na ocasião anterior, a greve foi proibida por um período de 60 dias.

Em ambos os casos a Casa Branca justificou as acções presidenciais argumentando que «a greve ameaça interromper substancialmente o comércio interestatal», na medida em que pode privar de serviços essenciais de transportes um sector do país. «Uma greve afectaria gravemente o movimento de transporte de material de defesa, carvão, trigo e o tráfego interurbano de passageiros, entre outras coisas», assinala um comunicado da Casa Branca.

A greve, segundo a administração, afectaria aproximadamente 90% dos transportes ferroviários norte-americanos.

Macau

Aumento de 10 por cento para a Função Pública

O secretário-adjunto para a Administração de Macau, Amaral Lopes, anunciou na Assembleia Legislativa que o governador vai apresentar ao Conselho Consultivo, na sua próxima reunião, um projecto de lei através do qual o vencimento do funcionalismo será aumentado em 10

por cento a partir de 1 de Agosto próximo.

Amaral Lopes acrescentou que o contra-almirante Almeida e Costa pretende, quando enviar a proposta de lei à Assembleia Legislativa, solicitar a aprovação do carácter de urgência para a discussão e votação do respectivo texto.

REPRESENTAÇÕES ESAIL, LD.^a

MALAPOSTA
3780 ANADIA

COMPETE-NOS INFORMAR DE QUE DECIDIMOS CRIAR NAS NOSSAS INSTALAÇÕES UMA APETRECHADA SECÇÃO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA (REPARAÇÕES) EM MOTORIZADAS EFS, COM PESSOAL ESPECIALIZADO, QUE COLOCAMOS AO SERVIÇO DOS NOSSOS PREZADOS CLIENTES E DO PÚBLICO INTERESSADO.

EXAMES 2.ª ÉPOCA CURSOS DE VERÃO

EXTERNATOS

Marquês de Pombal Álvares Cabral
Rua Morais Soares, 93 Avenida Grão Vasco, 1
Tel. 820221/834858 (Bentica) — T. 706974/5
(ao Chile)

CURSOS
GERAL — COMPLEMENTAR

Governo declarou CTM em situação económica difícil

O Conselho de Ministros de quinta-feira declarou a Companhia de Transportes Marítimos (CTM) em situação económica difícil. Tal decisão, de certo modo esperada pelos sindicatos representativos dos trabalhadores, que imputam toda a responsabilidade pela crise que atravessa o sector nacionalizado da Marinha do Comércio aos gestores nomeados pelo Governo AD, será analisada pelos trabalhadores que reunirão em plenário, na próxima terça-feira.

Segundo Viana Baptista, ministro da Habitação, Obras Públicas e Transportes, o conselho de gerência da CTM deverá apresentar dentro de 30

dias, ao Ministério da tutela um projecto de viabilização para a empresa. O mesmo responsável governamental adiantou que a CTM deverá dar lugar a duas empresas de tráfego marítimo ficando uma a operar entre o Continente e as ilhas e a outra com os países europeus.

Recorde-se que os transportes para as ilhas são, segundo informações sindicais, um dos sectores deficitários da empresa.

Sobre o futuro dos trabalhadores, Viana Baptista não negou a hipótese de se virem a realizar despedimentos e acrescentou não estar definido se serão indemnizados ou não. Este aspecto deverá,

segundo o ministro, ter «uma solução a apresentar dentro do projecto de viabilização».

De qualquer forma, e para já, um dos sectores que mais profundamente poderá ser afectado pela divisão da empresa deverá ser o das oficinas, onde trabalham cerca de 500 pessoas. Inicialmente prevista pela administração uma autonomização empresarial dessa secção, o facto é que não houve, da parte do ministro, qualquer alusão nesse sentido.

Ao que se sabe, um técnico do Ministério das Finanças entregou ontem o relatório referente a uma auditoria realizada nos últimos dias sobre a

situação da Companhia. Segundo refere o semanário «Expresso», a descrição aí feita sobre os métodos de gestão e a vida interna da empresa apresenta aspectos bastante negativos.

No entanto, a simples declaração da CTM em situação económica difícil não augura nada de bom para os três mil trabalhadores que ali laboram. É que ficam abertas as portas aos despedimentos, à perda de regalias, à contenção dos salários. Além do mais, é bom não esquecer, Freitas do Amaral previu a hipótese pura e simples de fechar empresas nacionalizadas que estivessem a dar prejuízo... depois da revisão constitucional.

MAPRU exige aumentos das pensões dos agricultores

Dirigentes do Movimento de Agricultores por uma Melhor Previdência Rural (MAPRU) revelaram ontem, em Coimbra, estarem a fazer diligências para que as pensões dos agricultores aumentem de imediato para quatro mil escudos.

Em conferência de imprensa o MAPRU considerou ser «valor ridículo os 2900 escudos actualmente pagos por invalidez ou velhice».

«As pensões dos agricultores devem ir sendo aumentadas gradualmente até atingirem o montante mínimo do regime geral» — defende este Movimento.

Quanto à assistência médica e medicamentosa as medidas ultimamente tomadas «quase dão para pensar que se quer castigar os doentes por estarem doentes» — comentaram Manuel dos Reis e Joaquim Vicente, da direcção do MAPRU.

O MAPRU pretende que se decrete a anulação «das medidas tomadas este ano pelo Governo

de aumentos de encargos para a saúde», preconizando um serviço nacional de saúde universal, geral e gratuito.

Repressão no sector têxtil

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Couros e Peles de Portugal (FSTTLVCP) anunciou no Porto a existência de um Tribunal de Opinião Pública, para julgar a «repressão no sector têxtil».

Em conferência de imprensa, os dirigentes da FSTTLVCP disseram que a criação de um tribunal do género tem objectivo de julgar, analisar e denunciar as práticas ilegais do patronato, nomeadamente a repressão nas empresas do sector, principalmente nas do distrito do Porto e Braga.

A FSTTLVCP apelou a todos os trabalhadores do sector que

tenham conhecimento de situações de repressão que as denunciem para que o referido tribunal ponha termo a atitudes que «são graves atentados às liberdades de Abril».

Semana de luta na SIAF

Os trabalhadores da empresa de madeiras SIAF terminaram ontem uma semana de luta com uma greve de 24 horas que registou adesão quase total — afirmou um dirigente sindical.

O porta-voz da Federação dos Sindicatos da Construção Civil, Mármore e Madeiras disse que os trabalhadores efectuaram de segunda a quinta-feira paralisações de duas horas diárias para exigirem a satisfação do caderno reivindicativo.

Os trabalhadores pretendem aumentos salariais de 24 por cento, passagem a efectivos dos contratados a prazo, apresentando

ainda reivindicações relativas a assistência médica e diuturnidades — precisou a mesma fonte.

A SIAF emprega cerca de 400 trabalhadores.

Protesto sindical

O Sindicato dos Trabalhadores de Escritório Comércio e Serviços (SITESE) protestou ontem junto das autoridades sul-africanas, pela detenção da sindicalista Joyce Mokhesi.

Em telegrama enviado à Embaixada da África do Sul em Lisboa, o SITESE contesta a prisão, a 24 de Junho, da secretária-geral do sindicato sul-africano dos trabalhadores de comércio, Joyce Mokhesi.

O SITESE alega que não foi formulada qualquer acusação criminal contra a sindicalista que sofre de «graves problemas de saúde em resultado de anteriores detenções» em que também nunca foi formalmente acusada.

Terminou conflito nos STCP

Os trabalhadores do Serviço de Transportes Colectivos do Porto (STCP) puseram ontem termo às greves sucessivas que vinham a desencadear desde 11 de Maio.

Em plenário de trabalhadores, no qual participaram cerca de 3500 dos 3840 trabalhadores da empresa, foi aprovada por unanimidade uma proposta dos sindicatos que os representam no sentido de se dar por terminado o conflito laboral.

A proposta aprovada considerou «satisfatórias as concessões obtidas pelos sindicatos nas reuniões efectuadas na quarta e quinta-feira, no Ministério dos Transportes, com representantes do Conselho de Gerência do STCP».

Em consequência da deliberação tomada no plenário, foram imediatamente desconvocadas as greves previstas para as duas próximas semanas, ficando assim sem efeito os pré-avisos de greve, entretanto, publicados.

Hotel de Almancil despede dirigente sindical

O Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira e Similares do distrito de Faro emitiu um comunicado em que denuncia o despedimento arbitrário, pelo patronato do Hotel D. Filipa, de Almancil, Algarve, do diri-

gente sindical Manuel António Dias Gomes, que trabalhava naquela unidade hoteleira há mais de 10 anos.

O sindicato, que repudia esta acção, destinada a implantar «o

medo generalizado entre todos os trabalhadores da empresa», responsabiliza a administração do hotel pelas consequências «que possam advir das formas de luta que venham a ser desencadeadas».



CEE mantém intransigência

Baião Horta foi a Bruxelas tomar conhecimento: “têxteis é pegar ou largar”

Um acordo rápido com a CEE, no domínio dos têxteis depende, exclusivamente, de uma decisão portuguesa — disse hoje em Bruxelas uma fonte ligada à Comissão Europeia, comentando os resultados da visita do ministro Baião Horta.

O ministro da Indústria deslocou-se quinta-feira a Bruxelas a pedido do comissário para o Alargamento, Lorenzo Natali, com o objectivo de aprofundar a proposta negociada da Comunidade e estudar as perspectivas de acordo entre as duas partes.

Baião Horta teve quinta-feira um jantar de trabalho com os comissários Natali e Davignon, com quem voltou a encontrar-se ontem à tarde, depois de reuniões de carácter técnico realizadas de manhã.

Meios ligados à Comissão sublinham que a proposta dos «Dez» não admite praticamente qualquer espaço de manobra para uma eventual negociação com a delegação portuguesa.

Pegar ou largar

«O acordo entre os Estados membros foi arrancado a ferros e não é exagerado dizer que se trata de uma posição do tipo pegar ou largar» — indicam os mesmos meios.

A proposta dos «Dez» tem, por outro lado, um carácter global, sendo indissociáveis as soluções sugeridas para os períodos pré e pós-adesão.

A formalização de um acordo

implica, portanto, que o Governo português aceite previamente o princípio da existência de restrições quantitativas à exportação, durante um período transitório, depois da adesão.

Se o Conselho de Ministros português vier a adoptar esta posição no início da próxima semana, será possível estabelecer, até ao final de Julho, um «entendimento de princípio» com a Comunidade, sobre os regimes a que ficará sujeita a exportação têxtil portuguesa, nos próximos seis anos.

A expressão formal e definitiva do acordo ficaria reservada, todavia, para a sessão ministerial prevista para 20 de Setembro, no quadro das negociações de adesão.

A existência de um «acordo de princípio» informal, nos próximos dias, poderia permitir a fixação imediata dos níveis de gestão para 1982, isto é, a definição das quantidades exportáveis em cada categoria de produtos, no

quadro dos limites previamente impostos.

A determinação dos níveis de gestão para 1982 é, de resto, o aspecto prático que melhor justifica a urgência de um acordo, tendo já contribuído para a própria aceleração do processo de decisão no seio do Conselho de Ministros comunitário.

Ao longo deste ano, Portugal foi o único país preferencial que recusou a assinatura de um novo

acordo de autolimitação com a CEE no domínio dos têxteis, considerando inaceitáveis os termos do mandato de negociação atribuído à Comissão pelo Conselho de Ministros, em Dezembro de 1981.

A inexistência de um regime formal de cooperação administrativa conduziu a uma situação próxima do mercado aberto ao longo dos primeiros cinco meses do ano.

A partir de Maio, todavia, começaram a surgir dificuldades significativas em algumas categorias de produtos e o Governo francês chegou a solicitar a abertura de consultas para a imposição da cláusula de salvaguarda, relativamente a dois produtos precisos.

Situação perigosa

«A situação actual é extrema-

mente perigosa» — afirmou um funcionário da Comissão.

«Se um dos Estados membros invoca a cláusula de salvaguarda, a proposta de compromisso obtida no Conselho de Ministros arrisca-se a não sobreviver e tudo voltaria ao princípio, sem garantias de um acordo posterior em melhores condições» — acrescentou.

Especialistas da Comissão fazem notar que a proposta para o período pós-adesão, apesar de restritiva, permite uma margem de trabalho importante para a indústria portuguesa, visto que as taxas de crescimento, no período

transitório, são progressivas e cumulativas, isto é, referem-se sempre ao nível de base do ano anterior.

Os mesmos meios adiantaram que a proposta dos «Dez» para o período pré-adesão traduz uma «importante cedência de princípio», aplicada exclusivamente ao caso português, porque implicou a alteração de um mandato de negociação universal, anteriormente definido pelo próprio Conselho de Ministros.

«Apesar das dificuldades políticas que isso comporta» — argumenta um funcionário da Comissão — «é normal que Portugal aceite, em contrapartida, abandonar a sua posição de negociação inicial, que consistia em reivindicar a total ausência de restrições após a adesão».

AIP está ‘extremamente preocupada’

A Associação Industrial Portuguesa manifestou ontem a sua «extrema preocupação» face à proposta da CEE de manter as restrições quantitativas às exportações portuguesas de têxteis não só no período pré-adesão como também depois de Portugal passar a ser membro de pleno direito da Comunidade.

Em comunicado tornado público, a AIP sublinha que essa proposta limita o crescimento das nossas exportações a valores inferiores aos que a própria Comissão de CEE havia sugerido e que já «representavam em si um forte travão ao crescimento das nossas exportações».

O documento recorda que há razões de princípio que não apenas económicas, para reivindicar a imediata livre circulação após a adesão. Entre aquelas razões, sobressai o facto de que o acordo de comércio livre assinado no princípio dos anos 70 entre Portugal e a Comunidade previa (independentemente da adesão de que ainda nem se falava) que todas as restrições seriam eliminadas em fins de 1979.

Por outro lado, insiste-se no facto de «a nossa posição actual ser inferior à que detínhamos em 1973, o que traz com desvio a favor de outros fornecedores da Comuni-

dade».

Além disso, a AIP afirma que «a generalidade das exportações portuguesas de produtos industriais entram sem restrições no mercado comunitário», sendo apenas no sector têxtil que se poderão esperar «significativas vantagens de adesão em termos de fomento das exportações de produtos industriais».

O comunicado termina afirmando que «a AIP não pode deixar de aplaudir e solidarizar-se totalmente com o Governo português enquanto este continuar a defender, de forma tão firme e esclarecida, os interesses portugueses».

o professor

NESTE NÚMERO

- ☐ Cultura Física e Desporto — o fascismo e a mulher
- ☐ Análise da narrativa mítica em «Os Lusíadas»
- ☐ Barthes, um lugar de terror

À VENDA EM TODO O PAÍS

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

ELEVADOR DO LAVRA

Por motivo de reparação geral periódica este elevador não funciona de 26 de Julho a 30 de Agosto, aproximadamente.

PASSEIOS no TEJO

Domingos das 15 às 18 horas
uma iniciativa da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DOMINGO, 25 DE JULHO
Embarque 15 horas na
Estação Sul e Sueste

TODOS OS DOMINGOS ATÉ FIM DE SETEMBRO

Animação a bordo pelo conjunto
"OS TRICANOS"

Bilhetes a venda
na estação Sul e Sueste
PREÇOS ADULTOS 70\$00
CRIANÇAS (até 12 anos) 35\$00

Israelitas lançaram economia libanesa no caos

A economia do Líbano está num virtual impasse desde que as tropas israelitas invadiram o território no dia 6 de Junho, prejudicando os transportes, encerrando portos e forçando os trabalhadores a mudarem de local de actividade.

No entanto, os alimentos têm sido distribuídos normalmente em muitas partes do país e vários bancos de Beirute estão abertos efectuando serviços básicos.

As exportações quase pararam, mas algumas importações têm chegado, aparentemente, a pequenos portos mediterrânicos, apesar de um bloqueio imposto por navios de guerra israelitas.

Banqueiros dizem que a invasão foi o golpe final para várias indústrias-chave que funcionavam em condições financeiras extremamente difíceis, incluindo altas taxas de juro.

Empresas têxteis, alimentares, de madeira e plásticos, que funcionavam à custa de muitos empréstimos, foram atingidas por problemas laborais e de abastecimento e já não funcionam. Apenas algumas fábricas do Norte do Líbano, fora das zonas de combate, ainda produzem cimento e produtos de madeira.

Israelitas já vendem

Produtos agrícolas israelitas estão à venda no Sul e até em Beirute Oriental e o preço dos vegetais em Sidon está a baixar. No entanto, os produtos do vale Bekaa, no Leste, não conseguem chegar a Beirute.

Banqueiros calculam que a inflação tenha aumentado desde a invasão, mas não têm dados devido ao caos em que se encontra o país.

Os preços dos bens de consumo aumentavam entre 15 e 20 por cento por ano antes de os israelitas terem entrado no Líbano, segundo cálculos do Banco Central.

O petróleo está à venda em Beirute Ocidental a mais de 150 libras libanesas por 20 litros (cerca de 120 escudos o litro) comparado com as 30 libras antes da invasão.

Fuad Sindora, presidente da Comissão de Controlo Bancário do Banco Central, explicou que todos os 86 bancos do Líbano estão a funcionar, mas que as principais actividades são depositar e retirar dinheiro, já que as cartas

de crédito e os financiamentos para importação ou exportação estão reduzidos praticamente a nada.

As filiais do Banco do Líbano estão abertas, mas apenas 10 por cento dos 600 funcionários de Beirute Ocidental estão a trabalhar, principalmente porque não conseguem passar pelos postos de controlo israelitas.

Alguns bancos encerraram as suas filiais em Beirute Ocidental mas estão abertos em Beirute Oriental. Um serviço de mensageiros leva e traz cheques através das linhas israelitas.

Banqueiros disseram que o Banco Central não intervém no mercado de câmbio, mas funcionários do Banco do Líbano indicaram que estão a fazer câmbios.

A cotação da libra libanesa é de 5,17%/5,18 em relação ao dólar, em comparação com os 5,00 antes da invasão, principalmente devido à força da moeda dos Estados Unidos no mercado mundial.

Banqueiros confiantes...

Banqueiros comerciais referiram que não tem havido uma significativa fuga de capitais desde a invasão, aparentemente porque os operadores, que dificultaram as condições nos últimos sete anos, desde a guerra civil libanesa, creem que as coisas só podem melhorar.

Muitos banqueiros estrangeiros deixaram o país e foram substituídos por libaneses.

A segurança dos bancos tem sido mantida e o Banco Central assegurou que não tem havido assaltos ou roubo de dinheiro quando se processam transferências. Banqueiros informaram, porém, que ocorrem normalmente mais de dois assaltos por mês quando se efectuam transferências de dinheiro.

(Por Thomas Thomson da Reuters)

Continua o vaivém do emissário dos EUA para o Líbano

—Em Beirute “diálogo” de canhão



Foto de arquivo de Fadi Dani, o último dirigente palestino a ser assassinado em Paris

Os observadores consideram, em Israel, que se Habib está a procurar países susceptíveis de receber os combatentes palestinos, isso significa que a OLP conseguiu o que queria: uma evacuação em troca do reconhecimento político. O que não deixa de

preocupar Israel. Os jornais israelitas referem também, desde há vários dias e com persistência, a possibilidade de abertura de um diálogo entre os Estados Unidos e a OLP, a qual teria aceite a «Solução 242» do Conselho de Segurança.

O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita, Yitshak Shamir, voltou a sublinhar ontem que o tempo concedido ao diplomata americano não é ilimitado. O recomeço dos bombardeamentos no Líbano destinava-se a sublinhar essa posição, dizem os observadores.

Quanto à reunião do Conselho de Segurança, à porta fechada, prevista para ontem, os seus trabalhos foram interrompidos apenas um quarto de hora após o início. Com efeito, segundo o presidente do Conselho de Segurança, os representantes libaneses e americanos consideraram tal debate como prematuro. A reunião não deverá recomeçar antes de terem decorrido três dias.

No terreno, registou-se um intenso mas breve tiroteio entre as forças israelitas e os palestinos e os progressistas libaneses nos bairros periféricos e junto ao aeroporto de Beirute, confirmou um porta-voz israelita.

Finalmente, na montanha libanesa, reina um clima de insegurança depois de ter sido descoberto o corpo crivado de balas de um falangista que regressava de Damasco. A aldeia onde foi encontrado, Qoubey, situa-se numa região onde se registaram combates sangrentos, há duas semanas, entre milícias cristãs das «falanges» e os «drusos» do Partido Socialista de Walid Jumblat.

A OLP e a nação árabe

O representante da OLP na Índia, Faysal Oweyda, ameaçou os países árabes de se tornarem o alvo privilegiado do terrorismo palestino (segundo a France Presse), porque disse, «esses países traidores não socorreram a OLP».

Em declaração hoje publicada pela imprensa indiana, Oweyda sublinhou que o terrorismo que poderá atingir o mundo árabe será «mais duro e mais mortífero. Será a vingança do povo palestino», afirmou, sublinhando que os países árabes desejam actualmente a liquidação da OLP — acrescenta ainda a France Presse.

África do Sul vai repatriar mais de 17 mil moçambicanos

A África do Sul vai repatriar até ao fim do ano mais de 17 mil moçambicanos que trabalham em propriedades agrícolas do Sudoeste do Transval — anunciou ontem a Rádio sul-africana.

A medida foi tomada pelo Departamento de Cooperação e Desenvolvimento, um organismo governamental, com sede em Pretória, e atinge mais de 40 por cento da força de trabalho agrícola da região.

O departamento apressou-se a dizer, num comunicado emitido na capital sul-africana, que a medida não tem carácter discriminatório, antes faz parte de uma «estratégia nacional».

Observadores em Maputo consideram, no entanto, que se trata de uma pressão sobre Moçambique, que terá dificuldades em absorver um contingente tão numeroso de trabalhadores.

Ao mesmo tempo, também se relaciona a decisão com a política sul-africana de despovoar as áreas brancas do país de cidadãos negros, iniciada com a criação de bantustões.

A Rádio precisou que os patrões dos 17 mil trabalhadores moçambicanos receberam cartas do departamento comunicando-lhes a decisão

Ameaças de Botha

O primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, mencionou ontem a possibilidade de uma guerra convencional entre a África do Sul e outros Estados da África Austral.

Num discurso dirigido a soldados, em Kimberley, Botha indicou que até ao momento as ameaças à África do Sul partiam apenas de alguns grupos militares, que levaram a cabo acções de guerrilha em território sul-africano.

Contudo, acrescentou, as recentes operações do Exército sul-africano em território de Angola puseram a claro a recente influência da União Soviética na África Austral.

Botha afirmou que a União Soviética apoia activamente a Organização dos Povos do Su-

doeste Africano (SWAPO), que luta pela independência da Namíbia.

Ministro francês visita Angola

O ministro da Cooperação e do Desenvolvimento francês, Jean-Pierre Cot, a propósito da visita que vai fazer a Angola, declarou ontem à noite que a França não deseja que este país «esteja cingido a uma opção americana ou soviética».

Paris defende para Angola uma opção de «não alinhamento», afirmou à Agência France Presse o ministro, que inicia hoje, sábado, uma visita de três dias a Angola, onde será recebido pelo presidente José Eduardo dos Santos. A cooperação francesa — acrescentou — pode oferecer a este país, que deseja reforçar as suas relações com o nosso, a possibilidade duma terceira via.

Cot, que deve assinar, segunda-feira, em Luanda, um acordo geral de cooperação,

considera importante a formação de técnicos.

Encontram-se, presenteemente, dois cooperantes franceses neste país que conhece certas dificuldades materiais, referiu Cot. Até ao presente, o auxílio francês a Angola tem-se feito através dos protocolos do tesouro e dos créditos bonificados, indicou o ministro, que recordou haver já a França assinado um acordo geral de cooperação com Moçambique.

A solução do problema namibiano é uma das principais condições do prosseguimento do desenvolvimento de Angola, acentuou Cot.

A França deseja desenvolver as suas relações com os países da «Linha da Frente» para conseguir «aliviá-los do imperialismo sul-africano» nos domínios técnico, militar e económico, sublinhou ainda o ministro francês.

Finalmente, Cot recordou que a França mantém o embargo relativamente às vendas de armas à África do Sul e afirmou ser sua intenção manter também os compromissos já firmados.

Novas medidas legislativas no Zimbabwe

Novas medidas legislativas de emergência foram sexta-feira publicadas no Zimbabwe a fim de salvaguardar que o presidente, o Governo e as forças de segurança sejam processados por qualquer acção para preservar a segurança de Estado.

O jornal governamental anunciava que as regulamentações permitiam ao primeiro-ministro, Robert Mugabe, que ocupa, também, o cargo de ministro da Defesa, prevenir qualquer acção criminal ou civil contra o presidente, o gabinete ou as Forças Arma-

das, caso creia que eles «actuaram de boa-fé ou tendo em conta a segurança do Zimbabwe».

As determinações, que entram imediatamente em vigor, implicam que não poderá ser efectuada nenhuma acção legal em relação aos órgãos visados desde que o ministro da Defesa não tenha conhecimento da mesma dois meses antes.

As leis, disseram fontes legais, reflectem a preocupação governamental com a situação de segurança do país provocada pelo banditismo e dissidência política.

Garcia Marquez quer saber



Garcia Marquez

O escritor colombiano, Gabriel Garcia Marquez, declarou ontem na Cidade do México que só regressará ao seu país depois de o Governo esclare-

cer os motivos que o obrigaram a sair para o estrangeiro.

O presidente eleito da Colômbia, Belisário Betancur, convidou publicamente Garcia Marquez a estar presente na sua tomada de posse, prevista para 7 de Agosto, em Bogotá.

Entrevistado por telefone pela Rádio colombiana «Caracol», Garcia Marquez disse, da

Cidade do México, que não poderá viajar para Bogotá porque o Governo mantém obscuras as razões que o levaram a persegui-lo.

Líbano, capital Oradour

1944 — Oradour, pequena cidade francesa, perto de Limoges é destruída e os seus habitantes massacrados pela barbaqueia nazi.

1982 — Beirute, capital do Líbano, está em vias de ser destruída e os seus habitantes massacrados pela barbaqueia sionista.

A História não se repete, mas um estranho paralelismo existe: o de dois povos marcados pelo mesmo destino trágico.

De um lado, um povo outrora perseguido, escurado, martirizado, cujo único crime era o de ser judeu. Auschwitz, Dachau, Treblinka, são nomes que ainda hoje encerram todo o horror dos seis milhões de vidas que ali se quedaron naquilo que foi o maior holocausto da História da Humanidade.

E uma pátria nasceu por cima de todos esses mortos — uma pátria construída um pouco a pressa pelos grandes deste mundo, na preocupação de saldarem o preço do massacre. Só que essa pátria porém, arrancada da aridez do deserto, esqueceu depressa que um outro povo procurava também uma pátria. Um povo também escor-

raçado, perseguido e martirizado, como eles o haviam sido outrora. Um povo que não reclama mais do que a terra a que a História lhe dá direito. E eis que ao desespero de uma luta pela vida e por uma pátria, as respostas são as bombas, a destruição e a morte. Hoje, Treblinka e Auschwitz têm uma ressonância árabe. O holocausto mudou de campo.

Mas as crianças que morrem hoje, são as mesmas e os gritos que se erguem por entre o fragor das bombas assassinas, são o eco de outros gritos, gritados por um povo que de massacrado passou a ser o carrasco de outro povo. Trágica ironia da História!

Ao olharmos para Beirute dilacerada, por onde corre o sangue do desespero e da esperança, não podemos deixar de invocar essa outra terra massacrada, que foi Oradour. Uma e outra, símbolos do horror e da barbárie dos homens. Duas cidades irmãs no sofrimento e na destruição. Dois gritos que se erguem, perante a passividade do mundo

Alvaro Morna



Junto à fronteira entre o Irão e o Iraque, militares de Teerão procuram camaradas seus, entre uma pilha de cadáveres

Iraque repele tropas de Teerão

Violentos combates em Bassorá

Helicópteros e barcos de guerra iraquianos, concentraram-se ontem contra posições iranianas, na zona oriental, perto da cidade portuária de Bassorá — segundo revela um comunicado militar iraquiano.

O comunicado divulgado pela agência de notícias iraquiana, INA, dá ainda conta de combates travados durante a noite na mesma área, e reivindica mais vitórias para o Exército de Saddam Hussein.

Os iranianos bombardearam subúrbios civis em Khaheqin, junto à fronteira, na frente norte e perto da principal estrada para Bagdade, indica a INA.

Analistas políticos consideram, porém, que a ofensiva iraniana contra o Iraque se manteve em relativo «ponto morto».

Não há indícios de que o conflito se resolva, pensando os analistas referidos que esta batalha apenas se malograra, tal como outras, anteriormente, sem que tal conduziu a um armistício.

Cerca de 100 mil iranianos já invadiram o Iraque depois de Bagdade ter oferecido um cessar-fogo. Teerão ignorou a oferta, aparentemente confiante que poderia prosseguir na onda da sua espectacular vitória quando da tomada de Khorramshar, com uma campanha bem sucedida dentro do próprio solo iraquiano.

Até esta invasão a guerra tinha sido travada apenas em solo iraquiano.

O Iraque informou, na quinta-feira, que a maior parte das forças invasoras fora repelida, restando apenas os mortos, os feridos e os capturados, e milhões de dólares de armamento de fabrico norte-americano e britânico, do tempo do xá Reza Pahlavi.

Teerão insiste, porém, que continua a sua campanha e que as forças se mantêm em território iraquiano.

Ontem celebrou-se o fim do Ramadão e estas comemorações foram aproveitadas pelos «ayatollahs» iranianos para exortarem à continuação da guerra.

O «ayatollah» Abdolkarim Mousavi Ardebili, chefe do Supremo Tribunal, exortou uma vez mais os iraquianos a derrubarem o presidente Saddam Hussein.

«Se a nação iraquiana o derrubar (a Hussein) nós receberemos a nação muçulmana do Iraque de braços abertos» — disse Ardebili.

Falando durante uma cerimónia religiosa, Ardebili, um dos ajudantes próximos de Khomeini, referiu: «com a entrada das forças islâmicas (iranianas) no Iraque, todas as superpotências estão a chorar e a dizer que segurança da região está em perigo. É como se o Irão não desejasse a segurança».

No entanto, Ardebili considera

que é a «segurança dos Estados Unidos e das superpoderosas hegemonias que está em perigo». Para o Irão — disse ainda Ardebili — a guerra do Golfo «é uma guerra do Islão contra infelizes», pelo que não importa se se combate em solo iraquiano ou iraquiano.

Esta noite; ofensiva iraniana

O Exército iraquiano voltou a repelir uma ofensiva iraniana, tendo-se travado combates muito violentos durante a noite passada a leste de Bassorá, anunciou o comando-geral das forças iraquianas.

O comunicado iraquiano, transmitido pela agência INA, recebida em Manama, precisa que essa ofensiva se destinava a permitir a transposição da fronteira pelas forças iranianas. Segundo o comunicado, travaram-se combates muito violentos a leste de Bassorá (Sudeste do Iraque), durante toda a noite passada e esta manhã.

O texto refere 2345 mortos nas fileiras iranianas e afirma que «os agressores foram completamente aniquilados e só os que foram capturados puderam salvar a vida».

Segundo o comando-geral militar, o Irão decidiu lançar esta nova ofensiva após «as graves

derrotas» sofridas durante os últimos 10 dias, isto é, desde a entrada das suas tropas no Iraque.

«Foram unidades vencidas, esgotadas e dispersas que o Estado-Maior iraniano tentou reunir, para passar novamente ao ataque», afirma o comunicado que presta homenagem à «vigilância do exército iraquiano».

Anti-semitismo em Teerão

Os estudantes judeus em Teerão, por decisão oficial, têm de usar roupa amarela quando vão para os respectivos estabelecimentos de ensino, para ser identificada a sua origem — afirmou sexta-feira Sasson Simantov.

O presidente da Associação de Imigrantes Judeus do Irão, depois de um contacto telefónico com a capital iraniana, disse também à Imprensa israelita que as escolas hebraicas foram encerradas, pelo que as crianças judias têm de frequentar as escolas oficiais.

A antiga sinagoga Abrashmy, em Teerão, foi igualmente encerrada — acrescentou.

O amarelo foi a cor que, há 40 anos, foi imposta aos judeus pelas autoridades nazis, geralmente com braçadeiras ou estrelas de David, para o poder identificar facilmente.

O uso de «roupas diferentes» para uma melhor e mais rápida diferenciação em relação ao resto da população foi ordenado pela primeira vez aos judeus e sarracenos pelo quarto concílio de Latráo, em 1215.

Julgamento do caso Sindona

Administrador do IOR em Tribunal por falência fraudulenta

O Instituto para as Obras Religiosas, designação oficial do banco do Vaticano, sofreu agora um novo revés com a convocação do seu principal administrador, Luigi Mennini, para comparecer ontem em tribunal, onde será julgado por fraudes relacionadas com a falência da banca privada italiana de Sindona, em 1974.

O nome de Mennini figurava entre as 26 pessoas notificadas para tribunal todas elas relacionadas com a falência de Sindona, liquidada à força com perdas superiores a 200 milhões de dólares. Mennini tinha já sido detido, por pouco tempo, o ano passado, sob a acusação de falência fraudulenta.

Sindona cumpre actualmente uma pena de 25 anos de prisão, nos Estados Unidos, por fraude relacionada com a falência do Franklin National Bank, sendo pouco provável a sua extradição para ser julgado na Itália.

A presença de Mennini no tribunal na altura em que o IOR se encontra sob fogo cerrado, devido às suas transacções com o banco Ambrosiano do financeiro Calvi põe este numa situação ainda mais delicada tanto perante a opinião pública, como perante as autoridades italianas. O banco Ambrosiano assumira a posição de conselheiro de confiança do Vaticano depois do caso Sindona.

Calvi estava atemorizado

Roberto Calvi era nos seus últimos dias um homem angustiado e atemorizado que recorria a amigos casuais em vez de procurar apoio entre os seus importantes contactos em toda a Europa, na sua qualidade de presidente do nono maior instituto de crédito mundial.

Esta a imagem dada por Flávio Carboni, o homem mais procurado na Itália por ser considerado um elemento-chave no caso da misteriosa morte do banqueiro Calvi, numa entrevista dada ao diário romano «Il Messaggero». Carboni, construtor de Cardena, desempenhou um papel importante nos últimos meses de vida de Roberto Calvi, tendo a fuga do poderoso banqueiro italiano sido apoiada por aquele construtor.

Carboni afirmou na mesma entrevista, concedida a partir do seu refúgio secreto, por telefone, que a fuga do presidente do banco Ambrosiano «foi imprevista e desorganizada». Calvi, recorda-se, foi encontrado enforcado no passado dia 17 de Junho, debaixo de uma ponte londrina, uma semana depois da sua fuga clandestina de Itália, de onde não podia sair legalmente por ter o passaporte apreendido.

O construtor de Cardena, que declarou não ter visto Calvi nas 40 horas que precederam a sua morte, afirmou que este teria uma falência do banco Ambrosiano em consequência da descoberta de um desvio de 1.400 milhões de dólares, comprovado, alguns dias antes da sua fuga, pelo Banco Central de Itália.

Conforme temos noticiado, o responsável por esta verba era o IOR que, segundo dados apurados pelas investigações em curso, só estaria disposto a responder por uma parte do montante a descoberto. Calvi teria solicitado a Carboni, segundo este afirma, que intervisse junto dos dirigentes do IOR para que o ajudassem a cobrir a soma a descoberto. Afirmação que contrasta com inúmeros dados que dão conta da existência de uma relação de negócios desenrolada por vários anos entre Calvi e o IOR.

Sabe-se que o banqueiro tinha acesso directo ao bispo Marcinkus, cuja gestão está actualmente sob o alvo de uma investigação por parte de uma comissão internacional, nomeada pelo secretário de Estado do Vaticano, cardeal Casaroli, por iniciativa de João Paulo II.

Para além disto, o banco Ambrosiano tem cartas devidamente autenticadas nas quais o IOR dá o seu aval às operações fictícias realizadas por Calvi com as subsidiárias latino-americanas do «holding» do banco Ambrosiano no Luxemburgo.

Segundo Carboni, o banqueiro italiano repetia incessantemente nos últimos tempos a afirmação de que saltariam todos. Calvi receava ser de novo condenado no Tribunal de Apelação de Milão a 21 de Junho, cujo julgamento ratificaria ou alteraria a sentença que o ano passado o condenou à multa de dois milhões de dólares e a quatro anos de prisão suspensa, por uma gigantesca fuga de divisas.

Na entrevista concedida, Carboni não se pronunciou, no entanto, sobre as hipóteses de Calvi se ter suicidado ou ter sido assassinado, polémica que opõe a Scotland Yard às autoridades italianas. Tão pouco falou das razões que o levaram a gravar todas as suas conversas, com diferentes pessoas, sobre Calvi. As fitas magnéticas foram encontradas em Roma e deram origem a várias detenções. Carboni diria ainda que Calvi foi, com a sua ajuda, improvisando dia-a-dia o percurso da sua fuga, tendo passado pela Áustria antes de se dirigir para Londres.

EUA-Polónia

Dirigente sindical americano defende suspensão das sanções

Um dirigente sindical norte-americano defendeu sexta-feira junto do vice-presidente George Bush o levantamento das sanções comerciais à União Soviética.

Harry Wells, presidente de um sindicato de trabalhadores da indústria automóvel, disse a Bush que o embargo se está a reflectir no emprego dos trabalhadores americanos.

George Bush considerou que as sanções são necessárias para mostrar uma posição firme contra a agressão, mas reconheceu que elas estão a «impor sacrifícios» aos trabalhadores

norte-americanos.

Wells referiu que 700 membros do seu sindicato já tinham sido despedidos e, após uma reunião de meia hora com o vice-presidente norte-americano, afirmou que «as sanções deveriam ser apoiadas se estiverem a ajudar os trabalhadores polacos».

«Mas não é isso o que está a suceder, julgamos que não estão a surtir o efeito planeado», acrescentou o dirigente sindical, sublinhando que, pelo contrário, as sanções «estão a sacrificar os trabalhadores americanos, por isso deveriam ser levantadas».

George Bush, por seu turno, defendeu a continuação das sanções, mesmo que isso não seja apoiado por aliados europeus dos Estados Unidos. «Não podemos permitir que o totalitarismo esmague os trabalhadores polacos», disse o vice-presidente.

Wells revelou, entretanto, que o embargo norte-americano à URSS custou à empresa em que trabalha, uma associada da «Fiat», um contrato com os soviéticos entre 400 a 500 milhões de dólares, o qual significaria emprego para mais de 500 trabalhadores durante os próximos cinco anos.

Cemitério nuclear a norte do Texas?

A secretaria norte-americana da Energia, disse ontem que está a estudar um plano de utilização de zonas do norte do Texas para guardar resíduos atómicos.

A zona em causa situa-se na chamada «Panhandle», a parte setentrional do Texas que se insere no Estado de Oklahoma, região de grandes depósitos subterrâneos de sal.

Os solos do Texas assim como zonas nos Estados de Louisiana, Missipi, Utah, Nevada e

Washington, serão testados até à próxima Primavera para determinar qual deles é o mais adequado para «lixeria atómica», acrescentaram fontes da secretaria da Energia.

Grupos de residentes das zonas indicadas têm-se manifestado preocupados com o projecto mas, segundo a secretaria de Energia, está a desenvolver-se grande esforço para informação da população local.

Entretanto, crê-se que não será concedida qualquer licença

para criação de lixeiras nucleares no Texas antes de 1990, segundo fontes do conselho de Energia e recursos naturais deste Estado.

Em Mururoa

A França fez explodir um engenho nuclear no atol de Mururoa, pacífico sul — anunciaram ontem sismólogos da Nova Zelândia.

A explosão, mais recente de uma série de três, deu-se quarta-feira e teve uma potência de duas quilotoneladas.

Conselho de Ministros da CEE reúne de emergência

Relações Europa/EUA à beira da mais grave crise do pós-guerra

Os Estados Unidos e a Europa Ocidental estão-se a encaminhar para o seu mais grave conflito do pós-guerra, centrado nas sanções norte-americanas contra o gasoduto soviético e nas importações europeias de aço.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade Económica Europeia convocaram para hoje uma reunião de emergência em Bruxelas, onde decidirão da resposta a dar às pesadas taxas de importação impostas pelos americanos ao aço europeu.

Se se decidirem por contra-sanções, por exemplo incidindo sobre os produtos agrícolas norte-americanos, o cenário para uma guerra comercial estará montado.

Uma delegação da CEE regressou esta semana a Washington afirmando ter recebido uma resposta «totalmente negativo» de Reagan à proposta de redução de 10 por cento nos fornecimentos de aço europeu.

Os europeus rejeitam categoricamente qualquer responsabilidade na recessão da indústria siderúrgica norte-americana, a qual recentemente colocou no desemprego 110 000 trabalhadores e se prepara para despedir mais 25 000.

«Inexactas e contestáveis»

A Comissão Europeia considerou «inexactas e contestáveis» as razões apresentadas pelo Departamento do Comércio americano para rejeitar aquela oferta, que considerou «insuficiente».

Nos meios comunitários sublinha-se que esta resposta não fecha totalmente a porta às negociações mas também se considera que já não será possível deter o processo em curso nos EUA e que deve conduzir, a 24 de Agosto, à imposição definitiva de direitos compensatórios sobre as exportações de sete categorias de aço belgas, britânicas, francesas e italianas.

Para deter este processo, seria preciso, segundo se pensa em Bruxelas, que os «Dez» aceitassem uma redução das suas exportações que equivaleria à aplicação destes direitos, hipótese que têm recusado.

A disputa entre europeus e americanos poderá tornar-se mais renhida ainda, quando terminarem a 10 de Agosto próximo os inquéritos anti-«dumping» americanos sobre outros aços europeus exportados para os EUA.

O risco de degradação das relações com os Estados Unidos não se limita às exportações siderúrgicas, embora neste caso se trate de um negócio de quase três mil milhões de dólares que está em jogo.

Embargo à URSS

Com efeito, os europeus parecem estar a endurecer as suas posições face à decisão do presidente Reagan de tentar alargar

às firmas europeias o embargo dos materiais destinados à URSS para a construção do gasoduto euro-siberiano.

A notícia dada pelo governo francês, apoiado pelo chanceler Helmut Schmidt, de que os contratos firmados com Moscovo deverão ser cumpridos, constitui um testemunho claro desse endurecimento.

Contudo pensa-se nos meios comunitários em Bruxelas que, quanto às duas questões mais «quentes» — exportações de aço e embargo para o gasoduto — os europeus continuarão a negociar a fim de evitar a «guerra comercial».

Com efeito soube-se ontem que o director-geral das relações externas da Comissão Europeia sir Roy Dennis, estava disposto a partir hoje para os Estados Unidos. Isto significa, segundo se pensa em Bruxelas, que a negociação de um acordo global sobre as exportações de aço, abandonada nos últimos dias, poderia ser reatada.

No que diz respeito ao gasoduto, a Comissão prepara um conjunto de argumentos jurídicos que apresentará às autoridades americanas antes de 21 de Agosto.

«Conflito em família?»

No entanto, tudo leva a crer que os governos europeus prossigam o projecto de colaboração com a URSS, mesmo que tal signifique um desafio ao embargo de Reagan relativo ao uso de tecnologia norte-americana por firmas estrangeiras com patentes dos Estados Unidos.

Assim, a União Soviética deverá estar em condições de iniciar o fornecimento de gás siberiano à Europa ocidental em 1984.

Apesar de Reagan ter afirmado sexta-feira que o conflito se passa «em família», nada indica que qualquer dos lados venha a ceder.

Por outro lado, a CEE manteve a sua acção perante o GATT contestando os direitos compensatórios que os Estados Unidos querem impor aos aços europeus.

Finalmente a Comunidade Europeia, que pediu ao GATT auto-



Manifestantes americanos pediram ontem a Helmut Schmidt que dissesse «Não» a Reagan, Schmidt dirigia-se a um clube privado onde se encontrou com o secretário de Estado americano, Schultz

rização para poder aplicar medidas de retorsão contra as empresas americanas beneficiando do sistema de exoneração fiscal «disc», não tomou ainda a decisão de as pôr em prática caso seja autorizada a fazê-lo.

Schmidt nos EUA

O chanceler alemão federal Helmut Schmidt, chegou quinta-

-feira, à tarde ao «Bohemian Grove», um dos clubes mais fechados dos Estados Unidos, na Califórnia, onde passará o fim-de-semana a convite do secretário de Estado George Schultz.

Schmidt foi acolhido por uma centena de manifestantes que protestavam contra o carácter extremamente exclusivo desse clube, que apenas reúne algu-

mas das personalidades mais poderosas do mundo e não aceita as mulheres.

Embora o regulamento do clube preveja que ali não se fale de negócios e que Schmidt o visite oficialmente a título privado, ninguém duvida que o chanceler alemão federal abordará com o seu anfitrião os problemas da hora que passa e evocará, em

particular as tensões actuais entre os Estados Unidos e a Europa a propósito do gasoduto euro-siberiano.

Segundo fontes oficiais, o secretário da Defesa, Caspar Weinberger, e o antigo secretário de estado Henry Kissinger participarão igualmente nesta «cimeira» quase clandestina, da qual nada deverá transpirar.

Sector democrata cristão marca pontos na UCD

A iminente reestruturação do secretariado da União do Centro Democrático e a nomeação do novo director da Televisão e Rádio espanholas, depois da eleição de Landelino Lavilla como presidente da UCD, representam um avanço democrata-cristão.

A eleição recente de Lavilla, do sector democrata-cristão, cargo a que acedeu «com plenos poderes», significou o primeiro passo para o acesso deste grupo ao controlo de grandes áreas do poder.

Lavilla prepara uma reestruturação do secretariado do partido, em que os democratas-cristãos aparecem em posições de destaque.

A composição do novo secretariado poderá ser anunciada no fim-de-semana, falando-se para o cargo de secretário-geral do nome de Juan António Díaz Ambroinã, do sector democrata-cristão e antigo colaborador de Lavilla.

Mas, nas últimas horas, foi também admitida a possibilidade de Inigo Caverro, outro democrata-cristão, continuar no posto, pois Díaz Ambroinã seria chamado para um cargo de maior responsabilidade.

O primeiro factor significativo do acesso ao poder dos democratas-cristãos é de que Lavilla começa a impor o seu plano está na nomeação para director-geral da «RTVE» de Eugénio Nassere, destacado membro do sector democrata-cristão da UCD.

A demissão de Carlos Robles Piquer da direcção da Televisão espanhola causou surpresa,

pois apesar de esperada e após uma actuação muito contestada, pensava-se que pudesse ocorrer mais tarde.

Nos meios políticos espanhóis é considerada como o primeiro resultado das pressões que Lavilla está a fazer sobre Calvo Sotelo para a reestruturação das áreas de poder.

Esperam-se, com especial atenção, os nomes dos que vão ocupar as secretarias da UCD embora tudo indique que os democratas-cristãos predominarão.

A expectativa está igualmente concentrada na remodelação do governo.

Fontes próximas a Lavilla indicam que o novo presidente do partido estava a pressionar Calvo Sotelo para levar a efeito, quanto antes, determinadas substituições no Executivo.

Mas não existe acordo, facto que está a provocar as primeiras discordâncias e dificuldades entre ambos e entre os sectores que integram a UCD.

Lavilla e os democratas-cristãos que ainda permanecem no Partido Centrista, apoiados nos «plenos poderes» atribuídos a Landelino Lavilla, pressionam para que se imponham as suas condições e exigências. Mas, apesar das primeiras vitórias democratas-cristãs, não há

acordo, pelo que a crise na UCD continua num compasso de espera.

No entanto, a nomeação de Eugénio Massare adquire especial peso político, dado o burburinho e os interesses políticos que andam à volta deste meio e sobretudo em vésperas de eleições gerais.

Robles Piquer, apesar de muito contestado pela esquerda e por sectores da UCD, era apoiado por Calvo Sotelo.

Esta primeira cedência, pois foi o próprio Calvo Sotelo que pediu a Robles Piquer para se demitir, e a nomeação de um democrata-cristão próximo a Landelino Lavilla e ao actual e possivelmente futuro secretário-geral da UCD, Inigo Caverro, indicam uma vitória do partido sobre o Governo. A indicação do director-geral da Rádio e Televisão espanholas é da competência do Governo.

Depois disto aumenta a expectativa quanto à remodelação do Secretariado da UCD e do Governo.

A pergunta que se faz é se Landelino Lavilla continuará a impor os seus «plenos poderes» e se os democratas-cristãos passarão a predominar em áreas do poder.

Esta situação não deixa de ser curiosa depois de os democratas conservadores, liderados por Óscar Alzaga, terem abandonado a UCD e passado a formar o Partido Democrata Popular.

Compra de aviões

A Espanha decidiu comprar 84 caças-bombardeiros F-18A de fabrico norte-americano, no valor de mais de três mil milhões de dólares — revelaram ontem fontes de Madrid.

Este é o maior negócio militar na história da Espanha — salientaram os mesmos informadores.

A decisão do Governo de Madrid segue-se a quatro anos de estudo sobre a substituição dos aviões Phantom e F-5, de fabrico norte-americano, de que dispõe a Força Aérea espanhola.

A compra dos caça-bombardeiros deverá obter a aprovação do Congresso norte-americano. O pagamento será efectuado através de empréstimos dos Estados Unidos, no âmbito de um pacto de defesa bilateral que permite às forças norte-americanas utilizarem quatro bases espanholas.

O pacto foi renovado no princípio deste mês, depois de a Espanha se ter tornado o décimo sexto país membro da NATO.

Entretanto, o Comité de Coordenação para a incorporação da Espanha na estrutura militar da NATO é aguardada amanhã em Madrid para «perfilar diversas questões técnicas» — soube-se de fonte oficial.

A comissão será recebida pelo embaixador da Espanha na NATO, Javier Ruperez, e discutirá com o Estado-Maior Conjunto, funcionários do Ministério da Defesa e diversos especialistas as capacidades defensivas e estratégicas espanholas.

BENELUX

Paris e Vale do Reno

Partidas semanais de 1/7 a 30/9

LUXEMBURGO-COLÓNIA
AMSTERDÃO-BRUXELAS

PREÇOS DESDE: **38,950\$**

AVIÃO-AUTOPULLMAN-BARCO
GUIA-REFEIÇÕES-VISITAS

COMPARE AS NOSSAS VIAGENS

VIAGENS HORIZONTE

OPERADORES TURÍSTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

QUARTO NA ZONA DO ESTORIL

Para senhora estrangeira, procura-se, com casa de banho, no Estoril, Cascais ou S. João, para ocupar durante um ano. Favor telefonar, da parte da manhã, para 372781 (D. Maria do Carmo)

exclusivo

Em defesa da paz

O movimento pacifista no mundo ocidental

Novosti



O movimento pacifista que desde a Primavera de 1981 tem «varrido» o Ocidente, e em particular a Europa Ocidental, com o seu ponto culminante no Outono do ano passado, não esmoreceu apesar de múltiplos observadores profetizarem o seu fim, depois dos acontecimentos na Polónia, em Dezembro último.

A Primavera-Verão deste ano assistiu à continuação de manifestações em favor da paz, do desarmamento e contra a guerra, só comparáveis nas suas dimensões àquelas que no final dos anos 60 e começo dos 70, o mundo ocidental conheceu contra a guerra no Vietname.

Em Junho passado nos Estados Unidos realizou-se em Nova Iorque, frente à sede das Nações Unidas, onde decorria a 2.ª sessão especial da Assembleia Geral da ONU para o desarmamento, uma das maiores manifestações de sempre pela paz naquele país. Mais de meio milhão de pessoas nela participaram.

Na mesma ocasião em Bona, a sessão do Conselho da NATO era «brindada» com uma manifestação promovida por 30 organizações ocidentais, contra o estacionamento na Europa Ocidental dos mísseis «Cruise» e «Pershing-2». A 20 de Junho, em Paris, era a vez de se manifestarem cerca de 250 mil pessoas.

Pode dizer-se que o movimento pacifista ocidental mergulha as suas raízes mais recentes nos anos 77 e 78, quando con-

seguiu fazer fracassar o projecto dos dirigentes americanos de produzirem e instalar na Europa Ocidental a bomba de neutrões. Em 79 ganhou novo fôlego com a decisão do Conselho de Washington da Aliança Atlântica de instalar na Europa Ocidental novos mísseis nucleares americanos de médio alcance.

No Verão do ano passado, as iniciativas pacifistas começaram a multiplicar-se. De Copenhaga a Paris realizou-se a «Marcha da Paz-81»; teve lugar o Sínodo Evangélico e uma manifestação que reuniu 100 mil pessoas em Hamburgo; em Itália os adversários da guerra realizaram igualmente uma marcha entre Perugia e Assis.

No Outono, novas e mais poderosas manifestações ocorreram por toda a Europa Ocidental. A revista «Time» escreveu em Novembro de 1981: «As poderosas manifestações em Bona, Londres, Bruxelas, Paris e Roma reuniram, no mês passado, quase um milhão de participantes, que descenderam à rua para protestarem contra a instalação de 572 mísseis da NATO, prevista para 1983». A inquietação dos europeus pela instalação dos mísseis deve-se em grande medida à ideia norte-americana, expressa pelo presidente Reagan, de que é possível o emprego de armas nucleares tácticas na Europa, sem que isso possa levar a uma guerra nuclear total entre as duas grandes potências.

O «Economist» por seu lado referia que em certas capitais, o número de manifestantes ultrapassou o das pessoas descidas às ruas, por diversos motivos,

nos últimos trinta anos.

As sondagens mostram que estamos em presença de uma viragem radical da opinião pública europeia ocorrida nos últimos dezoito meses. «Um número sem cessar cada vez maior de habitantes dos cinco países em que a NATO se propõe instalar os mísseis cruzeiros e os mísseis Pershing-2, — acrescentava o «Economist» —, ou se pronunciaram contra os mísseis ou duvidam da sua necessidade.»

As tentativas de menosprezo em relação à «explosão antimissil» por parte dos estados-maiores ocidentais, escondem no fundo uma profunda inquietação pelas consequências que um tal movimento pode ter sobre a «alta política».

Constatando a amplitude e a grande combatividade das acções em favor da paz, numerosos observadores notam que o movimento tem em grande medida um carácter espontâneo. As iniciativas partem de baixo, e vários centros se ocupam ao mesmo tempo da organização de grandes manifestações. Mais de 800 organizações participaram na manifestação de 10 de Outubro do ano passado em Bona que reuniu 300 mil manifestantes. As organizações tradicionais de defensores da paz viram-se em certa medida ultrapassadas pelo enorme afluxo de gente ao movimento contra a guerra nuclear na Europa.

Durante um certo período, os adversários do movimento pacifista consolavam-se afirmando que ele não tinha um carácter verdadeiramente de massas, senão na Europa setentrional. A

uma Europa do Norte, protestante e pacifista, opor-se-ia ao Sul católico e belicista. Mas o facto é que tanto na Itália, como na França, na Espanha como em Portugal, um movimento poderoso contra o perigo da guerra fez a sua aparição.

Por outro lado, a amplitude social do movimento é grande. Muitas organizações de massas da Europa Ocidental que até aqui sempre tinham procurado evitar tomar posição sobre as questões da paz e da guerra vêm-se obrigadas a clarificar posições. Descrevendo a situação da Alemanha Federal, o jornal francês «Le Monde» constata que «não há já uma instituição que, sob a pressão da base, não seja instada a tomar posição. Fala-se de paz ou daquilo que é já percebido como a sua antítese: a corrida aos armamentos — nos jornais, nas escolas, nas igrejas, nos sindicatos, nos partidos. Gerais na reforma juntam as suas vozes ao coro. Secções da DGB, a poderosa confederação sindical, elaboram planos de reconversão da indústria de armamento.»

Aos trabalhadores e aos jovens vêm juntar-se importantes sectores das profissões intelectuais. O movimento dos médicos contra a ameaça nuclear ganha por todo o lado adeptos. Várias centenas de representantes do mundo cultural, tanto dos países capitalistas, como dos países socialistas assinaram uma declaração contra a bomba de neutrões que teve importantes repercussões.

Preocupados, a administração americana e os atlantistas

oeste-europeus têm sugerido por diversas vezes que se estaria em presença de um movimento minoritário. Durante essas manifestações, dizem, a «maioria silenciosa» fica em casa e, quando das eleições, ela vai depositar o seu voto em favor dos partidos que preconizam o rearmamento da NATO e a «solidariedade atlântica» sem reservas para com os Estados Unidos e a sua intenção de instalar novas armas no teatro europeu.

As sondagens de opinião testemunham, contudo, que a opinião pública é sensível aos temas desenvolvidos pelo movimento pacifista. No ano passado 66 por cento dos alemães federais eram contra a instalação de novos mísseis americanos no seu país. Mais ainda, 40 por cento dos inquiridos eram contra a instalação desses mísseis mesmo que as conversações com a URSS se viessem a revelar estérteis. Na Bélgica, uma sondagem efectuada em 1980 mostrou que 41,7 por cento dos interrogados era também contra a instalação dos mísseis. Em Outubro do ano passado eram já mais de 50 por cento. A maioria dos holandeses e largos secto-

res da população britânica e italiana, afectadas pela decisão da NATO, é contra os «euromísseis». Nestes dois últimos países, o movimento tem sido liderado pelas municipalidades atingidas directamente pela decisão de instalar os mísseis.

Esta viragem da opinião pública, após um período de uma certa passividade, precisamente no momento em que o desarmamento parecia «rodar sobre esferas» é um dado novo no confronto Leste-Oeste. Pela primeira vez, os Estados Unidos vêm-se frente a um movimento que impede a adesão dos países da Europa Ocidental às suas teses, que neste momento defendem uma espécie de regresso aos tempos da «guerra fria».

As dificuldades americanas vêm em grande parte do facto de na Europa Ocidental se olhar com grande desconfiança os cálculos efectuados em Washington sobre as possibilidades de «sucesso» numa guerra nuclear. Mas há razões ainda mais fundas que se prendem com a concorrência económica hoje muito real, entre os Estados Unidos e a Europa Ocidental.

Marcha pela desnuclearização na Europa do Norte

CERCA de 300 representantes de movimentos pacifistas escandinavos e de organizações de partidários da paz soviéticos iniciaram no passado dia 13 de Julho, na cidade de Estocolmo a «Marcha da Paz-82» que tem como objectivo central obter a desnuclearização da Europa do Norte.

Os manifestantes que no dia 17 entram na União Soviética pela fronteira da Finlândia junto a Leninegrado, terão percorrido o trajeto Estocolmo - Turku - Helsinquia. De Leninegrado dirigiram-se a Moscovo, Smolensk e Minsk. A 28 de Julho na aldeia bielorrussa de Kachyn (arrasada pelos alemães durante a II Guerra Mundial e cujos habitantes foram exterminados) terá lugar um comício com os participantes da marcha e a população local. De Moscovo, a Marcha seguirá depois para Viena, passando por Kiev.

Esta Marcha, que surge um ano após uma manifestação idêntica realizada entre Copenhaga e Paris, insere-se na onda de movimentos pacifistas que desde o ano passado têm visto a luz do dia em toda a Europa, em contraposição à tendência que se manifesta na arena política internacional para uma deterioração do desarmamento.

Este ano, na França, realizou-se um festival juvenil pela paz em Nîmes, seguido por uma manifestação em Paris. Em Londres, 250 mil manifestantes saíram à rua pelo fim da corrida aos armamentos. Em Roma foram 300 mil e em Tóquio 350 mil. A manifestação de Bona foi promovida por cerca de 1500 organizações. Mais recentemente, Nova Iorque assistiu a uma das maiores manifestações da paz nos últimos anos.

Na Escandinávia

Na Escandinávia o movimento pacifista é também bastante activo. Existem numerosas organizações de defensores da paz entre as quais, por exemplo, «Os Médicos Suecos contra a Ameaça Nuclear», «Os Jornalistas pela Paz», «Os Engenheiros contra a Arma Nuclear».

A desnuclearização do Norte da Europa constitui a principal preocupação dos movimentos pacifistas da região. Ele foi o tema central do recente congresso da organização finlandesa dos partidários da paz. Foi o antigo presidente da Finlândia, Uhro Kekkonen, um dos primeiros a propor a desnuclearização da Europa setentrional. Em apoio desta ideia, a intelectualidade finlandesa organizou um «comboio da paz» que percorreu mais de três mil quilómetros e parou em 14 cidades. Na iniciativa participaram milhares de pessoas, inclusive das regiões limítrofes suecas e norueguesas.

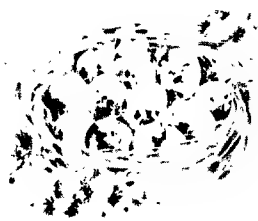
As palavras de ordem «Pelo desarmamento universal e o Norte desnuclearizado», «Não aos mísseis americanos na Europa» ressoaram nas manifestações e marchas da paz que tiveram lugar em todas as grandes cidades da Dinamarca. «Todo o povo contra as armas nucleares», foi a palavra de ordem do Movimento «Não às Armas Nucleares» que realizou manifestações e debates em mais de 200 locais da Noruega, no quadro da Semana de Acção por um Norte Desnuclearizado, e que terminou com uma grandiosa marcha e um comício em Oslo, com a participação de 20 mil pessoas.

Nos países nórdicos organizou-se uma recolha de assinaturas para um apelo em favor da desnuclearização da zona. Até ao início do Encontro Pan-Escandinavo, realizado em Gotemburgo, esse documento foi assinado por mais de um milhão de suecos, dinamarqueses e noruegueses, e cerca de 900 mil finlandeses.

O encontro de Gotemburgo, que reuniu mais de 100 mil pessoas aprovou um apelo à segunda sessão especial da Assembleia Geral da ONU, para o Desarmamento e ao Comité de Desarmamento de Genebra. Este documento é um protesto contra a instalação dos novos mísseis norte-americanos de médio alcance na Europa, e produção de novos tipos de armas de extermínio em massa. O encontro de Gotemburgo foi uma etapa intermédia no caminho para a grande marcha da paz que se está a realizar até Agosto.



Manifestação pela paz em Madrid



«POR FIM»

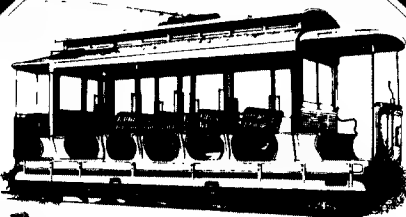
OVOS DE CODORNIZ O ALIMENTO NATURAL MAIS EFICAZ

- PARA COMBATER A ASMA E AS ALERGIAS.
- COMO ALIMENTO IDEAL PARA CRIANÇAS INAPETENTES.
- PARA CUIDAR A LINHA, ALIMENTAR E NÃO ENGORDAR.
- ESTIMULANTE AFRODISÍACO, SEGUNDO A COZINHA ORIENTAL, NOMEADAMENTE A CHINESA.
- RICOS EM PROTEÍNAS E VITAMINAS.

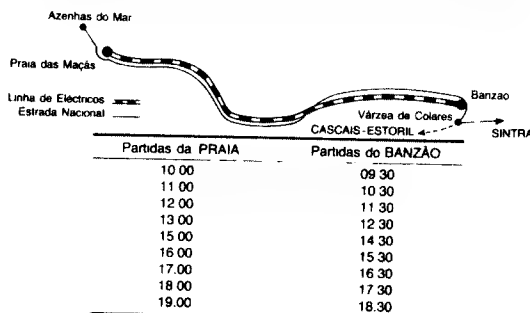
Nos E.U.A., BRASIL e JAPÃO, ocupam o primeiro lugar como remédio natural para as afecções asmáticas.

PEDIDOS A: **GRANJALBA, LDA.**
ALBARRAQUE (SINTRA) 2735 CACÉM
TELEFONE 923 87 39

A VENDA NOS BONS ESTABELECIMENTOS



ELÉCTRICOS DE SINTRA



Tenha o prazer de viajar em veículos do século passado, entre o Banzão e a Praia das Maças.

Visite Sintra

(Em funcionamento de 1 de Julho a 30 de Setembro encerrado às terças-feiras).

RN RODOVIARIA NACIONAL E.P.



Caminhos de Ferro Portugueses Informação

ASSISTENTES DE VIAGEM

Os Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., pretendem admitir ASSISTENTES DE VIAGEM destinadas a operar a partir do PORTO e de LISBOA e outras para o serviço nas estações de AVEIRO E COIMBRA.

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

- Idade compreendida entre os 18 e os 25 anos.
- **Habilitações** — nível de 11.º ano, dando-se prioridade às possuidoras de cursos regulares de turismo ou guias-intérpretes de escolas reconhecidas oficialmente.
- **Conhecimento de línguas** — Francês e Inglês, sendo condição de preferência possuir também conhecimentos de Alemão.

OFERECE-SE:

- Vencimento adequado
- Estabilidade de emprego
- Regalias de transporte em caminho-de-ferro extensivas a familiares
- Outras boas regalias sociais.

As interessadas que preencham as condições deverão contactar por escrito, até 5/8/82, o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque, 20 — 1294 Lisboa Codex, ou o Sector do Pessoal da Região Norte — Porto (S. Bento).



EXPRESSO ALENTEJO – ALGARVE PORTALEGRE – VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

INÍCIO EM 12/Julho/82

Informamos o público utente que durante o período de 12-Julho a 12/Setembro/82, vamos realizar o novo «Serviço Expresso» entre Portalegre e Vila Real de Santo António, em regime trissemanal, conforme horário que se segue:

a)	b)	LOCALIDADES	c)	d)
08.30	14.00	Portalegre	16.00	00.25
09.00	14.30	Monforte	15.30	23.35
09.30	15.00	Estremoz	15.00	23.25
10.30	16.00	Évora	P 14.00	22.25
10.40	16.10		C 13.55	22.25
11.20	16.50	Portel	C 13.15	21.45
11.35	17.05	Vidigueira	P 13.00	21.30
12.00	17.30	Beja	P 12.35	21.05
12.30	18.00		C 12.05	20.35
13.15	18.45	Castro Verde		11.20 19.50
13.30	19.00	Ourique		11.05 19.35
14.40	20.10	Ferreiras		09.55 18.25
15.00	20.30	Quarteira		09.35 18.05
15.25	20.55	Faro		09.10 17.40
16.05	21.35	Tavira		08.30 17.00
16.17	21.47	Vila Nova de Cacela		08.18 16.48
16.30	22.00	Monte Gordo		08.05 16.35
16.35	22.05	Vila Real de Santo António		08.00 16.30



- a) — Às 2.ªs e 4.ªs feiras;
- b) — Às 6.ªs feiras;
- c) — às 3.ªs e 5.ªs feiras;
- d) — Aos domingos.

DURANTE
30 DIAS
OFERECEMOS

leia com
ATENÇÃO

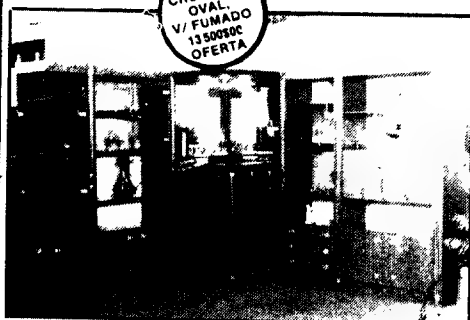
e... VISITE-NOS

antes de decidir a compra do seu móvel,
e verifique quanto economiza

SALÕES DE EXPOSIÇÃO
(Fábricas Porto e Lisboa)

ALVERCA — R. Proj. à Cap. Meleças, lote 1 (junto às Escolas)
• Codex 2615 • Telef. 258 24 03.
LISBOA — R. Luciano Cordeiro, 18-A (entre o Conde Redondo e o C. Santana).
LISBOA — Estr. Benfice, 174 (a 500 m Sete Rios) • Codex 1500
• Telef. 78 05 99.
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 • Codex 2800 • Telef. 276 90 01.
As lojas de Lisboa estão abertas aos sábados de tarde.

EM ALMADA, SECÇÕES DE SUPERSALDOS
NO 1.º ANDAR



ESTANTE CANTO, LUXO 59 500\$00



QUARTO CRIANÇA 18 950\$00



QUARTO CASAL LACADO 19 900\$00



QUARTO CASAL DE LUXO 28 000\$00



QUARTO C/ RADIO, FORRADO A VELUDO 47 500\$00

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

POUPE COMBUSTÍVEL

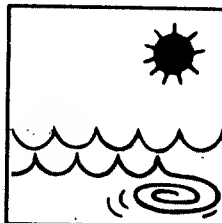
Partilhe o seu automóvel
com outras pessoas
que façam habitualmente
o mesmo percurso.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

PROCURE

zonas sem rebentação
ou remoinhos



2 RODAS 2 vezes mais atenção!

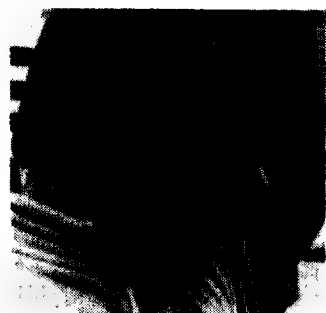
Nunca circule aos zigue-zagues
defenda a sua vida
e a dos outros.





DESPORTO

"Tour": Hinault brinca com a rapaziada



Manuel Zeferino; 22 anos completos ontem. Depois da bela conquista da «Volta a Portugal», o comando no «Grande Prémio Sical» que é o melhor aperitivo e o decisivo teste para o nosso «Tour».

«Sical»: Zeferino pois claro

Repetição do êxito da véspera: Carlos Santos (F. C. do Porto) voltou ontem a ser o primeiro na etapa do Grande Prémio Sical que ligou Castelo Branco a Coimbra, na distância de 152 km (média de 33,850 km/h). Tirada difícil, que teve a primeira tentativa de fuga perto de Pampilhosa da Serra, sendo a subida para Catraia do Rolão (de 1.ª categoria, aos 88 km) atacada em conjunto, com Carlos Santos na vanguarda.

Classificação da etapa: 1.º Carlos Santos (F. C. do Porto), 4 horas, 29 minutos e 3 segundos (média de 33,840 km/h); 2.º Paulo Ferreira (Bombaralense), m. t.; 3.º António Pinto (Coelima), m. t.; 4.º Manuel Zeferino (F. C. do Porto), m. t.; 5.º Carlos Ferreira (Tavira), m. t.

Classificação geral: 1.º Manuel Zeferino (F. C. do Porto), 10 horas, 55 minutos e 15 segundos; 2.º Manuel Gonçalves (Tavira), m. t.; 3.º Adelino Teixeira (Bombaralense), m. t.; 4.º José Poira (Coimbrões), m. t.; 5.º Isidro Miranda (Coelima), a 35 segundos; 6.º Raul Fachadas (Coimbrões), a 35 segundos; 7.º Marco Chagas (F. C. do Porto) a 3,59; 8.º António Pinto (Coelima), a 3,59; 9.º Fernando Fernandes (Bombaralense), a 3,59 e 10.º Luís Domingos (Bombaralense), a 3,59.

Hoje, a partida de Coimbra está prevista para as 14 e 30 e a chegada a Viseu para as 17 e 30. Os ciclistas passarão por Torres do Mondego, Casal de Misarela, Foz do Caneiro, Rebordosa, Azenha do Rio, Ponte Estreita, Porto da Raiva, Vale da Serra, Arroteia, Silveirinho, Ponte da Barragem, Guarita, Casas Novas (começo do abastecimento de água), Carregal do Sal, Oliveira, Fiães da Telha, Lapa do Lobo, Urgeira, Nelas, Mentim do Dão, Mangualde (fecho do abastecimento de água e Prémio de Montanha), S. Cosmado, Fagilde, Prime e Póvoa de Sobrinhos.

O «Grande Prémio Sical» concluir-se-á amanhã, com as etapas S. Pedro do Sul-Aveiro (partida pelas 9 e 30, distância: 77 quilómetros) e Ovar-Porto (largada às 16 e 15, trajecto: 78 quilómetros).

Mais uma vez Bernard Hinault sobressaiu no seu percurso favorito, o «contra-relógio» individual. O «camisola amarela» da «Volta à França», com todo o arreganho e a vontade de vencer que fazem a sua força, ganhou ontem a 19.ª etapa, disputada num circuito de 48 km. À volta de Saint-Priest, cobrindo a distância em 1 hora, 4 minutos e 29 segundos, à média de 44,653 km/hora.

Esta vitória de etapa faz esquecer de algum modo a actuação menos fulgurante do bretão nos troços de montanha do «tour», sejam os Pireneus ou os Alpes. Em todo o caso, foi menos expressiva em relação ao «contra-relógio» de Martignes. Hinault assegurou na realidade o 1.º lugar com uns escassos 9 segundos de vantagem sobre o holandês Gerrie Knetemann (também especialista neste percurso) e 19 segundos sobre o surpreendente Pascal Poisson, seu companheiro de equipa na «Renault-Gitanes». Teve, aliás, de forçar a decisão. Com efeito, após uma partida prudente, contava aos 17 km 28 segundos de atraso em relação a Knetemann. Reencontrou depois o seu ritmo e, aos 30 km, reduziu a diferença para 9 segundos. Só nos últimos quilómetros é que o «camisola amarela» conseguiu estabelecer a diferença, não ultrapassando (porém) os 9 segundos da sua vantagem sobre o homem da «Ti-Raleigh».

Hinault confirmou (entretanto) que é realmente o melhor. Não tem agora mais do que rolar até Paris, sem correr riscos inúteis, para alcançar a sua 4.ª vitória no «tour», valorizada este ano pelo seu triunfo no «Giro».

Hinault e Knetemann são

nomes conhecidos que figuram habitualmente no alto da tabela. O de Pascal Poisson carece ainda de fama: o seu 3.º lugar na etapa de ontem constituiu, pois, uma verdadeira surpresa. Trabalhando com afinco desde as primeiras pedaladas em Basileia, soube conservar forças suficientes para se alçar ao pódio em Saint-Priest.

Outra bela actuação foi a de Daniel Willems, 4.º lugar (a 34 segundos), que deu algum brilho ao brasão do ciclismo belga, bastante embaciado neste «tour», já que nenhum corredor daquele país figura nos dez primeiros da classificação geral.

O 3.º lugar na geral, a seguir a Hinault e Zoetemelk, é agora ocupado por outro holandês (Johan Van Der Velde), 7.º da etapa, que precede agora o seu compatriota Peter Winnen em 5 segundos. Também Beat Breu teve de ceder o seu 5.º lugar ao australiano Phil Anderson, francamente superior ao trepador suíço neste género de exercício.

Classificações

Classificação da etapa: 1.º Bernard Hinault (França), uma hora 4 minutos e 29 segundos; 2.º Gerrie Knetemann (Holanda), a 9 segundos; 3.º Pascal Poisson (França), a 19; 4.º Daniel Willems (Bélgica), a 34; 5.º Reggis Clere (França), a 47; 6.º Joop Zoetemelk (Holanda), a 54; 7.º Johan Van Der Velde (Holanda), a 1.13 minutos; 8.º Sean Kelly (Irlanda), a 1.39; 9.º Serge Demierre (Suíça), 1.44; 10.º Alberto Fernandez (Espanha), a 1.51. Classificação geral: 1.º

Agostinho: duas vezes no pódio

ANO	1.º	2.º	3.º	4.º
1959	Bahamontes	Anglade	Anquetil	Riviere
1960	Nencini	Battistini	Adriaenssens	Junkermann
1961	Anquetil	Carlesi	Gaul	Massignan
1962	Anquetil	Planckaert	Poulidor	Desmet
1963	Anquetil	Bahamontes	Perez Frances	Lebaube
1964	Anquetil	Poulidor	Bahamontes	Anglade
1965	Gimondi	Poulidor	Motta	Anglade
1966	Aimar	Janssen	Poulidor	Momeñe
1967	Pingeon	Jimenez	Balmanion	Letort
1968	Janssen	Van Springel	Bracke	San Miguel
1969	Merckx	Pingeon	Poulidor	Gimondi
1970	Merckx	Zoetemelk	Pettersson	Van Den Bossche
1971	Merckx	Zoetemelk	Van Impe	Thevenet
1972	Merckx	Gimondi	Poulidor	Van Impe
1973	Ocaña	Thevenet	Fuente	Zoetemelk
1974	Merckx	Poulidor	Lopez Carril	Panizza
1975	Thevenet	Merckx	Van Impe	Zoetemelk
1976	Van Impe	Zoetemelk	Poulidor	Deslisle
1977	Thevenet	Kuiper	Van Impe	Galdos
1978	Hinault	Zoetemelk	Agostinho	Kruyere
1979	Hinault	Zoetemelk	Agostinho	Kuiper
1980	Zoetemelk	Kuiper	Martin	De Muyck
1981	Hinault	Van Impe	Alban	Zoetemelk

Bernard Hinault (França) 82 horas 44 minutos e 18 segundos; 2.º Joop Zoetemelk (Holanda), a 6.21 minutos; 3.º Johan Van Der Velde (Holanda), a 9.19; 4.º Peter Winnen (Holanda), a 9.24; 5.º Phil Anderson (Austrália), a 12.10; 6.º Beat Breu (Suíça), a 13.21; 7.º Raymond Martin (França), a 15.30; 8.º Alberto Fernandez (Espanha), a 17.09; 9.º Robert Alban (França), a 17.21; 10.º Daniel Willems (Bélgica), a 17.50.

A 20.ª etapa disputa-se hoje entre Sens e Aulnay-Sous-Bois, na distância de 159 quilómetros, preparando-se Hinault para conquistar amanhã, em Paris, a 4.ª vitória nas últimas cinco edições do «tour». Apenas o francês Jacques Anquetil e o belga Eddy Merckx ganharam a prova por cinco vezes.

Placard

Continuação da pág. 17

Ténis excursiona

Os tenistas João Maio, Alberto Miguel e Pedro Carvalho da Silva (todos do Boavista) seguiram para a Hungria, onde vão disputar o Campeonato da Europa de Juniores, que decorrerá em Budapeste, de amanhã até 1 de Agosto. A nossa presença nesta competição é custeada pelo Boavista com a colaboração na Taça Valerio, a disputar em Pamplona (Espanha). Alberto Miguel e Pedro Carvalho da Silva seguem depois para a Holanda, onde (de 9 a 16 de Agosto) disputam o torneio internacional de Haia.

Grande Prémio

Resultado da segunda volta do Torneio de Washington em Ténis, que conta para o Grande Prémio: Yannick Noah (Fra.) bateu Mike Leach (EUA): 6-4, 6-2; Eric Fromm (EUA) bateu Victor Pecci (Par.): 7-5, 6-2; José Luis Clerc (Arg.) bateu Bernard Pils (Aut.): 6-4, 6-1; Rodney Harmon (EUA) bateu Mário Martinez (Bol.): 6-1, 6-4.

Ténis de mesa: principiar

Resultados do torneio de ténis de mesa «De pequenino se torce o pepino», no Escalão A (dos 8 aos 12 anos): 1.º Orlando Ferreira (Paredes), 11 anos; 2.º Adão Vale (Valongo), 11 anos; 3.º Carmindo Campos (Paredes), 10 anos; 4.º Pedro Garcia (Porto), 10 anos; 5.º António Torres (Vila do Conde), 8 anos. Escalão B (dos 12 aos 14 anos): 1.º António Leite (Maia), 13 anos; 2.º Paulo Teixeira (Porto), 13 anos; 3.º Elsa Cristina (Matosinhos), 12 anos; 4.º Frankim Teixeira (Penafiel), 13 anos; 5.º Óscar Leal (Paços de Ferreira), 14 anos. A taxa para o concelho com maior número de participantes na primeira fase foi para Paredes.

Tribunal desportivo: quando?

O secretário de Estado da Juventude e Desportos, afirmou que se justifica perfeitamente a intervenção do poder político nos mais graves casos do desporto português, dada a inexistência de um tribunal desportivo. O dr. Serra de Moura encerrou o «Estágio Europeu sobre desportos populares e jogos tradicionais que decorreu em Lamego».

Compete à Secretaria de Estado da Juventude e Desportos dignificar tudo o que se passa no País a nível desportivo, nomeadamente o que se refere à seriedade da competição e à honestidade de processos — sublinha Serra de Moura. Quando se chegar ao ponto em que se verifique uma situação desprestigiante, em que o nome do País possa ser posto em causa, nessa altura a actuação do Governo será decisiva, — adianta.

Interrogado sobre o congresso da Federação Portuguesa de Futebol (hoje em Lisboa) o dr. Serra de Moura disse não ver razão para o poder político intervir de imediato neste caso, adiantando: **Temos que nos habituar a viver com a libertação da sociedade civil, pois ela resolve os seus próprios problemas.**

Relativamente à falta de verbas para uma melhor prática desportiva, o secretário de Estado fez um ataque aos dirigentes desportivos: **a mentalidade dos dirigentes do desporto português está ultrapassada, caduca e falhada de imaginação. Estou farto de dar pistas à maior parte dos dirigentes portugueses para arranjar soluções, de modo a angariarem verbas para um apoio cada vez maior e melhor à actividade desportiva no nosso país — disse. Para o dr. Serra de Moura, não é possível ir buscar mais dinheiro ao orçamento geral do Estado para o desporto. Para isso (disse) seria necessário aumentar os impostos, medida com a qual o secretário de Estado não está de acordo como político. Já que os portugueses pagam os impostos mais elevados dos países civilizados da Europa. Com a legalização do «Bingo» nos clubes exclusivamente de utilidade pública, autorização de que sou um dos responsáveis, evitamos a prática do mesmo em muitos locais em que, do ponto de vista social, seria altamente condenável, garantiu.**

MICROSEPIO

Continuação da pág. 17

tros (masc.); triplo; dardo (masc.); altura (masc.); às 18 e 20: Final 200 metros (fem.); às 18 e 25: Final 3000 metros (fem.); às 18 e 40: Séries 5000 metros (masc.); às 19 e 30: Chegada dos 20 quilómetros marcha.

Xadrez incrementa-se

Organizado pela Federação Portuguesa de Xadrez (em colaboração com o pelouro do desporto da C.M.O.) terá lugar, no palácio Anjos, em Algés, de domingo a 1 de Agosto o campeonato nacional de juniores em xadrez, que terá a participação, entre outros, do atual campeão nacional de juniores, antigo campeão nacional absoluto e «mestre da F.I.D.E.» (António Fernandes), José Pinheiro (recente campeão «open» de Portugal) e Luís Galego (actual campeão nacional juvenil). Os primeiros e segundos classificados representarão Portugal, respectivamente nos campeonatos mundial e europeu de juniores.

Paralelamente, decorrerá uma exposição bibliográfica e documental de temática escaquística, que poderá ser visitada das 15 às 20 horas no palácio Anjos (Algés). No dia 31 de Julho

disputar-se-á, ainda no mesmo local e à mesma hora, a «finalíssima» da «Taça de Portugal», entre o «Team Tróia» e a «Equipa Tróia», que empataram a final. Nesta «finalíssima» prevêem-se as participações dos «mestres internacionais» Joaquim Durão (treze vezes campeão nacional), Fernando Silva (actual campeão nacional), Renato Pereira (campeão mundial de xadrez silencioso), e também dos «mestres da F.I.D.E.» Luís Santos e José Pereira dos Santos.

A Federação Portuguesa de Xadrez promove, na segunda-feira, o «Primeiro Torneio num comboio», na viagem entre Lisboa e Porto. O torneio tem a colaboração da CP e disputa-se num sistema de partidas semi-rápidas (com relógio) e conta com a participação de dezoito xadrezistas. A maior parte dos participantes são jovens, dado que no Porto se disputa o campeonato nacional da categoria. O comboio parte de Lisboa às 11 h 35 e deve chegar ao Porto às 15 h 55. O campeonato nacional de juniores principia amanhã, em Algés (Palácio dos Anjos), onde estará patente ao público uma exposição temática sobre a modalidade.

O traço de Pargana



Continua a época da pesca

BENELUX
AVIÃO + AUTOPULLMAN
PARIS, BRUXELAS, AMSTERDÃO
COLÓNIA, LUXEMBURGO, ETC.
E UM INESQUECÍVEL
CRUZEIRO NO RENO
8 DIAS/SÁBADOS
PREÇO: 38.950\$
GUIA ACOMPANHANTE PORTUGUÊS
PARTIDAS GARANTIDAS
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

SUIÇA E AUSTRIA
AVIÃO + AUTOPULLMAN
GENÈVE, ZURIQUE
SALZBURGO, VIENNA, VILACH,
INNSBRUCK, BERNA, ETC.
HORÁRIOS CONVENIENTES
Partidas garantidas desde: 4/7
8 DIAS/DOMINGOS
PREÇO: 40.900\$
GUIA ACOMPANHANTE PORTUGUÊS
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

MADEIRA
ESTÁDIAS SEMANAIS
• 7 DIAS — SEGUNDAS
• 8 DIAS — SÁBADOS
PREÇOS DESDE: 10.950\$
AVIÃO + HOTEL + TRASF. + ASSIST.
POSSIBILIDADE DE PARTIDAS DIÁRIAS
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

ALGARVE
MONTE GORDO, STA. LUZIA
VILAMOURA, ALBUFERA, ARMAÇÃO
CARVOEIRO, ROCHA, LAGOS, etc.
PREÇOS DESDE: 200\$ p.p.dia
ÚLTIMAS DISPONIBILIDADES
APROVEITE AINDA A MELHOR E MAIS
VARIADA OFERTA DO MERCADO
EXCLUSIVO TOURS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

OPERADORES TURISTICOS
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS



Festival de Música do Convento dos Capuchos

Inicia-se hoje, prolongando-se até 4 de Setembro, o Festival de Música do Convento dos Capuchos, à Costa da Caparica.

Do programa consta a actuação do Duo de Cordas de Praga com Sasa Vectomov, violoncelo e Vladimir Vectomov, guitarra (dia 24), um concerto nos jardins do convento

com o Grupo de Metais de Lisboa (dia 31), um recital de piano com Jorge Moyano (dia 7 de Agosto), uma actuação do guitarrista Alexandre Rodrigues (dia 14), música de câmara pelo quarteto Kodaly (dia 22), uma «soirée barroca» (dia 28) e, finalmente, música electroacústica com Carlos Zingaro (dia 24 de Setembro). Todos os

espectáculos às 21.30 horas. Particular realce merece a comemoração do I Centenário do Nascimento do compositor, com um espectáculo no dia 12 de Agosto intitulado «Uma Hora com Igor Stravinsky».

Paralelamente, de 2 a 7 de Agosto, decorrerá o I Curso Musical de Verão para Instrumentos de Metal e Palhetas.

Desde hoje em Vila Nova de Cerveira

III Bienal de Arte

Cerca de 450 obras de 248 artistas nacionais e estrangeiros irão constituir a Terceira Bienal de Arte Internacional de Vila Nova de Cerveira, que de 24 de Julho a 31 de Agosto decorrerá naquela vila.

Organizada pela Câmara Municipal local, comissão regional de Turismo do Alto Minho, Fun-

dação Gulbenkian e Grupo Alvariz do Porto, a terceira edição da bienal «será o maior certame de artes plásticas do ano» — disse à ANOP um dos responsáveis.

«Pretende-se com esta iniciativa realizar um festival de arte que sirva de estímulo à criatividade dos jovens artistas e à divulgação da arte moderna em

Portugal» — acrescentou.

A Terceira Bienal de Arte Internacional, à qual concorrerão 380 artistas nacionais e estrangeiros com um total de 755 trabalhos, engloba obras de desenho, gravura, pintura, escultura, fotografia, teatro, música, dança e cinema.

Negado apoio oficial à realização do III festival de teatro de amadores

O Ministério da Cultura, a Câmara Municipal de Lisboa e o INATEL negaram apoio à realização do terceiro Festival Sindical de Teatro de Amadores (FSTA) promovido pela CGTP-IN — segundo anunciou a comissão organizadora da iniciativa.

Em comunicado distribuído pela CGTP-IN, a comissão apela

a todos os interessados pelo desenvolvimento da Cultura em Portugal para que protestem junto das entidades não apoiantes do FSTA, em curso desde Janeiro com a colaboração de diversas instituições, nomeadamente a Fundação Gulbenkian.

No comunicado é referida a sucessiva recusa do Ministério da Cultura, da CML, e do INATEL em

apoiarem não só esta, mas quaisquer iniciativas da CGTP no campo da Cultura e do Desporto.

Subscrevem o apelo diversas entidades, entre as quais as associações de Críticos de Teatro, de Escritores e de Autores, e várias personalidades, nomeadamente José Rodrigues, Mário Barradas e Joaquim Benite.

VIVA QUEM CANTA

EXPOSIÇÕES ETNOGRÁFICAS COZINHA TRADICIONAL LIVROS DISCOS ARTESANATO SURPRESAS

BOMBOS
TUNAS
FANDANGO
CANTOS DE MULHERES
CORAIAS ALENTEJANOS
CANTARIL
JÚLIO PEREIRA
PEDRO BARROSO



NA AULA MAGNA

(AO CAMPO GRANDE)

DOMINGO, 25 DE JULHO, A PARTIR DAS 18.30H

A MÚSICA E A CULTURA DO NOSSO POVO

BILHETES À VENDA
LOTAÇÃO LIMITADA
ORG. COOP. ERA NOVA/CURSO DE ESTRANGEIROS DA FAC. LETRAS DE LISBOA

Um passado quase sem Mozart

Mozart em folhetim-3

Não está ainda feito o levantamento sistemático da ópera e do teatro musical em Portugal, desde as suas origens até à actualidade. Quanto ao século XVIII, seria indispensável dispor de uma estatística de representações das diferentes peças musicadas e sua distribuição por diferentes teatros públicos e da corte para se poderem tirar conclusões sólidas. No entanto, à face dos elementos de informação disponíveis não parece haver dúvida em afirmar que nos teatros de corte (Ajuda, Queluz, Salvaterra, efémera ópera do Tejo) se representava exclusivamente ópera italiana, com predomínio de

opera seria, frequentemente da autoria de compositores portugueses que haviam recebido a sua formação em Itália estendidos pela Coroa, e que nos teatros públicos vivia uma tradição de comédias e farsas musicais cantadas em português (desde as óperas de António José da Silva, o Judeu, com música de António Teixeira, no Teatro do Bairro Alto, às farsas de Marcos António Portugal no Teatro do Salitre) em concorrência com ópera italiana sobretudo do género buffo (cuja popularidade começa com a companhia das manas «Paquetitas» instalada na Trindade cerca de 1735 e ganha novo alento com a companhia das manas Zamperini no Teatro da Rua dos Condes, já nos anos 70).

Aparentemente, não há, por esta altura, entre nós, um movimento de opinião nem dos intelectuais em geral nem especificamente da gente de teatro (compositores, libretistas, actores) que lute consequentemente por uma ópera nacional, que problematize a questão de um teatro nacional com música, que abra o contencioso entre uma tradição nacional incipiente mas em todo o caso existente e a superioridade da ópera italiana, consagrada nas festividades da corte, quando já não na própria hierarquia dos teatros públicos.

Neste aspecto, a nossa burguesia em ascensão não parecia ter um projecto cultural alternativo ao da corte. Antes pretendia alcançar também para si — como símbolo de promoção social e de partilha do poder — o estatuto aristocrático de fruição dos virtuosos italianos. O Teatro da Rua dos Condes não correspondia, porém, às exigências de «fachada» que satisfizessem os novos candidatos aos pergaminhos da nobreza tradicional, que recuperara arrogância e poder com a reacção da «viradeira» subsequente à morte de José I e ao afastamento do Marquês de Pombal. E em fins de 1792, já quando a França era assolada pela Revolução, cinco poderosos capitalistas portugueses resolvem-se a financiar essa «fachada» que faltava: o Real Teatro de S. Carlos.

A arquitectura interior do edifício, baseada na fórmula elíptica dos teatros italiano (o modelo de Costa e Silva foi o S. Carlos de Nápoles), mostra que se trata de um teatro de corte. O lugar privilegiado da representação (proscénio) e o lugar do rei, emoldurado numa magnífica tribuna (ocupando três ordens de camarotes) são definidos em função dos focos da elipse: toda a sala é pensada para o rei. Mas, com o luxo, a comodidade e também as condições acústicas e técnicas mais adequadas, o S. Carlos constituía uma novidade: era o primeiro teatro de corte aberto ao público, isto é a todos quantos tivessem

meios económicos para frequentá-lo (1).

O nosso percurso conduziu-nos, pois, a resultados bem diferentes dos já aqui referidos com respeito à Alemanha (ver «DL» de 16/7/82): a burguesia que financiara a construção do S. Carlos aspirava não à democratização de um teatro nacional mas antes ao gosto e à maneira de viver da alta roda aristocrática. O Teatro de S. Carlos, inaugurado em 30 de Junho de 1793 com *La Ballerina Amante* de Cimarosa, iria ser um teatro de corte e um teatro italiano. Poucos anos depois (1798) a burguesia do Porto, que não queria ficar atrás da Lisboa, fazia construir o Teatro de S. João para nele instalar outra companhia italiana.

Pagavam-se fortunas primeiro a castrati (durante a vigência do decreto de Maria I que impedia as mulheres de se apresentarem em cena) depois também às grandes cantoras da moda, como Angelica Catalani, que chegou a receber 9 contos e 600 mil réis pela temporada de 1808, ou seja, cerca de cinco vezes mais do que o chefe de orquestra melhor pago do teatro: Marcos Portugal (1762-1830).

Entretanto, este compositor e chefe de orquestra português deixara para trás a sua experiência das farsas portuguesas do teatro do Salitre para se dedicar exclusivamente à ópera italiana. Transformara-se num compositor de nomeada durante uma longa estada no estrangeiro (sobretudo, Itália) que precedeu o seu regresso a Portugal (1800). Cultivando tanto quanto se sabe uma linguagem musical estereotipada, de acordo com as fórmulas da rotina italiana, não professava um ideário artístico que o levasse a assumir entre nós um papel moldado no exemplo de Mozart. Nem o meio, como se vê, lho solicitava.

O falhanço da tentativa da parceria Judeu/António Teixeira, ponto de partida para uma espécie de *Singspiel* portuguesa, culmina assim, em fins do século XVIII, por um lado com a criação, por iniciativa ou participação burguesas, dos dois teatros italianos em Lisboa e Porto, que passam a ser os mais importantes do País, e por outro lado com a celebridade internacional e nacional de um compositor português que tanto mais se promove quanto mais se afasta de um teatro popular/nacional e se subordina à língua, aos libretos e ao estilo italianos. Eis a razão por que o facto de terem sido representadas 20 óperas da sua autoria no Teatro de S. Carlos até à primeira vintena do século passado, enquanto só uma de Mozart foi representada no mesmo teatro em igual período pode significar exactamente o inverso de um processo de efectiva nacionalização da ópera.

Saber avaliar a importância do teatro de Mozart e difundir-lo entre nós implicava ter consciência da dimensão teatral da ópera como síntese de poesia, música e acção, desconhecida de hábitos de consumo que prezavam acima de tudo (senão exclusivamente) o virtuosismo vocal, que é como quem diz as árias da *prima donna* ou do *primo uomo*, «comendo-se, bebendo-se, conversando-se e namorando-se» durante o resto do tempo (tal é o quadro típico descrito por Reichardt em 1782). Implicava ter consciência da necessidade de cultivar um equivalente português do *Singspiel*. A presença de Mozart no repertório

do teatro harmonizar-se-ia com isso tão naturalmente como a sua ausência se harmoniza com a absorção acrítica do modelo italiano.

Um «record» de escassez

Aliás, não é por acaso que o primeiro Mozart que se faz em S. Carlos (1806) seja *La Clemenza di Tito*, uma obra do mesmo ano de *A Flauta Mágica* mas baseada num libreto de Metastasio. Dirige-a Marcos Portugal, não se sabe se com adaptações da sua autoria como era corrente na época. Seja como for, a experiência não é repetida e, embora não exista uma estatística de representações que permita avaliar do seu êxito relativo no contexto de uma temporada que totalizou à volta de 180 réctas, pode-se afirmar que passou despercebida. Se tivesse sido um êxito ficaria no repertório da companhia e ter-se-ia repetido ao menos na temporada seguinte, o que não aconteceu.

O súbito e efémero encontro com Mozart nesta fase do S. Carlos pode estar relacionado com o conhecimento do *Requiem*, que era executado anualmente em Lisboa, desde 1803, pela Irmandade de Santa Cecília. Esta informação regista-a Platon Lvovitch de Waxel, representante da Rússia no nosso país em fins do século passado e estudioso da história da música portuguesa. Ao mesmo autor se deve a indicação — modernamente ainda por confirmar — da estreia de *Così fan tutte* no Porto em 1816.

O *Don Giovanni* chegará ao Rio de Janeiro, onde se encontrava a Corte, em 1821, voltando ao cartaz nas duas ou três temporadas seguintes. A estreia em Lisboa (S. Carlos) só virá a dar-se em 1839, sob a égide do Conde de Faro, um dos representantes da burguesia liberal nobilitada, descendente aliás de um dos cinco capitalistas que financiaram a construção do teatro e já tinha ascendido ao baronato. Os folhetinistas saúdam com entusiasmo o reaparecimento da obra em 1867, apresentando-a como uma redescoberta para os habitués do S. Carlos. Desta vez, o êxito é suficientemente forte para a fazer regressar no ano seguinte. Até ao fim do século só aparece em mais quatro temporadas e sempre em S. Carlos: 1872, 1875, 1880 e 1885. Voltará de novo (e por último antes do encerramento do teatro para a remodelação levada a efeito pelo ministro salazarista Duarte Pacheco) em 1902.

Outras óperas de Mozart, como as *Bodas de Figaro*, *O Rapto no Serralho*, *A Flauta Mágica* (2) só foram estreadas em Portugal (e no S. Carlos) depois da Segunda Guerra Mundial.

Esta escassez de Mozart é verdadeiramente singular em comparação com os teatros de ópera de outras capitais europeias. O S. Carlos bate, decerto, o «record» da escassez, mesmo em relação aos teatros italianos de Itália, onde *Don Giovanni*, as *Bodas* ou os próprios *Singspiele* traduzidos fizeram carreira nos séculos XIX e XX.

(1) Supondo que a Ópera do Tejo não era um teatro público.
(2) É preciso confirmar se terá havido em 1843 uma récta de alunos do Conservatório, durante a qual teriam sido representadas partes de *A Flauta Mágica*.

A seguir:
Se os alemães reñincham,
ganem os portugueses?

Mário Vieira de Carvalho

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Produtores e receptores

Intensifica-se, na Televisão portuguesa, a colonização estrangeira, principalmente americana. Raro é o dia da semana cujo serão não seja ocupado (no sentido militar do termo) por filmes vindos dos Estados Unidos. Vindos em misteriosas condições...

Ontem não se fugiu à regra. Logo a seguir à «Vila Fala», impingiram-nos «Um Americano em Pasadena» em repetição — e logo depois, a «Balada de Hill Street», americaníssima que se farta.

Claro que, como todas as séries ianques que se prezam, o

moralismo balofo lá está. Bem vomo a aldrabice para estrangeiro ver, tendente a fazer crer que os «americanos de raiz» são bons e que beras, beras mesmo, são os negros, os mexicanos, os porto-riquenhos, enfim, como dizia um polícia espiritualoso, «o Terceiro Mundo».

Tudo porque, como sucedeu ontem, os «azuis» exercem a jurisdição em bairros degradados, habitados pela miséria e pela prostituição. São os pequenos crimes, «o varejo», como dizem os brasileiros. Porque os grandes crimes, os grandes golpes, os milhões de contos gastos na militarização da «Columbia» (não se esquecem: devem ler «Calámbia»), as grandes ma-

nobras da cocaína, etc., etc., isso não cabe na alçada dos «azuis» da Hill Street...

II

Na produção nacional da RTP, os crimes são outros — e como dizia o Américo Thomaz a propósito da ponte da Murtosa, para nós são muito mais importantes.

Principiou ontem um «folhetim» sobre a Constituição. A seu respeito, grassa o maior secretismo. Apenas se sabe que quem está por detrás dela é uma tal «Comissão Cívica para a Revisão da Constituição», embora não nos digam quem está por detrás desta «Comissão Cívica». Igualmente se sabe que é produzido pela «Telecine-VT», sendo porém certo que chapéus há muitos.

Ora dessa tal comissão fazem parte, por exemplo, Proença de Carvalho e António Maria Pereira, para citar apenas dois nomes conotados com a extrema-direita. O que nos ajuda a compreender de que espécie de Constituição eles gostam.

Mais do que influir nas decisões para a Revisão, a rubrica pretenderá adubar o terreno para uma boa aceitação da Constituição que esperam, e ao mesmo tempo fazer propaganda anti-soviética e anti-socialista.

Diga-se em abono da verdade que a linguagem e os processos que ontem utilizaram estão perfeitamente à altura da inteligência e da ideologia dos promotores da rubrica.

E dos seus receptores.

III

A propaganda anti-socialista tornou-se a principal actividade da Televisão portuguesa.

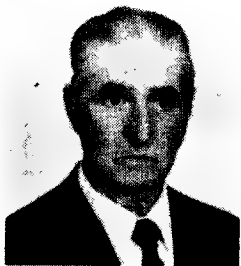
Tornou-se mesmo na sua própria razão de ser.

Nova artilharia está sendo utilizada com esse fim. Refiro-me ao folhetim (americano, of course!) intitulado «A Terceira Guerra Mundial».

Trata-se de uma descarada, irresponsável, infame propaganda bélica, um apelo à cruzada anti-soviética, um incitamento à imposição pela força dos pontos de vista americanos. A verdade é que, tratando-se aparentemente de uma situação imaginada num futuro mais ou menos longínquo, os seus pontos de referência são actuais, como no caso do embargo de cereais. O primarismo, o macaquismo ianque leva a pôr estas palavras na boca de um «funcionário soviético»: «Se o embargo dos cereais não acaba, o nosso povo morre de fome...»

São uns cómicos. Bem vistas as coisas, os «russos» têm alguma culpa. Têm, sim senhor. Então, como se vê no filme pornobélico, eles invadem os Estados Unidos pelo Alasca, ocupam estações de radar, utilizam sofisticados meios de combate — e deixam assim escapar, infantilmente, o helicóptero americano? Se aquilo são as tropas de elite soviéticas, vou ali e já venho. Pelo que se sugere a União Soviética que, quando mandar 35 homens invadir os Estados Unidos, escolha uns que sejam mais eficientes. Aqueles ontem, bom «God», eram uns autênticos nabos.

Paremos de brincar. O caso é extremamente grave. A Constituição da União Soviética proíbe, do modo mais completo, qualquer espécie de propaganda bélica. Infelizmente, outras não lhe seguem o exemplo. Por isso se fazem filmes destes. E se transmitem...



DESAPARECEU

De sua casa desapareceu o sr. Ricardo Belo, com 80 anos de idade; vestia na altura calça de ganga azul clara, camisola azul escura, calçava sandálias.

Pede-se a quem souber do seu paradeiro, o favor de entrar em contacto com o telefone 229 66 46 ou com a Judiciária de Setúbal ou a GNR.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação nas redes eléctricas dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 25 (domingo) das 7 às 15 horas nas seguintes localidades:

— REDE DE 10 KV — CAMARATE

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Loures, 21 de Julho de 1982

P'lo Engenheiro Director Delegado
Pedro António Cristóvão Baltazar

A GAIOTA
de **TCHÉKOV**
TEATRO DO MUNDO **TODAS AS NOITES 21.30**

RUA TENENTE RAUL CASCAIS, 1-A
(A S. MAMEDE) — TELS. 661515-669205

FOLGA 43 FEIRA
SUB. SEC.

3.º FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA NEGRA EM PORTUGAL GRANDE GALA DE MÚSICA AFRICANA



Pavilhão dos Desportos

Lisboa, 31 de Julho, sábado, 21 horas
espectáculo e baile até às 06 horas

Directamente dos países de origem

— Orquestra de João Domingos — Moçambique

— Orquestra N'Kassa Cobra — Guiné-Bissau

Orquestra Afrikan's People Band representante da Comunidade Cabo-Verdiana em Portugal com:

Nuno — viola solo; Marrocos — bateria (os 2 ex. Tulipa Negra);
Armando Tito — viola solo e Cabanga — bateria (ex. Voz de Cabo Verde).

Grupo Musical Diamantes Afro Band

— Representação Artística e Cultural — Angola

— Alvarim e Conjunto Típico S. Tomé e Príncipe

— Artista Pitté — Zaire

— Ângela Dada — Ghana

— Manú — Senegal

Outros Participantes:

— Os Sacalás — Guiné-Bissau

— Henrik — Langel

— Conjunto «Som Tropical»

— E dezenas de artistas africanos

Zé Manel

Zeca Castro Fernandes

Waldemar Clayton e seu Quarteto Sidónio — A Orquestra Africana de Paris.

— Espectáculo Genuinamente Africano

Entrada: 400\$00 — Preço Único

Organização: Grupo de Expressão Cultural Africana

Direcção: Lopes Pereira e Infalidabó



Manuel Rafael, Lda.

TUDO EM MATERIAL ELECTRICO
TV DO FORNO 7-A AO ROSSIO T. 371001 2

Hoje



Na RTP-1 exibição de mais um filme de «A Casa do Terror»

15.50 **Sábado Desportivo**
19.00 **«Sport Billy»**
19.25 **Tur/82** — aeroporto da Madeira.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** — noticiário nacional e estrangeiro.
20.30 **Aqui e Agora** — Aveiro.
22.00 **O Valor de uma Medalha**
22.15 **«Dallas»**
23.05 **«A Casa do Terror»**



Uma cena do filme «Autópsia de um Crime», que será exibido esta noite na RTP-2

19.00 **Notas Desta Banda** — em directo, a Banda de Viana do Castelo.
19.30 **Magia das Plantas** — um jardim em casa.
20.00 **É Sempre Bom Saber** — condição feminina.
20.05 **Espírito da Ásia** — Burma (5.º programa).
21.05 **Sábado Especial** — «Autópsia de um Crime». Intérpretes: Laurence Olivier e Michael Caine. Realizador: Joseph L. Mankiewicz.
23.15 **Documentarismo Português**

Amanhã



10.45: 70X7; 11.10: Eucaristia Domínica; 12.15: Eurovisão — automobili-
smo, Grande Prémio da França; 14.30:
Sumário; 14.40: Berros e Bocas; 18.00:
«Fame» — 2.º episódio; 18.55: «O Te-
souro da Casa Assombrada»; 19.45:
Sombra e Sol; 20.20: O Tempo; 20.30:
Telejornal; 21.25: Cartaz TV; 21.40:
Grande Noite do Fado — 3.º programa
com Amália Rodrigues.

18.00: Reportagem do Exterior;
20.00: Que Viva o Cinema — «O Último
Resgate»; 22.30: «Chicago Story» — 3.º
episódio.

GRUNDIG

qualidade em toda a linha!



«A Casa do Terror»
(23.05)

«Autópsia
de um Crime»
(21.05)



Além de um programa à escolha oferece-lhe



22.15 — «DALLAS»

Ao tentarem reconciliar Jock e miss Ellie, Donna e Ray descobrem que há várias causas para o desentendi-
mento entre eles.

Entretanto, Leslie Stewart é desmascarada pelo seu
ex-marido que aparece em Dallas...

Intérpretes: Susan Howard, Susan Flannery, Monte
Markham, Craig Stevens, Audrey Landers, Priscilla Poin-
ter.

Realizador: Irving Moore.

23.05 — «A Casa do Terror»

Porque motivo o fim-de-semana de Sarah e Tom, em
lua-de-mel, se transforma num sinistro pesadelo?

E quem são aquelas crianças de aspecto angelical que
surgem por todo o lado?

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG

NACIONAL RADIO — Rua 11 Jesus Carreira, 17 — Cruz Quebrada — Tel. 2112871

roteiro cultural

TEATRO

Prossegue esta noite no **Teatro de São Luiz** a apresentação dos grupos selecionados para o Festival de Teatro Amador de Lisboa - 1982, numa organização promovida pela Câmara Municipal de Lisboa. Hoje, pelas 21.30h o Grupo de Teatro da Paróquia de S. Tomás de Aquino (OTAL) apresenta «O Mar» de Miguel Torga. Amanhã, extra-concurso, o Grupo de Teatro Independente «O Palmo e Meio» apresenta pelas 15 horas a peça «Se eu fosse papá». Entrada gratuita.

O **Grupo de Campolide** continua uma digressão pelo conselho de Loures com o original de Romeu Correia «Tempos Difíceis». Hoje, dia 24, em Sacavém, pelas 21.30h. Amanhã, à mesma hora na Apelação.

O **Centro Cultural de Évora**, tem em cena este fim-de-semana em últimas representações, a peça de Karl Valenstein «Como é que ele se chama?», no Salão Nobre do Teatro Garcia de Resende. Ambas as sessões às 21.30h.

No âmbito do Festival de Teatro de Tomar é hoje promovido pelas 16 horas no Café do Pepe à Praça da República um colóquio com **Luís Miguel Cintra** subordinado ao tema «O Espaço no/do Teatro».

Delphim e Filipe Gomes

dos Santos fazem durante este fim-de-semana às 15.30 h e 17.30 h, algararra, música, animação e teatro em «A Bar-raca».

O **Grupo de Teatro Vontade Nova**, da Sociedade Musical Sesimbrense, criado em Setembro do ano passado, promove esta noite no parque de campismo de Sesimbra, a partir das 19 e 30, um espectáculo destinado aos utentes daquele parque. Do programa faz parte música popular portuguesa, pelo Grupo Porta Aberta, de Montemor-o-Novo, a peça «Sonho Redondo», de Elisa Marques, pelo Grupo Vontade Nova e «rock» pela Banda Lastro, de Sesimbra e MG, de Montemor-o-Novo.

Exposições

De hoje a 31 de Agosto decorre a **III Bienal de Arte Internacional de arte de Vila Nova de Cerveira**, pela primeira vez com a presença de artistas espanhóis. Cerca de 450 obras de 248 artistas nacionais e estrangeiros estarão expostos em mais uma organização da Câmara Municipal local.

Na **Galeria Almada Negreiros**, no Ministério da Cultura e Coordenação Científica está patente ao público uma exposição de Artistas Portugueses Residentes no Estrangeiro. Obras de, entre ou-



Inicia-se hoje, nos Capuchos, à Costa da Caparica, o Festival de Música do Convento dos Capuchos.

tros, Júlio Pomar, Costa Pinheiro, António Quadros. A direcção do ciclo «Projec-

tos & Progestos»/Tendências Polémicas nas Linguagens Artísticas Contempo-

râneas promove esta noite, pelas 22 horas no Teatro Estúdio CITAC, em Coimbra, a sua 8.ª sessão com o artista Nigel Rolfe, que apresentará a sua «performance» of sculpture-The Red Drawing».

Em **Óbidos**, no Solar da Praça de Santa Maria, está patente ao público das 9 às 20 horas uma exposição de pintura de Graziela Rinaldis.

Integrada na «semana de Trás-os-Montes e Alto Douro» entra nos seus últimos dias de exibição ao público, na **Galeria de Arte do Casino do Estoril**, uma colectiva de pintura, desenho e escultura de diversos autores da região. Parte das obras expostas foram cedidas pelo Museu de Arte Contemporânea de Lisboa.

Música

Inicia-se hoje, pelas 21h30m, com um recital de clarinete e piano o **Festival de Música do Convento dos Capuchos**. Serão solistas Wladimir Stoyanov - clarinete e Maria José Morais - piano. Do repertório constam obras de Brahms, Saint-Saens, Poulenc e L. Bernstein.

Prossegue hoje em Mafra, a época de **Concertos do Carrião**. A partir das 21h30m serão executadas obras de Couperin, Fernando Sor, Ronald Barnes, André Astier e

Tony Fallone. Amanhã, domingo, pelas 16h30m serão executadas obras de Georg Philip Telemann, Francis Poulenc, Eric Brothier, Domenico Scarlatti, François Couperin e François Dawdrieu.

Em **Óbidos**, pelas 17 horas, haverá Música Popular Portuguesa, na Praça de Santa Maria pela Juventude Musical Portuguesa. Amanhã, domingo, pelas 21 horas actuará a Banda dos Bombeiros Voluntários de Torres Vedras.

No **Jardim Zoológico de Lisboa**, durante este fim-de-semana, actuarão a Filarmónica União Macedense, do Concelho de Mação e a Banda de Música do Ateneu Artístico Vilafranquense, de Vila Franca de Xira.

No **Hot Clube de Portugal**, haverá jazz este fim-de-semana com um quarteto constituído por João Courinha, Manuel Paulo, Carlos Barreto e Carlos Vieira.

Amanhã, domingo, pelas 12 horas, realiza-se no **Átrio-Museu Gulbenkian-Biblioteca Geral** um concerto de música e canto. Actuarão o cantor António Wagner e Alícia Lázaro, em alaúde e guitarra romântica. Entrada livre.

Ballet

O **Ballet Gulbenkian** estará hoje na Póvoa do Varzim, no Ginásio da Escola Secundária, em espectáculo de encerramento do 4.º Festival de Música da Costa Verde

LIQUIDAÇÃO TOTAL
DA EXISTÊNCIA

NA STOP

RUA DO OURO, 260 — LISBOA

BIKINIS	desde 35\$00
COMBINAÇÕES	desde 347\$50
CAMISAS DE NOITE	397\$50
ROBES SEDA	690\$00
ROBES VELUDO	997\$50
SAIOTES	147\$50
PIJAMAS MALHA	497\$50
PIJAMAS SEDA	497\$50

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	61\$30	66\$30
ALEMANHA FED (marco)	33\$95	35\$05
AUSTRIA (xelim)	4\$70	4\$90
BELGICA (franco)	1\$616	1\$616
BRASIL (cruzeiro)	\$218	\$498
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	65\$50	67\$50
(notas de 5 a 1000)	66\$00	68\$00
DINAMARCA (coroa)	9\$80	10\$20
ESPAÑA (peseta)	\$710	\$810
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	82\$50	84\$50
(notas de 5 a 1000)	83\$00	85\$00
FINLÂNDIA (marka)	17\$60	18\$20
FRANÇA (franco)	12\$15	12\$85
HOLANDA (florim)	30\$70	31\$70
INGLATERRA (libra)	144\$90	148\$90
IRLANDA (libra)	117\$25	121\$25
ITALIA (lira)	\$054	\$064
JAPÃO (iene)	\$297	\$332
NORUEGA (coroa)	13\$15	13\$85
SUECIA (coroa)	13\$60	14\$20
SUIÇA (franco)	39\$95	41\$05
VENEZUELA (bolivar)	17\$15	18\$15

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

16.00: Banda magnética; 19.15: Música sem fronteiras; 20.00: Programa da noite - teatro radiofónico - Lisboa, país, cidade; 23.00: Actualidade; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 18.00 e 20.00.

Programa 2

16.15: Música sinfónica; 17.00: Canções do ciclo «O Canto dos Cães», D. 957, de Schubert; 17.30: Transmissão de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto da RDP; 19.30: Música de câmara; 20.10: Música de piano; 20.40: Música; 21.00: «Canções das Crianças Mortas», de Mahler; 21.30: Duetos de câmara; 22.00: Solos de órgão; 22.30: Árias de ópera de Verdi; 23.00: Sinfonia n.º 40, em sol menor, K. 550, de Mozart; 23.30: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Rádio Comercial (263, 290 e 397m)

15.03: Contra-ataque; 19.03: Musical; 20.03: Quando o telefone toca (1.ª edição); 20.30: Quando o telefone toca (2.ª edição); 21.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.03: Contra-ataque; 19.03: Este-rectipos; 21.03: Blues index; 22.03: Outra música. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

OM e FM de Lisboa

16.00: Transmissão desportiva; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do tempo; 19.03: Saltito; 19.30: Nota de abertura; 20.00: Paju; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama; 22.00: Diálogo e vida; 22.30: Bola branca (2.ª edição); 23.30: Nota de abertura; 23.55: Meditando. Notícias intercalares às 17.00, 21.00 e 22.00.

Onda Média de Muge e Porto

Programa igual ao de OM e FM de Lisboa, excepto nos seguintes casos: 16.00: Nós por cá; 20.00: Música viva; 21.00: Portugal experiência histórica; 21.30: Via Láctea.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493'exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 484

HORIZONTAIS:

- Tomance de Emilio Zola. Aparelho para tirar água. Artigo definido.
- Pronome pessoal. Que se pagam todos os anos.
- Grande desordem. Sarro.
- Érbio (sq). Pronome pessoal.
- Que teme.
- Remedeia. Passos rapidamente.
- Czar da Rússia cognominado «O Terrível». Pequeno macaco do Brasil.
- Quinhentos e um em romano. Freguesia do concelho de Pinhel. Caminhar para cá.
- Comparara.
- Quinto filho de Jacob. Uma das Novas Hébridas, na Melanésia. Cidade da Roménia.
- Época. Guarnecera de asas.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9344

HORIZONTAIS:

- Cidade de Espanha. Nome de mulher.
- Espetaram. Medida itinerária do Japão.
- Ciquenta e um em romano. O mais. Aves semelhantes às pombas.
- Prefixo de negação. Letra grega. Senhoras.
- Nota musical. Grande ribeira da Ásia Russa. Laço (inv). Tulo (sq).
- Armário. Queima. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal.
- Composições dramáticas. Caminhar.
- Nota musical. Transpiras.
- Ocultura. Em a.
- Beijo atirado de longe com os dedos por galanteio (Bras.). Grita (fig).
- Salários.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

VERTICAIS:

- Precisão.
- Levantar. Previne.
- Recusa. Nome de mulher.
- Queimo. Impedir.
- Sepultura.
- Em a. Possui. Regra.
- Antigamente. Oxido de cálcio.
- Arteria. Nome de mulher. Tens.
- Rio da Suíça. Casara.
- Informação de membrana iris. Indignar.
- Guarnecido de asas. Caminho para pessoas e veículos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 483

HORIZONTAIS:

- Amãça. Acadi.
- Macó. Macuá.
- Atola. Ri. Mm.
- Nara. Cás.
- Ricados.
- Eme. Ur. Dr.
- Ba. Irás. Uro.
- Artur. Au. Al.
- Rea. Avisado.
- Reviravas.
- Searas. Ro.

VERTICAIS:

- Ananceberas.
- Mata. Maré.
- Acorre. Tara.
- Colai. lu. Er.
- Surrava.
- Oora. Vis.
- Aar. Sair.
- CCI. DD. Usar.
- Eu. Coro. Avó.
- Damas. Rada.
- Ms. Guloso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9343

HORIZONTAIS:

- Namores. A.
- Elías. Alina.
- Gemi. Ulo.
- Laio. Moiros.
- Iroso.
- Gramma. Oos.
- Eu. Eras. Aca.
- Ni. Ais. Erro.
- Ca. Dr. MCII.
- Si. Ao. Mioma.
- Assai. Sés.

VERTICAIS:

- NEGLIGENCIA.
- Álea. Rúlas.
- Mímica.
- Oaio. Mearas.
- Rs. Feridos.
- É. UM. AS.
- Salaios. MMI.
- Toiro. Ice.
- Si. Rosários.
- Nios. CRIME.
- Aa. Socão. As.

Provérbio: A NEGLIGÊNCIA É UM CRIME.

cartaz de cinemas e teatros

abcCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.45 e 24

n. acons. men. 13 anos
ARTUR O ALEGRE CONQUISTADOR

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45

- N. ac. men. 13 a.
UM HOMEM, UMA MULHER

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.
PROMESSA DE AMOR

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30

JERRY, EMFERMEIRO SEM DIPLOMA

Um filme de Frank Tashlin
Não acons. men. 13 anos

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- M. 6 a.
Um divertido negócio de bananas... decidido a morrer!

BANANA JOE
c/ Bud Spencer

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

N. ac. a men. 13 anos
UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

10ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Para Todos
Festival Walt Disney

O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
OS REPETENTES EM FÉRIAS

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30

- Int. men. 13 a.
MORTE NO NILO

c/ Peter Ustinov, Jane Birkin,
Às 24

O JOGO DOS ABUTRES

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.
TABOO - O INCESTO

Às 24
ROMA VIOLENTA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
BLOW UP

Às 24
A CASA DO EXORCISMO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
UMA LUZ NAS TREVAS

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.
O ódio de honra era a sua bandeira!

O CLARIM DA REVOLTA (TAPS)

c/ George C. Scott e Timothy Hutton

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.
HOMENS SELVAGENS... FERAS SELVAGENS

Às 24
O MESTRE DO KUNG FU

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30

BEM-VINDO MISTER CHANCE

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24

- Int. men. 13 a.
OS EXECUCUTORES

c/ Roger Moore

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
OS GANSOS SELVAGENS

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
A CASA DO LAGO

4ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38

Encerrado para férias em 1-6-82

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 15.30 e 18.30 - N. ac. men. 13 a.

A 25.ª HORA

Às 24
BARRACUDA

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
Laureado com a «Palma de Ouro» do

Festival de Cannes em 1972
No filme «O Caso Mattei»

TRES IRMÃOS
Um filme de Francesco Rosi

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 e 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
Belas mulheres e não só

AFINAL, ELAS SÃO ELES!

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.

CAÇADA IMPLACÁVEL

«Os Repetentes em Férias» estão no Castil/Mundial/Roma. Vá vê-los!



QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Int. men. 18 a.
O IMPÉRIO DO DESEJO

Às 00.45
LINCOLN

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15

- Int. men. 13 a.
ALL THAT JAZZ

Às 00.45
A LEI DO ÓCIO

SALA 3

Às 15, 17, 19 e 21.30

- Int. men. 13 a.
DUELO NO DESERTO

Às 00.45
CLAYTON, O CAVALHEIRO DA NOITE

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
O CLARIM DA REVOLTA (TAPS)

Às 00.45
ENQUANTO DURA A TORMENTA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30

- N. ac. men. 13 a.
Os repetentes estão de volta! Desta vez

e em continuação
Mais um grande êxito de gargalhada e

juventude!
OS REPETENTES EM FÉRIAS

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30

POLÍCIA OU LADRÃO

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 14.30, 18 e 21.30

- Int. men. 13 a.
AS PORTAS DO CÉU

c/ Kris Kristofferson

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

- N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS

c/ Meryl Steer e Jeremy Irons
31ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 13.45, 17.30 e 21.15

REDS

c/ Warren Beatty e Diane Keaton
17ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30

- Int. men. 13 anos
NOSTRADAMUS O HOMEM QUE

PREVIU O AMANHÃ
10ª Semana

Às 24
O HOMEM DA MARATONA

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos

Junto ao n.º 68

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 24

007 em festival - c/ Sean Connery
DR. NO - AGENTE SECRETO 007

Domingo às 11.15 - Para Todos
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 18.00 e 21.30

N. Ac. a M. 13 anos
UNS E... OS OUTROS

40ª Semana
ÀS 00.30

INSERTS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30

N. acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER

4ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CÉLEBRES E RICAS
Int. men. 13 anos

10ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30

- Int. men. 13 a.
BULLITT

c/ Steve McQueen e Jacqueline Bisset
2ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30

- N. ac. men. 18 a.
O SARGENTO DA FORÇA 1

Às 23.45 - N. ac. men. 13 a.
OS SOBREVIVENTES DO FIM DO MUNDO

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 - «O Primeiro Pecado Mortal», às 21.30 (13 anos)

ALFA 2 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

ALFA 3 - «O Fantasma da Liberdade», às 21.30 (18 anos)

CITY CINE - «O Expresso da Meia-Noite», às 21.30 (18 anos)

POLITEAMA - «Banana Joe», às 21.30 (13 anos)

MUNDIAL - «Os Repetentes em Férias», às 21.30 (13 anos)

CAPITÓLIO - «Do que Elas Gostam», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

OLÍMPIA - «Sexo Masoquista», sessões permanentes (18 anos)

2000 - «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - «A Chama da Liberdade», às 21.30 (18 anos)

PÁTRIA - «A Grande Ameaça», às 21.30 (13 anos)

ROYAL - «Paraíso Azul», às 21.30 (13 anos)

RESTELO - «Borsalino e C.ª», às 21.30 (13 anos)

OLIVAIS - «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - Stadium - «Pappillon», às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «007 Só Se Vive Duas Vezes», às 21.15 (13 anos)

OEIRAS - Oeiras-Cine - «Uma Louca História do Mundo», às 21.15 (13 anos)

PARÉDE - Royal-Cine - «A Fronteira da Vergonha», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «Fruto Proibido», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Palácio - «O Pequeno Lord», às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Impala - «Música Pelo Caminho», às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - «Como nos Velhos Tempos», às 21.30 (13 anos)

Outra banda

ALMADA - Incrível - «Les Charlots Contra Drácula», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Blow-Out - A Explosão», às 21.15 (18 anos)

ALMADA - Cine-Almada - «O Homem Elefante», às 21.30 (13 anos)

COSTA DA CAPARICA - Silex - «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)

TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «O Espírito Implacável», às 21.15 (13 anos)

SETÚBAL - Júpiter - «Teerão 43», às 21.15 (13 anos)

DL

PORTO PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
 Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
 Telefones: 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade: 368740
 Agências, Assinaturas e Contabilidade
 Rua Castilho, 185-1.º - 1000 LISBOA
 Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
 Porteiro: 321154
 Redacção: 320271/2/3
 Mensagens gravadas: 320229
 Endereço telegráfico DIBOA
 Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
 Delegação do Porto:
 Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
 Telefones: 20954/5

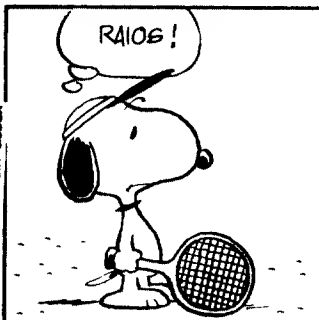
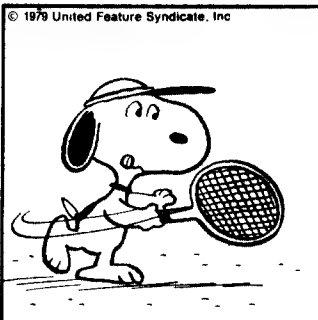
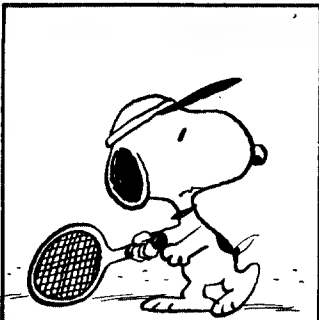
O TEMPO
MARES DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
6.39 3.9 m	12.09 0.9 m
18.56 4.1 m	24.47 0.9 m

DIÁ 25
 7.24 3.8 m 12.55 1.1 m
 19.42 3.9 m

TEMPERATURA DO AR
AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	20°
BRAGANÇA	18°
VILA REAL	20°
PORTO	19°
P. DOURADAS	19°
COIMBRA	17°
C. CARVOEIRO	19°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	23°
ÉVORA	21°
BEJA	19°
SAGRES	20°
FARO	25°
P. DELGADA	19°
FUNCHAL	20°



últimas

Tempestade sobre Nagasaki

Militares organizam convívio em Porto de Mós

UM PORTA-VOZ MILITAR
SÍRIO afirmou hoje em Damasco que a Síria «vai ripostar através de golpes surpreendentes e por diversas armas» a qualquer «violação» do cessar-fogo pelos israelitas contra as tropas sírias no Líbano. Numa declaração à agência de informação síria «SANA», o porta-voz precisou que «a Síria irá infligir aos israelitas perdas em vidas humanas e em material muito mais importantes do que prevêem caso se repita tal violação do cessar-fogo por parte de Israel».

UM POLÍCIA e três membros das «Brigadas Vermelhas» ficaram feridos, ontem de manhã, em Milão, durante um tiroteio num bar da cidade, soube-se de fonte policial. Os brigadistas abriram fogo contra os agentes que os iam prender, indicou a mesma fonte. Dois dos três brigadistas presos depois do tiroteio estariam gravemente feridos, ao passo que o estado do terceiro, também ferido, inspira menos cuidados. Os membros do comando pertencem à coluna «Walter Alasia», a secção milanesa das «BV», precisou a mesma fonte.

UM MEMBRO da comissão nacional (KK) do Solidariedade, que vivia na clandestinidade desde 13 de Dezembro, entregou-se na quinta-feira à Polícia de Kielce (160 km para sul de Varsóvia), que o deixou em liberdade, anunciou a agência PAP. Trata-se de Marian Jaworski, que era presidente da secção do Solidariedade da região de Kielce e que escapou à grande rusga de 13 de Dezembro durante a qual a maior parte dos dirigentes do Solidariedade foram internados. «Depois de ter sido ouvido pela milícia e de ter dado explicações» Jaworski foi autorizado a regressar a casa indica a PAP.

MISSIVA DE BREJNEV PARA SOARES convidando-o a, na qualidade de presidente da Comissão Internacional Socialista para o Médio-Oriente, responder a um «memorando». Neste, Brejnev, analisa a problemática daquela zona do Globo. Soares está nesta altura a redigir a respectiva resposta.

TENTATIVA DE FUGA DA JUDICIÁRIA foi detectada numa madrugada desta semana por mero acaso. As grades estavam já serradas e ignora-se quantos reclusos estariam envolvidos no projecto de evasão. O caso foi guardado em segredo pela Polícia mas familiares dos presos tomaram conhecimento do facto durante a visita que hoje lhes fizeram. Por intermédio das mesmas pessoas soubermos ainda que é escandaloso o consumo e tráfico de droga dentro das instalações prisionais anexas à Polícia Judiciária. Alguns dos detidos afirmam que é ali que experimentam pela primeira vez e se viciam. Em casa de ferreiro...

LUCAS PIRES vai esta semana a México a fim de participar na Conferência dos Ministros da Cultura dos países latinos.

As chuvas torrenciais que desabam no sul do Japão, inundando cidades, destruindo haveres e provocando deslocações de terra, já fizeram pelo menos 84 mortos - informaram hoje as autoridades.

Além dos mortos registam-se pelo menos 265 desaparecidos, segundo os últimos dados, que indicam ainda ser Nagasaki a cidade reconstruída após ser alvo, em 1945, de uma bomba atómica norte-americana, a povoação onde os prejuízos são mais elevados.

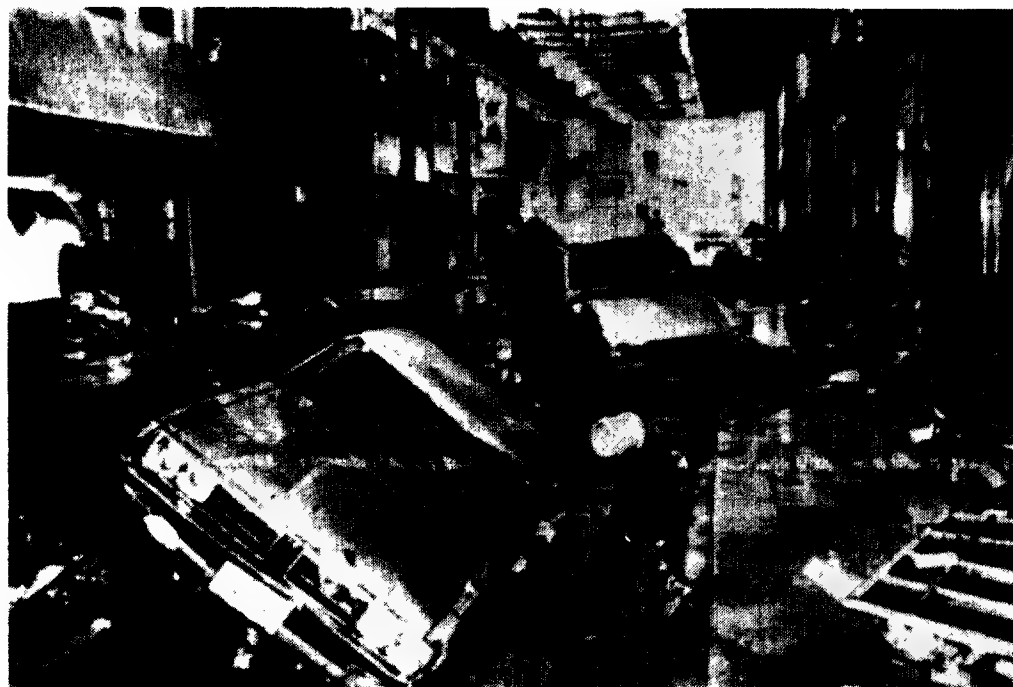
As ruas da cidade estão transformadas em rios, com uma altura de água superior a um metro.

A precipitação atingiu o nível recorde de 457 milímetros em sete horas, provocando desmoronamentos que soterraram dezenas de pessoas.

Um «exército» de 2800 membros prossegue operações de salvamento, pouco frutíferas devido à continuação da chuva.

Forte tremor de terra

Um forte tremor de terra abalou ontem o norte do Japão, incluindo a superpovoada cidade de Tóquio. Fontes policiais não



A chuva torrencial que, após o sismo, se abateu sobre Nagasaki, provocou um enorme caudal de água que arrastou automóveis

deram notícias de quaisquer danos pessoais ou materiais. A estação meteorológica japonesa disse que o sismo atingiu

a intensidade de sete graus na escala de Richter. O epicentro do abalo foi localizado no Pacífico, ao largo de Iba-

raki, a nordeste de Tóquio. As autoridades japonesas alertaram a população para o perigo de um maremoto.

Esta tarde

Marcha da Paz desfila em Moscovo



ca, não criticam directamente qualquer das duas grandes potências.

Contudo, alguns cartazes empunhados por participantes soviéticos nas manifestações dos últimos dias são claramente antinorte-americanas, protestando contra a bomba de neutrões e o plano da NATO para a instalação de mísseis de médio alcance na Europa Ocidental.

Entretanto, membros de uma organização não oficial de Paz, o «grupo para o estabelecimento da confiança entre os EUA e a URSS», acusaram a Polícia de os intimidar e perseguir para impedir todas as possibilidades de contacto com os pacifistas escandinavos.

Dois activistas do grupo foram presos por 15 dias acusados de perturbação da ordem, os apertamentos de amigos e simpatizantes foram revistados e cortadas as suas ligações telefónicas nos últimos dias - declararam.

Acrescentaram que não tencionam tentar participar na «Marcha da Paz» que se efectua sábado, ao longo da Avenida Gorky, até à Praça Vermelha, por recearem serem presos.

Desde que o «grupo de confiança» foi formado, em 4 de Junho, advogando a incrementação dos contactos entre os dois países como base para a Paz, as autoridades advertiram várias vezes os seus membros para que cessassem as suas actividades.



Futebol: tudo na mesma

Durou pouco o Congresso das Associações convocado pela Federação de Futebol: o delegado setubalense (Amândio de Carvalho) interrompeu uma vaga proposta combricense de alteração do número de participantes no campeonato da 1.ª divisão e, fazendo cancelar o ponto 2 da ordem dos trabalhos e terminar a reunião, obrigou a continuar o mesmo figurino. Isto é: 16 clubes no escalão superior e uma «língua» que vai apurar (de entre Penafiel, Farense, Salgueiros e Académico de Coimbra) o último componente deste lote

MARAVILHOSO CRUZEIRO AOS AÇORES E MADEIRA

A bordo do moderno paquete
FUNCHAL
 Classe única - Serviço de 1.º cl.

22 a 31 Agosto 1982
 (LISBOA A LISBOA)

Preços
 excepçionais desde **38.600s**

PEÇA-NOS O PROGRAMA DETALHADO

ORGANIZADO POR
abreu
 fundada em 1840

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
 PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F A R O - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LONDRES

VOOS ESPECIAIS **12P AIR PORTUGAL**
 PREÇOS EXCEPCIONAIS DESDE **15.800\$00**

UMA SEMANA (SÉRIE A)
 PARTIDAS: TODAS AS DOMINGOS

DATAS	A	B	C	D
JULHO	1, 8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23, 30	

UMA SEMANA (SÉRIE B)
 PARTIDAS: TODAS AS SEXTAS-FEIRAS

DATAS	A	B	C	D
JULHO	1, 8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23, 30	

MINI SEMANA (5 DIAS)
 DE DOMINGO A QUINTA-FEIRA

DATAS	A	B	C	D
JULHO	1, 8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23, 30	

FIM DE SEMANA (4 DIAS)
 DE QUINTA-FEIRA A DOMINGO

DATAS	A	B	C	D
JULHO	1, 8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23, 30	

LONDRES E ESCÓCIA
 PARTIDAS: AS QUINTAS-FEIRAS

8 DIAS	JULHO	1, 8, 15, 22, 29	5, 12, 19, 26	2, 9, 16, 23
--------	-------	------------------	---------------	--------------

VISITAÇÃO
 BIRMINGHAM CHESTER
 WINDERMERE EDMBURGO
 NEWCASTLE DARLINGTON
 YORK LINCOLN

abreu
 DESDE 1840

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 - Tel. 371341
 LISBOA - Avenida de Roma, 66 - Tel. 803609
 PORTO - Avenida dos Aliados, 207 - Tel. 317921
 PORTO - R. Eug. Castro, 256 (Foco) - Tel. 881686
 COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
 F A R O - Avenida da República, 124 - Tel. 25035/6
 FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8

FUMO
 NÃO FUME EM BANCOS FECHADOS

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO, 24 DE JULHO DE 1982

Música popular portuguesa

A ausência que compromete o programa diversificado do Festival de Vilar de Mouros



Victorino de Almeida



Johnny Copeland



Rão Kyao

Começa no dia 31 de Julho e durante nove dias as margens do rio Couro darão abrigo à música, poesia e dança, que integrarão aquele que pretende ser, segundo os seus organizadores, «o mais complexo e importante festival de música até hoje realizado em Portugal».

É a terceira edição do festival de Vilar de Mouros que irá ocorrer onze anos depois do acontecimento que ficou na memória como algo de impossível que se tornou realidade, num país onde o encontro era proibido. Foi a aventura de um Woodstock português marcado pelas partidas diárias de amigos para terras distantes. Foi a demonstração do mito da «estrada» que em Portugal se desenvolvia, quando nos EUA e em outros países da Europa a «geração das flores» passava de uma existência viva para permanecer como marco de uma época.

NA lembrança dos que partiam, há onze anos, rumo a Vilar de Mouros, estava ainda a violência que destroçou aquilo que esteve para ser o primeiro passo para festivais de música, pontos de encontro de milhares de pessoas. No Estoril, a polícia de choque com cães, disparos e cacetadas «adiou» esse encontro. Mais tarde já não lhe foi possível proibir Vilar de Mouros, nem o Festival de Jazz de Cascais que, também nesse ano, assentou ar-

raiais. Enfim, a música ganhou em Portugal, no seu encontro regular com o público, uma das suas mais fortes expressões: permitia que a comunicação se realizasse.

Um festival hoje não é já uma novidade. Os concertos «invadiram» o nosso quotidiano e o desejo de encontro que animou o Vilar de Mouros de 1971, de-sejo mais importante do que a própria possibilidade de escutar o som de Elton John ou dos Manfred Man, não é de certeza o mesmo que animará o Vilar de Mouros de 82... Se a recorda-

ção poderá ser um ponto ganho à partida, parece-nos, no entanto, que a promessa dos seus organizadores em que este será o mais importante festival, será de difícil cumprimento. É que o pú-

blico português teve, nestes últimos anos, a possibilidade de presenciar grandes nomes da música, que deixaram a memória de momentos de elevada qualidade e beleza.

Música popular ausente

Um programa vasto e diversificado animará os dias de festival de Vilar de Mouros, um

programa onde estão presentes diversos estilos de música: o rock, o jazz e os blues, a música clássica e tradicional. Mas um programa de onde está

Continua na pág. 2



Old & New Dreamo

FESTIVAL DE VILAR DE MOUROS

Nove dias que vão do rock à música clássica passando pelos blues e pelo jazz

Continuação da pag. 1

inexplicavelmente ausente a música popular portuguesa. Uma falta no nosso entender imperdoável e que empobrece a partida do festival. Que explicação poderá existir para que num programa como o de Vilar de Mouros não figurem nomes como o de Júlio Pereira, Sérgio Godinho, Trovante, entre outros?

Tendo o rock como tónica, em Vilar de Mouros apresentar-se-ão diversos grupos que, no entender dos organizadores, proporcionarão ao público «um panorama de qualidade das tipologias mais diversas do rock actual». São eles os U2, The Stranglers, Durutti Column, Echo & The Bunnymen, A Certain Ratio, RIP RIG + Panic e The Gist, herdeiros dos lendários Young Marble Giants.

Além destes grupos estará presente, em Vilar de Mouros, o rock português através dos

GNR, Heróis do Mar, Jafu'Mega e Roxigénio.

Dois portugueses no jazz

Também os blues e o jazz terão o seu espaço no festival. Os primeiros serão representados por Johnny Copeland, num «bluesman» afro-americano, enquanto que o jazz estará presente através de «representantes das escolas e movimentos mais recentes».

Estarão assim, em Vilar de Mouros, a Sun Ra Arkestra, de dezoito elementos, Don Cherry que encabeça uma formação denominada Old & New Dreams, que inclui Charlie Haden, Dewey Redman e Ed Blackwell, Rão Kyao que se fará acompanhar, para além do seu próprio grupo, de três músicos indianos e o quarteto do contrabaixista português Saheb Sar-



Rip Rig + Panic

bib, residente em Nova Iorque.

Por sua vez, a música etnográfica ou tradicional estará representada por grupos da URSS, Áustria, Hungria,

França e Argélia, para além de grupos de folclore nacional e pelo fado de Coimbra e Lisboa que, no dia 8 de Agosto, encerrará o festival.

Missa antiga

António Vitorino d'Almeida, que integra a comissão organizadora do festival, apresentará uma peça de sua autoria em homenagem do maestro Silva Pereira, com a participação do Quinteto de Sopros de Viena, da Orquestra Sinfónica do Porto e do Grupo Coral da Sé.

Carlos Paredes e os Segréis de Lisboa, estes com uma Missa Antiga na Igreja de Caminha, integram também o programa no qual se prevê ainda um espectáculo luminotécnico de vídeo e música electroacústica pelos grupos Neon de Carlos Barroco e Anar Band de Jorge Lima Barreto.

Uma desfolhada minhota e fogo de artifício darão, segundo os organizadores, «o cariz regional da festa». Entretanto, foi já edificado um palco definitivo

em estrutura de betão, visto que se pretende que o festival de Vilar de Mouros tenha periodicidade bienal, com toda uma rede de sanitários, balneários, parque de campismo exclusivo, bares, restaurantes e supermercados.

O festival, cujos custos parecem estar na ordem dos 13 mil contos, contou com subsídios oficiais da Secretaria de Estado do Turismo e do Ministério da Cultura, bem como o apoio logístico da Câmara Municipal de Caminha cujo presidente dirige a Comissão Organizadora do Festival.

Integram também a Comissão Organizadora a Junta de Freguesia de Vilar de Mouros, a Comissão Regional de Turismo do Alto-Minho, o doutor António Barroco (o promotor do Festival de 71), António Vitorino d'Almeida, Jorge Barreto, Rui Neves, Rui Simões e Alfredo Mourão.

UMBERTO ECO

O intelectual no night club

Semiólogo, jornalista, ensaísta, Umberto Eco acaba de obter um imenso sucesso com um romance difícil. Para ele a teoria e a observação da vida quotidiana confundem-se. O lugar do intelectual é nos magazines e nas discotecas.

Christian Descamps

PROFESSOR de semiologia em Bolonha, jornalista, Umberto Eco escreveu mais de duas dezenas de ensaios. Da estética de São Tomaz de Aquino à poética de Joyce, passando por Tarzan, Sherlock Holmes, Rocambole ou pela semiótica geral Umberto Eco tem percorrido vastos territórios. Mas ao lado da «Obra Aberta» e da «Estrutura Ausente» acabou de publicar um romance — «O Nome da Rosa» editado por Grasset — onde se diverte a subverter ironicamente as formas de narração. De Manzoni a Conan Doyle, passando pelo gótico de Ann Radcliffe, o nosso semiologista diverte-se a misturar — num folhetim ao décimo grau — os jogos de palavras, as falsas imitações, as situações eruditas. Este romance tocou um público imenso.

Este investigador bulímico, que passa facilmente da gramática generadora ao pastiche literário tem vários pontos comuns com Queneau: ele está a preparar actualmente uma tradução italiana dos «Exercícios de Estilo».

— «Semiólogo, V. analisou também as comunicações de massa. No «Super-homem da Mass» V. interessou-se pelas formas de expressão popular. Tarzan, Arsène Lupin, D'Artagnan ou Rocambole são personagens que o fascinam».

— «Edgar Morin dizia, com razão, que não pode analisar o futebol quem não se diverte presenciando uma partida. Comecei primeiro por estudar o «avant-garde» mas mantive-me sempre ligado à comu-

nicação de massas. De facto, estes dois tópicos juntam-se no meu interesse central pela comunicação. Com a pop-art o «avant-garde» desapareceu, reciclou a comunicação de massas. Hoje a música rock está por vezes muito próxima da música experimental. Quando eu trabalhava com Berio e com Boulez muitas vezes fui surpreendido ao encontrar coisas muito próximas da sua música em obras destinadas ao grande público. E além disso, a par do meu trabalho de semiólogo, continuei a interessar-me por estes assuntos, sobretudo através da minha actividade de jornalista; aliás, constituímos em Bolonha equipas que continuam a estudar estes assuntos».

— «V. diverte-se a catar do quotidiano as invenções que atingem os achados da literatura formal».

— «Não penso que exista uma verdadeira separação entre o jornalismo e a investigação. Quando analiso um slogan ou um texto publicitário, claro que me sirvo de categorias de pesquisa abstracta; mas a minha exploração de todos os dias não deixa de me trazer novos materiais. Assim, em 1977 o «movimento italiano» inventava sem cessar linguagens novas. Estas criações linguísticas levantavam problemas teóricos extraordinários. Apercebíamos-nos então de que, enquanto que a linguagem de 1968 estava ainda muito codificada pelo marxismo, a de 1977 dava a impressão de não obedecer a qualquer código».

— «Um professor que assistia a uma reunião geral num dado dia, tinha no

dia seguinte a sensação de estar atrasado, de se encontrar diante de uma outra língua. Havia ali uma dinâmica de alteração de códigos que atingia aspectos de ficção científica. Tinha sido elaborado — um pouco ironicamente — uma espécie de decálogo do comportamento das assembleias de tal modo estávamos interessados pela sua extraordinária mobilidade, no limite de todo o social».

Do lado dos magazines

— «V. gosta de afirmar que o intelectual contemporâneo está hoje no centro da discoteca».

— «Ironicamente, creio que é possível traçar uma tipologia rápida dos intelectuais. O primeiro tipo seria o do professor da «escola de Frankfurt». Este encontra-se perante um universo de comunicação de massa mas não gosta desta alienação e julga-a do ponto de vista da filosofia crítica. Tem uma atitude de desdém, de repúdio em relação ao objecto da sua análise. A única grande excepção seria sem dúvida Walter Benjamin que viva na sociedade de massa. Pense nas suas análises da fotografia, da imprensa, da acumulação de objectos».

— «O segundo tipo de intelectuais viria do lado de Mc Luhan. Este vive numa sociedade de consumo, ama-a e decide falar na linguagem dessa sociedade».

— «A Galáxia Gutenberg é aliás construída como um jornal, com os seus títulos e subtítulos».

— «Sim. E é deliberado. Marshall McLuhan quis estar do lado dos magazines...»

— «Falemos do terceiro tipo do intelectual, o intelectual pós-moderno; ele vai ao night club e vê televisão».

— «Este não desdenha nada. O que não implica que ele ame a alienação social. No entanto vive no meio da sociedade. Exprime-se aí, mas não renuncia à linguagem da teoria nem da da filosofia. Ele sabe que a sua linguagem provém da sociedade em que ele fala. Aqui está, creio eu, uma profunda alteração no estatuto do intelectual».

— «Mas a actividade intelectual chamada pós-moderna não assume por vezes a forma do espectáculo?».

— «Olhemos para a Itália. Estamos a assistir a um enxamear de pequenos grupos apaixonados pela filosofia. Por vezes milhares de pessoas reúnem-se em congressos, em colóquios, como se fossem a concertos de rock. Certamente os mo-

ralistas gemem. Mas em vez de se lamentarem, fariam bem melhor, se tentassem compreender esta modificação cultural».

O sucesso de um romance difícil

— «Todavia, para continuar na sua metáfora, como diferenciar o seminário universitário do night club?».

— «A sua pergunta é na realidade muito difícil. A universidade emprega, por vezes, as técnicas das «mass media», enquanto que nos night clubs se ouvem frases poéticas providas da extrema «avant-garde». Embora não tenha resposta para lhe dar, penso que esta nova situação é extraordinariamente apaixonante».

— «V. faz parte, de certa maneira, da sua terceira categoria de intelectuais. Assim «O Nome da Rosa», o seu romance, é um best-seller, que já vendeu mais de trezentos mil exemplares. Essa obra, escrita por um professor de semiologia, encontrou imediatamente um público muito vasto».

— «Escrevi um romance que considero até difícil. Está cheio de referências históricas, de latim, de cultura. O facto de ele ter tido uma difusão importante, surpreendeu-me. A construção deste romance parte de uma reflexão sobre a narrativa. E terá sido talvez por eu ter utilizado essas técnicas, que muita gente se terá interessado no simples plano das histórias que são contadas. Talvez um romance que dê ao leitor a possibilidade de ser crítico em relação à história contada, encontre os seus leitores entre os de que há pouco estivemos a falar, os das discotecas».

— «Como caracteriza a cultura de massas em Itália?»

— «Certos romances difíceis têm tido um grande êxito em Itália. Assim, Calvino conseguiu ser um verdadeiro sucesso popular. Neste país lê-se — estatisticamente — menos do que em França; mas os que lêem, lêem sem dúvida mais e mais intensamente».

— «No que diz respeito às ciências humanas, a Itália é também muito cosmopolita. Os elementos da cultura alemã ou anglo-saxónica são abordados devagar, mas depois perduram».

— «Sim. Quanto à cultura francesa, em voga, a Itália consome-a

extraordinariamente depressa. Mas estas situações de entusiasmo e fanatismo não duram mais do que o espaço de uma manhã».

— «Voltemos ao sucesso popular de obras de sociologia. Há pouco o «Choque Amoroso» de Francesco Alberoni conheceu também um grande sucesso de massas. Esse professor de sociologia definia o amor como um movimento colectivo a dois; a sua noção de «amor nascente» pretendia esclarecer os estados nascentes, tanto em amor como em política».

— «Esse sociólogo escreve muito bem. Anteriormente, ele já se tinha ocupado, em livros muito técnicos, do amor e dos movimentos políticos. Com esta obra — que trata do amor — este universitário — que é também jornalista — naturalmente encontrou o grande público de que temos estado a falar».

Da revolução à paixão amorosa

— «Mas esta voga para o amor, para a paixão, não corresponde a um regresso — massificado ele também — à esfera da privacidade?»

— «Muito possivelmente. O Maio de 68 francês durou apenas alguns anos. Pelo contrário em Itália o movimento continuou até 1977-1978. A seguir ao choque do terrorismo assistimos a um refluxo, a um retorno importante para o privado. Uma geração inteira que tinha vivido apenas de política, esforça-se por se reapropriar do amor, da paixão, do prazer. Neste quadro, em que se pode citar o livro de Alberoni, não se pode esquecer o sucesso da tradução italiana do «Fragmentos de um Discurso Amoroso» de Barthes».

— «E agora pense que, hoje em dia, o Partido Comunista Italiano organiza colóquios consagrados à noção de felicidade. Uma juventude que ontem se interessava por cocktails Molotov mergulha hoje com paixão nos labirintos das relações humanas».

— «Durante muito tempo os franceses olharam de lado para as emissoras livres italianas. Qual é actualmente a situação?»

— «Assistiu-se a uma verdadeira revolução quantitativa das emissoras livres. Elas renovaram completamente a linguagem radiofónica.

As emissoras estatais foram aliás obrigadas a emitá-las. Mas hoje as emissoras copiam-se umas as outras e, de tudo isso, acaba por resultar uma compota de rádio, de neutralização pela abundância. Se não se conseguir encontrar um «modus vivendi», esta situação corre o risco de condenar à morte este movimento».

— «Que pensa das televisões livres?»

— «A situação é completamente diferente. Enquanto que não é necessário muito dinheiro para instalar um emissor de rádio, as estações de televisão são muitíssimo mais caras. Criaram-se grupos. E, com algumas excepções, o nível das emissões realizadas até agora, tem sido bastante baixo. É certo que em Milão ou em Roma é possível ver dezasseis filmes diferentes. Mas, a concorrência desenvolve, muitas vezes, as tendências mais vulgares».

Menos cinematecas do que caixotes de lixo

— «O cinema italiano também não vai muito bem, precisamente por causa da televisão».

— «A televisão do Estado produz, pelo menos, filmes com realizadores de qualidade. As televisões privadas contentam-se em comprar produtos, a maior parte das vezes americanos. Limitam-se a lançar mercadorias no mercado. Não podemos ter grandes esperanças nas televisões livres que só muito raramente são cinematecas, porque a maioria das vezes não passam de caixotes de lixo».

— «Uma palavra, para acabar, sobre a semiologia. Apesar das suas crises, ela parece continuar viva em Itália».

— «Através da redescoberta da filosofia da linguagem, nomeadamente dos actos de linguagem, a semiologia está hoje no centro de numerosas interrogações. Continua-se a trabalhar muito sobre Pierce. Mas é verdade que a semiologia aplicada, tal como a arquitectura que tinha marcado os anos 50, está em crise. Os teóricos consideraram-se satisfeitos com a aplicação dos instrumentos linguísticos à arquitectura. Pelo contrário, a semiologia da literatura continua extraordinariamente viva em Pavia, Turim, Florença. Em Bolonha conseguimos constituir um grupo de semiótica geral e de semiótica visual».

SÁBADO, 24 DE JULHO DE 1982

Sete Ponto Sete **Cinema**

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

JORGE LEITÃO RAMOS



Manuel Queiroz

QUEIROZ, MANUEL
— produtor/director de produção

Manuel Ribeiro Nunes de Queiroz nasceu a 22 de Julho de 1921, em Lisboa. Cursa a Escola Comercial Veiga Beirão e, com 17 anos, emprega-se como guarda-livros da firma José Louro & C.ª, onde permanece até 1946. Nesse ano vai para a Lisboa Filme como chefe de escritório e, depois, auxiliar da gerência.

No final dos anos 40 começa a produzir documentários mas só em 1956 é director de produção de uma longa-metragem: **O noivo das Caldas** de Arthur Duarte.

Em 1957 sai da Lisboa Filme e inicia a sua actividade de produtor independente. Três filmes, um dos quais (**Sangue Toureiro** de Augusto Fraga) é a primeira longametrage portuguesa de ficção a ser rodada a cores. Em 1960-61 é gerente de distribuição nos Filmes Castello Lopes, volta a trabalhar como director de produção, até que, em 1962, funda a Cinedex, produzindo, a um ritmo contínuo, dez longas-metragens em três anos.

Em 1965, após o fracasso na produção de **Férias em Portugal** (que ficou incompleto), a Cinedex extingue-se e Manuel Queiroz vai para Angola.

Durante dez anos afasta-se do cinema. Em Angola é administrador da Rádio Comercial de Angola, chefe de publicidade na União Comercial de Automóveis, administrador e subdirector do jornal diário de Luanda «ABC», administrador de uma empresa de casas prefabricadas, a Socaspré.

Em 1975, Manuel Queiroz regressa a Portugal e ao cinema. No ano seguinte trabalha como chefe de produção na parte final de **Recompensa** de Artur Duarte. Em 1978 é um dos fundadores da cooperativa Forum, é eleito para



Lucia Amram, Paulo Renato e Moraes e Castro em «Pássaros de asas cortadas» de Artur Ramos, produção de Manuel Queiroz.

buidos os cenários de **Um dia de vida**, **Uma hora de amor**, **A última pega**, **Um cão e dois destinos** e a montagem de **Uma hora de amor**. A filmografia que se apresenta não referencia documentários e jornais de actualidades, território onde a actividade de Queiroz também acontece.

Nos anos 60 Manuel Queiroz foi um dos mais importantes produtores de um cinema rasteiro, fotonovelsco e nacional-cançonetístico cujo êxito comercial era quase sempre certo nas salas do Odeon ou do Eden. **O miúdo da Bica** com o fadista da moda Fernando Farinha ou **Rapazes de Táxis** com António Calvário e Tony de Matos são exemplos desse cinema degradado e reaccionário que dava algum dinheiro mas nenhum mérito.

É Queiroz quem, praticamente, produz toda a carreira de Augusto Fraga, relança Constantino Esteves...

Do seu prolífico período da Cinedex é importante verificar que também produziu **Pássaros de asas cortadas** de Artur Ramos, um dos filmes que anunciaram não ser o cinema português mero estendal de piosismos e mediocridades.

E a ele se deve a tentativa gorada de fazer filmes para crianças (os dois títulos em que aparece o cão Farrusco), que, porém não deixaram sequelas, nem saudades.

É curioso notar que, desde 1978, ele é pedregulho da cooperativa Forum onde, para além de documentários de cariz político e de temática industrial, se fez um das mais escorregadas séries para televisão: **Retalhos da vida de um médico**.

Ou seja, com Artur Ramos, o nome de Manuel Queiroz ficará ligado a obras interessantes. Com a maioria da sua produção ficará ligado ao cinema contra o qual se ergueu o «cinema novo».



Costinha (à esq.) e António Silva em «O noivo das Caldas» de Artur Duarte, a primeira longametrage de que Manuel Queiroz foi director de produção.

o seu secretariado e, pode dizer-se, tem sido o seu pilar fundamental. Aí vem produzindo vários documentários assinados colectivamente, para além da série da TV **Retalhos da vida de um médico**.

FILMOGRAFIA: **O noivo das Caldas** de Artur Duarte (1956), produção Lisboa Filme; **Perdeu-se um marido** de Henrique Campos (1956), prod. Lisboa Filme; **Sangue Toureiro** de Augusto Fraga (1957), prod. M. Queiroz; **O Tarzan do 5.º esquerdo** de Augusto Fraga (1958), prod. M. Queiroz; **O passarinho da ribeira** de Augusto Fraga (1959), prod. M. Queiroz; **Raça** de Augusto Fraga (1960), prod. Imperial Filmes; **A ribeira da saudade** de João Mendes (1961), prod. Filipe de Solms; **O milionário** de Perdigão Queiroga (1962), prod. F. de Solms; **Um dia de vida** de Augusto Fraga (1962), prod. M. Queiroz/Cinedex; **Pássaros de asas cortadas** de Artur Ramos (1962), prod. M. Queiroz/Cinedex; **O miúdo da Bica** de

Constantino Esteves (1963), prod. M. Queiroz/Cinedex; **9 rapazes e 1 cão** de Constantino Esteves (1963), prod. M. Queiroz/Cinedex; **Uma hora de amor** de Augusto Fraga (1964), prod. M. Queiroz/Cinedex; **A última pega** de Constantino Esteves (1964), prod. M. Queiroz/Cinedex; **Um cão e dois destinos** de Alain Boret (1964), prod. M. Queiroz/Cinedex; **Rapazes de táxis** de Constantino Esteves (1965), prod. M. Queiroz/Cinedex; **29 irmãos** de Augusto Fraga (1965), prod. M. Queiroz/Cinedex; **A voz do sangue** de Augusto Fraga (1965), prod. M. Queiroz/Cinedex; **De casa de seus pais desapareceu** série TV de José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos e Ribeiro Cardoso (1978); **Retalhos da vida de um médico** série TV de Artur Ramos e Jaime Silva (1978/79).

Nota: Em alguns destes filmes Manuel Queiroz assina outras participações para além da de produtor (director de produção). Assim são-lhe atribuídas:



Ricardo Costa

COSTA, RICARDO
— realizador

Ricardo Costa nasceu a 25 de Janeiro de 1940, em Peniche. Licenciou-se em Filologia Germânica com uma tese sobre Kafka.

Professor do Ensino Secundário começa a trabalhar em cinema em 1975, sobretudo em documentários para a RTP. Tem colaborado com várias estações estrangeiras de televisão, tendo sido correspondente da Columbia/CBS.

FILMOGRAFIA: **Mar limiar**, série TV (sob este título genérico realizou 12 CM em 1975, 12 CM e a trilogia **Frente ao mar** em 1976, 5CM e as longas-metragens **Avieiros** e **Mau tempo, maré, mudança** em 1977); **Cra-**

vo de Abril CM (1976); **E do mar nasceu** MM (1977); **Verde por fora, vermelho por dentro** (1978/79); **Abril no Minho**, episódio da série **TV Viagem** (1978); **Música do quotidiano** CM (1978); **O homem montanhês**, série TV (1979/81); **A lampreia** CM (1979); **A coca** CM (1979); **Barcos de Peniche** CM (1980).

Ricardo Costa tem sido escorrido documentarista na televisão, sem grandes voos nem aparatosas quedas, filmando do mar à montanha, em viagem. Nem muito bom, nem muito mau, mas podia ser melhor.

Na única incursão que fez na longa-metragem de ficção (**Verde por fora, vermelho por dentro**) os resultados foram catastróficos.

O filme é um disparate nem sequer curioso, qualquer coisa para esquecer.

2 RODAS
2 vezes
mais atenção!

Com o piso molhado
aumenta a distância
ao veículo da frente.

Circular e viver.

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 9-D - 1000 (metro Areeiro) - Rua Infante, 16-95-C - 1300 LISBOA

O Indivíduo

Irredutível, insubstituível, o indivíduo oscila entre o seu orgulho de ser único e a sua aspiração à totalidade.

Não pode dividir-se nem deduzir-se, deixar atribuir-se, confundir-se com o semelhante ou renunciar a si mesmo, este ser singular, numericamente um, único, real, que a tradição

ocidental vulgarmente denominou de indivíduo. Uma dupla e deprimente constatação, se impõe de imediato: o real só existe no indivíduo, como afirma Aristóteles; não há dois indivíduos semelhantes, nem sequer duas folhas de uma árvore, como também afirma Leibniz. Contudo, só existe ciência do universal.

ISTO significa que o discurso racional sempre confessou, até um certo ponto, a sua impotência estrutural para apreender o indivíduo, isto é, o real, na radical contingência do seu aqui e agora. Esta mulher, aquele homem, para usar o ex-

emplo daquilo que atinge o paroxismo da individualização, não frustram, pela multiplicidade heteróclita e indiossincrásica das suas determinações e pela sua superabundância concreta, estas ciências ditas do homem, tão diligentes na sua ingenuidade positivista em erigi-los como objecto de discurso e em reproduzirem o seu anonimato, diga-se mesmo o seu «incógnito»?

A metafísica, longe de ser uma figura ultrapassada da racionalidade, pode contribuir para a crítica das pretensões de um certo cientifismo, porque a sua discursividade permanece pelo menos constantemente inquieta em relação a si mesma e ao mundo, em vez de se comprazer na manipulação tecnicista. Uma filosofia como a de Leibniz, esforça-se por manter a razão o mais perto possível da realidade plural, articula o reconhecimento da singularidade radical do indivíduo e o reconhecimento da continuidade sem falhas de todos os seres, prescreve o indiscernível no seio do contínuo e reconcilia, não sofisticadamente, o singular e o universal.

Evidentemente que se pode sempre preferir a arte à filosofia, ou ainda o pensamento selvagem dos povos não ocidentalizados, que não constriam a diversidade do que existe em conceitos, não submetem a miscelânea das coisas a categorias, não encerra as distinções precárias em definições, numa palavra, não chama à razão. Sem dúvida. Mas se Aristóteles, Leibniz e a tradição filosófica não tivessem produzido e apurado estas noções de indivíduo, de individualidade e de individuação, seria certo que — e tanto pior se a questão parece, pelo menos no primeiro momento, ofensivamente idealista — no decorrer da história ocidental tivessem a pouco e pouco emergido essas partes do todo social que se afirmam como indivíduos, esses membros da cidade que reivindicam direitos inalienáveis?

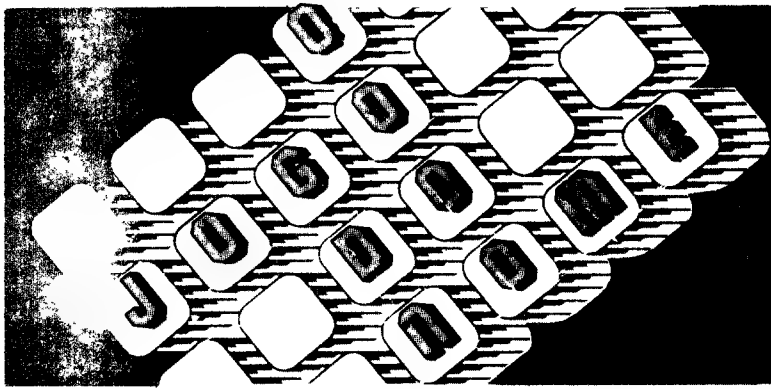
Talvez tenha sido necessário que o ontológico, na sua obscura simplicidade, enunciase a afirmação de que o indivíduo é um sujeito que admite predicados, isto é, atributos, mas que não pode ser por si mesmo o atributo de nenhum sujeito, talvez tenha sido necessário que Spinoza demonstrasse que a substância divina produz, por intermédio de infinitos modos, estes modos finitos que são as coisas particulares, os indivíduos, dizendo ao mesmo tempo que a existência de tantos e tais homens, tantos e tais triângulos não pode deduzir-se das essências do homem e do triângulo, para que a resistência, isto é, a afirmação pelos indivíduos da sua existência e do seu direito, se tornasse representável e efectiva.

Uma tal hipótese nada tem a ver com a tese, segundo a qual o «judio-cristianismo» teria inventado a noção de indivíduo e promovido os valores que a baseiam. Para fundamentar este ponto de vista unilateral e panorâmico, não se hesitou em evocar ao mesmo tempo a interioridade, a consciência, a liberdade, a responsabilidade e a personalidade...

Eis como se torna tentador

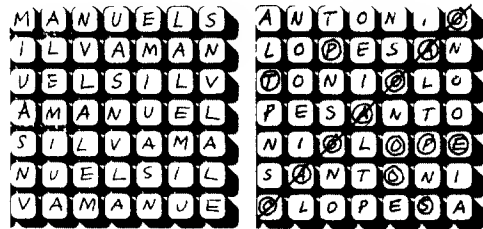
jogue connosco

A partir de hoje



RESUMO DO REGULAMENTO

1. Inscreva o seu primeiro nome e o seu último apelido, em contínuo, na grelha publicada ao lado (7x7 quadrados em branco) dentro do cupão — uma única letra maiúscula por quadrado — até preencher completamente a grelha. Suprima todas as pontuações, apóstrofes, cedilhas, traços de união, etc., (exemplo 1). Use rigorosamente e apenas o seu primeiro nome e o último apelido, tal como figuram no bilhete de identidade actualizado ou cédula pessoal.



(exemplo 1) (exemplo 2)

— Manuel Cristóvão
— Marques da Silva
Primeiro nome: MANUEL
Último apelido: SILVA

2. Compare todos os dias as letras sorteadas e publicadas no «Diário de Lisboa» e as da sua grelha. Quando uma letra publicada figurar na sua grelha, marque-a com um círculo. Se a letra aparecer várias vezes na sua grelha (o que com certeza acontecerá), só poderá marcar uma delas. Por exemplo, se o nome é «Manuel Silva» e uma das letras publicadas é um «L», só poderá marcar com um círculo um só dos «L» da grelha. Como as letras são tiradas à sorte, podem sair repetidas no mesmo dia. Neste caso, o leitor pode marcar com um círculo duas letras iguais (ou mais, se saírem três letras repetidas). ATENÇÃO: as letras publicadas só contam para o jogo a que correspondem.

3. Quando conseguir completar uma linha de 7 letras, na vertical, na horizontal ou em diagonal (exemplo 2), preencha o cupão e envie-o para o «Diário de Lisboa» dentro de um envelope dirigido a O Jogo do Nome e apenas com um cupão em cada envelope. Atenção: se houver mais de um cupão no envelope sorteado, esses cupões serão todos anulados.

O Jogo do Nome desenrola-se em 6 jogos de duas semanas cada, independentes uns dos outros e cada um com uma lista de magníficos prémios das marcas Grundig, Candy, Fagor e Progress, representados por Nacional Rádio, SARL. O leitor está convidado para participar em todos os Jogos e... traga a sua família!

Os cupões com as grelhas vencedoras deverão estar no «Diário de Lisboa» até às 17 horas do

dia do sorteio, que será sempre na quinta-feira seguinte à sexta-feira em que termina o Jogo. Portanto é conveniente que, se tiver conseguido uma linha vencedora, o leitor meta no correio a sua carta o mais tardar até à segunda-feira que antecede o sorteio.

Veja junto ao cupão as indicações das datas para cada jogo.

4. As cartas contendo as grelhas vencedoras de cada jogo serão introduzidas num tambor e submetidas a um sorteio por extracção manual, de tantas cartas quantos os prémios de cada jogo, verificando-se então se estão nas condições previstas no Regulamento, sem o que serão anuladas. No caso de ao mesmo concorrente ser atribuído mais de um prémio, será anulada a extracção do prémio de menor valor. Este sorteio será feito na primeira quinta-feira seguinte ao termo de cada jogo e os resultados serão publicados no DL do dia seguinte, sendo ainda feita uma comunicação postal do facto a cada premiado.

5. Haverá um prémio especial de três libras de ouro para o premiado que tiver conseguido obter a sua linha vencedora mais cedo. Para isso há um local no cupão que deverá ser preenchido pelo leitor com a indicação do dia em que conseguiu obter a sua linha vencedora, dia que será verificado pelas entidades fiscalizadoras do passatempo O Jogo do Nome. No caso de vários premiados terem terminado a sua linha vencedora no mesmo dia, proceder-se-á a um mini-sorteio, também por extracção manual, entre esses premiados, para determinar a quem serão entregues as três libras!

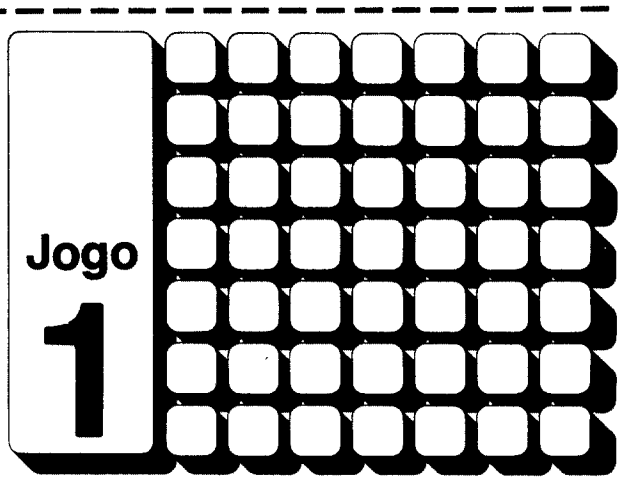
6. O cupão contendo a grelha de participação será publicado todos os dias durante as doze semanas abrangidas pelos 6 jogos e o leitor pode a qualquer momento entrar no jogo. Basta ler o «Diário de Lisboa» e comprar um (apenas um) exemplar que lhe proporcionará o cupão necessário para concorrer a cada jogo.

7. Os trabalhadores da Renascença Gráfica, SARL («Diário de Lisboa») não podem participar no passatempo O Jogo do Nome. Nenhuma correspondência será trocada sobre o concurso para além das cartas que, após cada sorteio, serão enviadas aos premiados. As letras sorteadas não serão em nenhum caso comunicadas por telefone ou por escrito, e serão publicadas apenas uma vez no «Diário de Lisboa», no seu dia respectivo.

8. Em princípio, as letras sorteadas serão: 5 letras aos sábados, 3 letras nos restantes dias da semana (excepto o domingo, em que o «Diário de Lisboa» não se publica). Os jogos começam sempre a um sábado e terminam sempre na segunda sexta-feira seguinte.

(c) 1975, 1976-Ken Hecht
(c) Sob UCC-1975, 1976-Ken Hecht
International Copyright Secured
Reservados todos os direitos

Segunda-feira 3 novas letras



CONSEGUI COMPLETAR A LINHA VENCEDORA DE 7 LETRAS NO DIA

NOME

MORADA

(TEL.)

Preencha cuidadosamente este cupão com o seu nome exactamente como figura no Bilhete de Identidade ou na Cédula Pessoal, bem como morada, telefone. Indique também o dia em que conseguiu completar a linha vencedora de 7 letras para se habilitar ao «Prémio Especial» e ENVIE O MAIS CEDO POSSÍVEL, MAS SEMPRE DE FORMA A CHEGAR ÀS NOSSAS MÃOS ANTES DAS 17 HORAS DO DIA DO SORTEIO DO JOGO 1.

SÓ UM CUPÃO
EM CADA ENVELOPE

ENVIE PARA
«Diário de Lisboa»
«O Jogo do Nome»
Rua Luz Soriano, 44
1200 LISBOA

Jogo 1 — datas a fixar:

INÍCIO sábado, 24 de Julho
TERMO sexta-feira, 6 de Agosto
ENVIO PELO CORREIO até segunda-feira, 9 de Agosto
DIVULGAÇÃO DOS PREMIADOS sexta-feira, 13 de Agosto

Marcas que valem ouro nos fabulosos prémios

GRUNDIG

FAGOR

Candy

PROGRESS

Representantes Oficiais no Sul do País **NR** NACIONAL RÁDIO, S.A.P.L.

escapar ao mau-estar em que a singularidade da própria coisa faz cair todas as iniciativas racionalistas, e transformar insensivelmente a realidade rebelde da existência individual, em questão sobre o sujeito: questão posta deste modo, para abrigar soberanamente a filosofia, de modo a evitar que ela seja alguma vez surpreendida pelo outro lado de si mesma. Pois se é certo que, ao afrontarmos a questão da individualidade, ao deixarmos-nos escarnecer e desmontar por não importa que indivíduo, andamos em ziguezague, mas pelo menos tentamos olhar de frente aquilo que o sujeito filósofo ou filosófico não segrega, como o fígado segrega a biliar, o que, inversamente, o afasta e o atrapaça.

Valia a pena traçar com algum detalhe o nascimento da poesia lírica grega e a tomada de consciência de um tempo humano fugindo sem retorno, o futuro da tragédia grega e a capacidade de se revoltar que alguns dos seus heróis testemunham, o início platónico da filosofia e a figura do indivíduo Sócrates e, finalmente, a espantosa história greco-latina deste sistema estóico que não deixa de se assemelhar ao do muito cristão Leibniz: uma física onde se enuncia que não há na realidade dois pêlos semelhantes, e que, ao mesmo tempo, todas as coisas se encontram numa imiscuidade total entre si; uma moral que exige a submissão de cada um à viva racionalidade do cosmos e reclama ao mesmo tempo de todo o homem, escravo ou imperador, que desempenhe o seu próprio papel, descobrindo o seu verdadeiro ser e exercendo a sua vontade pessoal.

Para se expor ao paradoxo da individuação com a decisão de manter a razão, não basta pois obrigar alguns leitores, espécie de aturidos turistas da história das ideias, a escolher entre Atenas e Jerusalém. Mais vale reflectir nesta tensão que terá feito oscilar a história ocidental entre o pólo da totalidade, do organicismo e do unanimismo, e o do individualismo, da propriedade privada, do próprio homem e da privatização. E, com isto, ainda estamos a simplificar em demasia. Porque, do mesmo modo que filosofias da totalidade ficaram isentas de totalitarismo: Spinoza, assim houve filosofias do indivíduo que atacaram a liberdade e o direito: Max Stirner. As posições, longe de se distribuírem de cada um dos lados de uma linha de partilha, não deixaram de trocar de posições e mesmo de se invertem.

A consolação das metamorfoses

O não consentimento do indivíduo à individuação, e a recusa da existência separada, assumiram múltiplas formas na história ocidental. A crença nas metamorfoses nega, logo no começo grego-latino desta história, a identidade individual, ignora a tendência de cada ser para perseverar na sua singularidade, contorna, ao divertir-se, os obstáculos que o espaço e o tempo constituem, e confunde as diferenças entre os reinos, a distinção entre os indivíduos e, evidentemente, do próprio homem. Pela crença nas metamorfoses, a finitude e o abandono

encontram-se consolados: tragédia ou história, o drama não pode ter lugar, porque nenhuma diferenciação consigo mesmo, ainda que a mais radical, é impedida por qualquer princípio de identidade e de realidade.

Por seu turno, a crença na metempsicose, ou mais exacta-

mente, na metensomatose, destrói a imediata evidência da individuação e do próprio indivíduo. Presente, insistente mesmo, no texto de Platão, ressurge estranhamente nos séculos dezassete e dezoito, como uma ameaça contra a crença cristã na imortalidade da alma

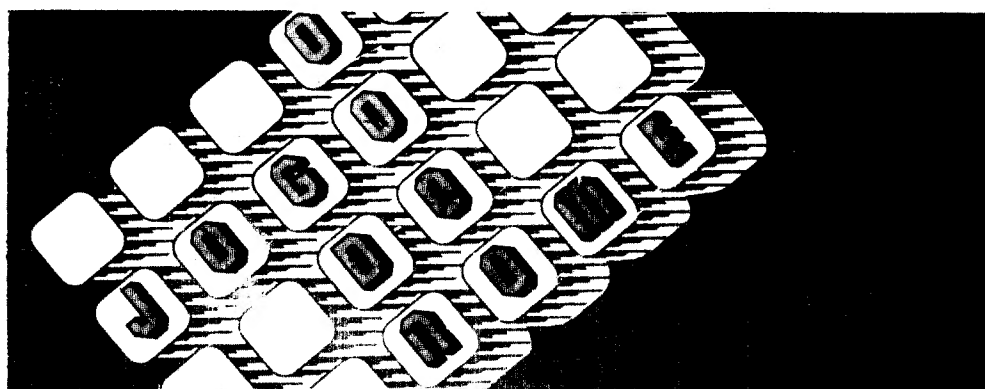
individual. Fundamenta a solidariedade de certos vegetais e dos homens na ideia de uma migração das almas através de todas as espécies de corpos, e propõe a salvação pela rememoração.

Talvez tenha sido necessário descobrir, com emoção e res-

peito, esta prescrição, pitagórica, segundo a qual os homens devem abster-se de comer favas, porque a alma dos mortos reside nelas, para escapar à morna dissertação ecuménica sobre o próprio homem e o personalismo rasteiro que renasce sob a pena dos que o criticam.

Marxistas, beneficiários e depois sobreviventes do nazismo, Horkheimer e Adorno, não tinham pruridos em ler no exílio, um Schopenhauer. Ora, a filosofia de Schopenhauer levou, sem dúvida, ao extremo, a crí-

Continua na pág. VI



PRÉMIO ESPECIAL PARA O PREMIADO MAIS RÁPIDO 3 LIBRAS DE OURO!



De entre os 25 premiados, o mais rápido a completar a linha vencedora, receberá 3 libras de ouro, no valor aproximado de 25 contos. É um prémio especial, que lhe oferece a NACIONAL RÁDIO! (Veja o n.º 5 do Regulamento na página anterior).

JOGO 1 - LISTA DE PRÉMIOS:

1.º - Um TELEVISOR GRUNDIG, de Mesa A610, de cores	54.000\$
2.º - Uma ARCA CONGELADORA CANDY EL 4	38.750\$
3.º - Um FRIGORÍFICO FAGOR M2 210 litros	27.000\$
4.º - Um RÁDIO GRAVADOR GRUNDIG RR 3000	23.000\$
5.º - Um TELEVISOR GRUNDIG Portátil P1422, Preto e Branco	14.400\$
6.º a 10.º - Um ASPIRADOR PROGRESS Super 600	cada 9.700\$
11.º a 15.º - Um GRAVADOR GRUNDIG CR 550	cada 5.000\$
16.º a 25.º - Um RÁDIO GRUNDIG Portátil PARTY BOY 700	cada 4.100\$

PRÉMIO ESPECIAL: 3 (três) libras de ouro para aquele, de entre os 25 premiados, que tiver terminado mais cedo a sua linha vencedora de 7 letras (ou, sendo mais que um a terminar no mesmo dia, o que por sorteio for determinado).

**VALOR TOTAL DESTES PRÉMIOS DO JOGO 1:
cerca de 300 CONTOS!
DIVIRTA-SE E GANHE DINHEIRO!**

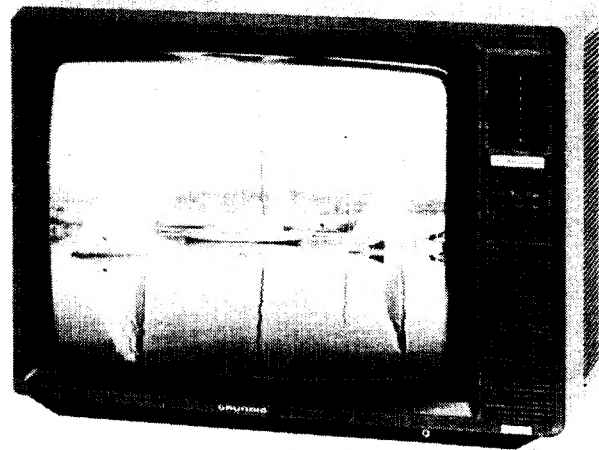
Informações e notícias

Leitor amigo, se tem curiosidade por este jogo, nem sequer lhe pedimos que tenha mais do que nós. Com efeito, O Jogo do Nome tem tido um enorme sucesso nalguns países onde foi lançado: não faz mal à saúde e diverte as pessoas, dá hipóteses a todos de ganhar um bom prémio e umas libras de ouro (que, convenhamos, nos tempos que correm é simpático ter ao canto da gaveta) e entretém durante alguns minutos os lares de uma família ou os tempos mortos nas férias.

Já vários leitores nos têm telefonado a pedir informações e esclarecimentos. Assim, por exemplo, podemos dizer que no alfabeto que consideramos para o efeito estão incluídas todas as letras, mesmo aquelas que não fazem parte do alfabeto português ou são menos vulgares, como o Y e o W e, obviamente, o K.

Outro caso são as Marias: uma Maria de Lourdes Modesto, por exemplo (que toda a gente conhece por ser uma das maiores, senão a maior, conhecedora de cozinha em Portugal) deve considerar como primeiro nome apenas Maria e não Maria de Lourdes. Isto é, se Maria de Lourdes Modesto concorresse, as letras a usar seriam MARIA MODESTO.

Leitor: vá lendo esta coluna que lhe dará preciosas informações. E jogue connosco!



1.º PRÉMIO DO JOGO 1 UM TELEVISOR GRUNDIG DE MESA, A CORES, A610 NO VALOR DE 54 000\$00

Cinescópio de 51 cms, sistema "in Line" autôconvergente - Imagem Super Color, com dupla limitação do máximo brilho da imagem - Selecção de 8 programas por microcomputadores (um preparado para vídeo cassette) - Potenciômetros de accionamento lateral para controlo de volume de som, luminosidade e saturação (contraste de cor) - Potenciômetro rotativo para controlo de contraste - Dois altifalantes (1 de agudos, de difusão frontal e 1 Superphor de banda larga, de difusão lateral) - Potência musical 6 W - Ligação DIN para auscultador/auricular ou gravador - Comutador de tonalidade (palavra/musical) - Comutador para desligar os altifalantes no caso de uso de auscultadores - Chassis frio, compacto e modular, de segurança e baixo consumo (65 W) isolado totalmente da rede eléctrica - Robusta fonte de alimentação de nova técnica de alto rendimento e regulação automática entre 160 V a 260 V - Entrada coaxial de antena de 75 Ω, para VHF/UHF - Dimensões: 57 x 42 x 41 cms (largura x altura x profundidade).

Marcas que valem ouro nos fabulosos prémios

GRUNDIG

FAGOR

Candy

PROGRESS

Representantes Oficiais
no Sul do País

NR

NACIONAL RÁDIO, S.A.R.L.

O Indivíduo

Continuação da pág. V

tica da individuação, tendo desferido rudes golpes na fé no progresso da consciência ocidental, deixando as influências orientais desorientarem o logocentrismo: pluralidade e distinção, singularidade e separação, constituem ilusões. O que é na realidade uno e semelhante, só aparece como diferente porque apreendido e pensado a partir do espaço e do tempo. O Nietzsche ainda schopenhaueriano de «A Origem da Tragédia», evocará também o êxtase dionisiaco da unidade original: «Não apenas cada um se sente unido, reconciliado, fundido com o seu próximo, como se sente também idêntico a ele.»

O próprio cristianismo não conjurou definitivamente este desejo de fusão com o uno, que se diferencia com dificuldade da nostalgia de união com o todo, e da pulsão de retorno ao inorgânico. Na mística, com efeito, o indivíduo exercita-se a despojar-se de si mesmo, a mergulhar no êxtase, a sair de si para fazer um só com Deus, a riscar o «nada». E visto que importa não cindir sumariamente a dupla origem que determina o destino ocidental, façamos entrar em consonância as duas palavras sem dúvida mais enigmáticas da nossa tradição: a de Calderon, que cita Schopenhauer: «Porque o maior crime do homem é ter nascido», e a de Anaximandro, que Nietzsche e Heidegger comentarão: «De onde as coisas têm uma origem, para lá devem dirigir-se em perdição, segundo a necessidade, porque devem expiar a pena pela sua injustiça, e serem julgadas segundo a ordem do tempo.»

O mais perturbador, nesta questão, reside no facto de ela não ter apenas a ver com os metafísicos e os poetas. Quando os filósofos políticos, uns após outros, comparam a sociedade e o Estado a um organismo, e os indivíduos, os cidadãos, a membros ou órgãos que devem aceitar a necessidade da sua submissão ao todo social, quando opõem, como o jovem Marx, o modelo de uma comunidade viva e orgânica à triste realidade de uma sociedade burguesa atomizada, porque constituída de indivíduos isolados, egoístas calculistas e rivais, uns e outros obedecem ainda a esse fantasma de uma totalidade natural e orgânica, espaço-tempo mítico onde o teu e o meu, o outro e o uno, mais do que prejudicarem-se, se exprimiriam reciprocamente.

«O destino da propriedade assumiu para nós uma amplitude demasiado ampla para que aceitemos fazer dela um objecto de reflexão, e para que possamos aceitar separá-lo de nós.» Por meio deste contrato fulgurante, Hegel operava uma desconstrução do indivíduo, no seu duplo sentido de posse e atributo: caminho incerto que Marx terá trilhado algum tempo, para de imediato o sacrificar à crítica exclusiva do capital. Mas não é fazer economismo quando se reconhece esta evidência histórica: o desenvolvimento dos direitos inalienáveis do indivíduo caminha, paradoxalmente, em paralelo com a afirmação do direito ilimitado a possuir e a enriquecer. Como o mostrou Marx, o indivíduo, isto é, este homem cujos direitos são distintos dos

que o cidadão possui, não é mais do que o proprietário que obtém a liberdade de enriquecer, e segurança para os seus bens. Na história das representações ocidentais-cristãs, o ser e o ter, parecendo opor-se virtuosamente, não cessam de estabelecer conexões decisivas: a ontologia, a economia, o direito e a religião cambiam subterraneamente os respectivos procedimentos.

Um libertário inimigo da liberdade

Max Stirner terá levado ao paroxismo experimental esta perigosa ambiguidade da propriedade: levou-a ao anarquismo e ao totalitarismo do ego proprietário. Mas este anti-humanismo de um libertário inimigo da liberdade não representa mais, na realidade, do que o necessário desenlace, embora aparentemente contraditório, de uma longa história, a do individualismo possessivo que o antiliberal Hobbes iniciará, muito tempo depois que Platão se tenha utilizado de Calicles como instrumento para «calafetar» Sócrates. Rejeitando as noções de justiça e de lei natural, baseou a sua teoria do direito político num tal estado de natureza, que os indivíduos, antagonistas, nele lutam, até à morte, pela dominação e pela apropriação. Mais tarde, com Locke, passar-se-á insensivelmente do direito de propriedade sobre as faculdades físicas e mentais para o direito de apropriação ilimitado. O individualismo possessivo, de acentuada equivocidade fundiária da propriedade, conduzirá ao liberalismo, isto é, a um humanismo que se preocupa muito com a existência e a expansão de alguns, e muito pouco com a subsistência de todos.

«Ah! senhor filósofo, a miséria é uma coisa terrível», diz o «Neveu de Rameau». E ousa reclamar que cada um receba segundo as suas necessidades e não segundo os meios: pedido exorbitante que ameaça simultaneamente a economia política e a ontologia clássicas. Pode-se dizer que Dederot soube preservar na sua obra, o indizível da questão de saber o que deve predominar, entre o indivíduo e a sociedade. Porque se o «Neveu de Rameau» é apresentado pelo narrador como um «original», uma «dissonância», é porque o seu individualismo ferrenho representa a crise do seu tempo, a tal ponto que, no fim de contas, em virtude de uma inversão, pouco confortante, «nada difere mais dele do que ele próprio». E se surge como um «monstro», como um «desvio», é também porque este excesso de «idiotia» fala, canta e gesticula a dor da individuação, da finitude, o infeliz acaso de não ter nascido esse grande músico que teria podido com a sua genialidade e o seu entusiasmo, restaurar a unidade do todo.

No entanto, quando lemos conjuntamente «Le Neveu de Rameau» e «Le Réve de d'Alembert», constatamos uma discordância fundamental. No seu êxtase materialista, na sua fusão voluptuosa com a natureza, o matemático delirante percebe uma prodigiosa confusão de reinos e de espécies. Depois, exclama: «E falais de indivíduos, pobres filósofos,

Continua na pág. VII

JOAQUIM BENITE É O GRUPO DE TEATRO DE CAMPOLIDE

A cultura age no mediato



«— Dantes lutávamos por projectos, agora é mais importante a consolidação das estruturas administrativas e artísticas dos grupos de teatro independente. Mas passámos dum período em que as pessoas se exigiam um trabalho de definição imediata a um outro em que os profissionais parecem ter receio ou então vergonha de serem conotados com uma ideologia política» — afirma Joaquim Benite. Eis-nos perante o responsável do Grupo de Teatro de Campolide, que teve o seu início em 1971, no Atlético Clube de Campolide, com a peça «O Avançado Centro Morreu ao Amanhecer», de Agustin Cuzanni. Espectáculos como D. Quixote, Filopópolis, Vida e Morte de Joaquim Murieta, O Grande Cidadão e outros transformaram esta colectividade de recreio no «local do discurso necessário».

Profissionalizado em 1977, o Grupo estreia, no Teatro da Trindade, a peça de Virgílio Martinho, «1383», sucesso inusitado para o meio. Optando pela «descentralização teatral» a companhia fixa-se em Almada. Quatro encenadores residentes, numa «atitude de coesão visando uma maior produtividade».

Actualmente em digressão pelo concelho de Loures com o espectáculo «Tempos Difíceis», de Romeu Correia, encenação de Joaquim Benite, esta unidade cultural enfrenta ainda problemas do foro da sua autonomia.

Maria Emília Correia

«G RAÇAS aos seus directores representamos na Academia Almadaense, uma sociedade de recreio na margem sul do Tejo. Mas se um certo desenvolvimento cultural é aqui possível, ele não resulta em termos teatrais. Estamos condicionados por não dispormos diariamente do espaço. A sala não permite alterações das estruturas cénicas, não há local para ensaios nem carpintaria. E sempre a contingência de que uma nova direcção não nos comporte. Decorreram cinco anos e encontramos-nos sem quaisquer garantias de nos fixarmos em Almada. Precisamos do apoio da Câmara Municipal. Com um terreno cedido e a colabo-

ração da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Gulbenkian construiríamos um teatro.»

A descentralização Baixo Alentejo à parte

«A ATADT (Associação Técnica e Artística da Descentralização Teatral), a que pertencemos concluiu que a itinerância sem núcleos de apoio pelo país, privilegiando zonas e produzindo regularmente, não resultaria. Além de Almada percorremos os concelhos de Palmela, Seixal, Moita, Montijo, Barreiro, Sesimbra, Sines, digamos

que a zona norte do distrito de Setúbal, já que o TAS (Teatro de Animação de Setúbal) se encarrega da zona sul do mesmo: Uma espécie de acordo tácito, geograficamente lógico. Nesta dinamização não nos podemos limitar a uma ou duas peças anuais e explorá-las, como alguns agrupamentos urbanos. O público é muito restrito. Recorremos ao intercâmbio teatral e a partir da sede há uma irradiação de actividades culturais. Em 1981 produzimos quatro peças para adultos e três para crianças.»

«— Quando o Teatro Nacional se deslocou ao Porto, Lucas Pires afirmou que a descentralização teatral começara no país.»

«Para nós esse tempo traduz a fixação de companhias profissionais, em vários pontos do País, que funcionem como fulcro de uma animação cultural local. Actualmente só o Baixo Alentejo não possui um centro com estas características. Todos os outros distritos estão cobertos e subsidiados pelo Estado, conquanto Santarém não possua ainda uma verba regular.»

«É preciso sublinhar que esta iniciativa partiu dos próprios profissionais. O Estado limitou-se exclusivamente a apoiar propostas (excepção feita ao Centro Cultural de Évora, mas não podemos esquecer Mário Barradas por detrás de um projecto). De resto vê-se que é uma descentralização que não obedece a um plano ou a uma política cultural do Estado, como em França, por exemplo.»

Quem submete quem

«— Porquê esta opção no vosso caso?»

«O empreendimento teve por base o seguinte problema: fazer teatro nas zonas urbanas, como sejam Lisboa e Porto, era sentir uma grande crise do público. Curiosamente, ela parecia advir mais dele próprio do que dos trabalhos que lhe eram apresentados, tratando-se, ademais dos «sempre mesmos» consumidores da cultura. Havia duas saídas: ou incremento desse público ou a conquista do não-público, isto é, daquele que não estava estimulado para assistir a espectáculos porque não os tinha ao seu alcance.»

«— Uma vez instalados qual é a vossa relação com o meio?»

«O artista da descentralização tem que compreender o que é a «criação artística» e a «pedagogia», isto é, necessita ser um animador

cultural por excelência. Um público rural e um público urbano são realidades esquematicamente autónomas. E dentro do rural há graus ou diferenças; representar para um alentejano não é o mesmo que representar para um beirão. E existem outros factores a ter em conta, como o etário ou o profissional, dado que, por exemplo, fazer teatro para estudantes é diferente de fazer teatro para estivadores. Por isso este trabalho implica um diálogo constante com as pessoas. O que não quer dizer que tenhamos de nos submeter ao nosso público, aos seus gostos que podem ser deformados ou alienados por uma prática errada (Laura Alves, Camilos ou o refúgio do Parque Mayer), mas actuar e transformar o gosto desse público.»

«O homem na sociedade industrial encontra-se exposto a numerosas e diversos estímulos e sensações. O seu sentido estético não é tábuas-ras: foi afectado por toda a espécie de mercadorias, que, uma vez produzidas, o inundam desde a infância. Os seus critérios de apreciação artística são comumente preconceituosos. A opereta vicinense triunfaria sobre Mozart em qualquer plebiscito, salvo raras exceções.» — Ernst Fischer.

«A prática da ruptura ou a agressão ao público (tantas vezes no intuito de adesão dum maior número de pessoas ao teatro) não é possível na descentralização. Há que ter em conta o seu destinatário, ou seja a «relação espectador-actor», pois ambos influem no carácter social e lúdico do teatro. É sabido que o ritmo do espectáculo depende da respiração de cada público e sua índole. É preciso captar a sua capacidade de observação, o seu prazer. Os silêncios de Tchekov serão para um operário?»

«— Dado que as comédias do Parque ainda possuem uma grande afluência pode-se considerar que nos meios urbanos também existe o não-público?»

«Se observarmos as camadas sociais que as frequentam o que é que podemos inferir? Na província tudo o que realizamos são experiências, julgo que nenhum grupo tem a certeza daquilo que está correcto e que é seguro. Nas peças tradicionais portuguesas como «O Auto de Floripes» ou «Acto da Primavera» verificamos a precipitação da acção. Ao longo de uma hora milhares de coisas surgem. Os temas vão-se sucedendo. Isso atrai. Brecht um autor cujas peças contêm muitos acontecimentos. Miller utiliza a reflexão da acção. Que tipo de

SÁBADO, 24 DE JULHO DE 1982



teatro prenderá gente menos referenciada?

— Roger Planchon quis fazer um espectáculo para certo público e inquiriu-o sobre os seus gostos. A escolha recaiu sobre «Os Três Mosqueteiros», aventuras que as pessoas liam mais.

— É importante ter em conta a estádio cultural dos espectadores e saber das suas necessidades de desenvolvimento. Seremos populistas significa, para nós, o diálogo com um público determinado, estudar a sua realidade local. Tendo em conta Almada e a sua população pensámos (e ainda não nos arredámos do projecto) em encenar «O Navio Dentro da Cidade», de André Kedros. Há momentos em que as coisas que eu gostaria ou me apeteceria fazer não se coadunam com a minha preocupação pela plateia. Procuro em simultâneo, um aumento da qualidade artística.

«Não adoptamos esses espectáculos exclusivos que encerram tristemente um pequeno núcleo de pessoas num antro obscuro e que as retém amedrontadas e imóveis, no silêncio e na inação. Não são essas as festas de um povo feliz. É ao ar livre que é preciso juntá-lo.» (Proclamação do T.E.O. a propósito da criação de teatros populares e de massa-1920/URSS).

«Contra o didactismo há a síntese criativa e pedagógica. Não é o teatro que ensina coisas às pessoas porque ele não substitui os canais normais da sua formação. Apenas lhes fornece prazer e pode promover a reflexão. Trata-se de uma tentativa de estímulo, como a leitura de um livro. Recorremos ainda a processos paralelos de acção cultural: o apoio a grupos de teatro amador, os ensaios abertos, a discussão, os espectáculos dentro das empresas e das fábricas.»

Discos e mariscos

«Que tipo de assistência tem o Grupo de Teatro de Campolide?»

— Numa das suas crónicas para o «Diário Popular», Maria Estela Guedes escreveu que «o homem moderno tem que estar sempre a ler, mesmo quando vai ao supermercado, ao restaurante, ao cinema nas ruas». De certo modo é o que tentamos fazer com o nosso público, cujo índice cultural está muito abaixo do político. Temos que decifrá-lo. Reparar como gasta o seu dinheiro nos mariscos, nas cervejas, no carro, no

andar, mas não em livros ou em discos. Capaz de uma posição política correcta, é também capaz de uma tarde de domingo a ver um filme indiano. A libertação implica o acesso à consciência global do mundo em que o homem se move.

Longe das teses dos anos sessenta: é preciso dar ao povo o que ele percebe.

«Humilde e timidamente não observamos os espectadores de forma laboratorial, mas artística e «grosso modo» sociologicamente. Fazemos teatro com as pessoas, e não para elas. Progredimos no diálogo, pela crítica: muitas vezes dizem «não».

A classe operária (e é para esta que fundamentalmente trabalhamos) tem, na História, um papel de vanguarda. Há mecanismos da luta de classes que ela entende, teses económicas que são de fácil compreensão (como sejam o lucro, a mais-valia etc.) e que nem alguns intelectuais assimilaram, porque os não sofreram.

«Só que essa classe esteve sujeita a uma tutela cultural que a confinou a esquemas pré-estabelecidos ou reduzidos.

«Só a consciência cultural permite que a mão que empunha a espingarda a saiba disparar.»

Em arte não se mente

É a sinceridade que atribui à arte o seu carácter de protesto, ainda que o artista possa ter suposto que se limitava a recordar uma impressão.

«A política é a acção para o imediato (no social, no económico ou ideológico). A cultura age no mediato. Eu penso que a arte se inser num processo de transformação mais amplo. É o resultado de uma pesquisa permanente. As convicções artísticas são efémeras em relação às teses políticas. Tenho uma ideologia, ela traduz-se ou transparece no que faço. Em arte não se mente.

O que sinto fica no que faço. Posso pegar no «Hamlet» pelo lado psicanalítico, pelo jogo dramático, pela face histórica ou política: o meu temperamento, a minha problemática, as minhas formas de ver a vida, o que penso e sofro são o registo-base sobre o qual inscrevo o meu trabalho. Um espectáculo de teatro é o reflexo das contradições dos seus criadores, logo da sociedade e da época histórica em que é produzido.»

Não recebo ordens

«No meio teatral, é por vezes considerado um elemento ao serviço de um partido.»

— Estar ao serviço é ter uma encomenda e efectivá-la. Eu não recebo ordens de ninguém, nem do governo nem da oposição. É-se comunista por razões de estar no mundo e não estéticas. A minha independência é fazer o que me apetece e acto útil. Combato qualquer tipo de dirigismo. O importante é não haver padrões. Cada um que faça o que quer e o que gosta. Sou pela diversidade e a elaboração de cada projecto. Alguns são melhorados com o tempo, os espectáculos de certos grupos não se confundem, há discursos próprios.

No entanto é estúpido e anti-artístico deixar propositadamente «transparecer uma ideologia» num espectáculo. Tanto como exigir que ele «contenha uma mensagem» política facilmente decifrável. Neruda e Pessoa foram dois grandes poetas, no entanto o primeiro empregou quase a propaganda. Pessoa não está directamente conotado com a esfera política. «Só o provincianismo português quer que a política seja de um lado tudo, doutro nada». Muitos têm em conta as modas, as tendências europeias que copiam. Nos anos sessenta Brecht era um herói, agora é criticado.

— Joaquim Benite foi, durante anos crítico de teatro no «Notícias da Amadora», da «República», do «O Século» e do «Diário de Lisboa».

— Tornei-me um prático. Agora faço encenações, não elaboro teorias. O que sei é que, no fim de cada experiência, me sinto mais perplexo perante o que é teatral. Quais as implicações, que caminhos trilhar, que formas para um fim? Não tenho nada de definitivo, nem a certeza de coisa nenhuma.

Um reportório e suas influências

Nunca dirigi nenhuma peça de Brecht, interessei-me mais pelo desenvolvimento da dramaturgia portuguesa. Somos uma das companhias com mais autores portugueses representados. Mas o método de Brecht é aplicável às minhas encenações. Sofri a sua influência através de livros, espectáculos. Não há nenhum teatro em Portugal (excção feita ao Teatro Nacional) que

não tenha influências do método brechtiano. Trabalhei com Peter Kleinert e Peter Schrot (RDA); Fernando Gusmão encenou, na companhia, textos deste autor alemão; vi os trabalhos de João Lourenço que estudou seriamente o dramaturgo chegando mesmo a uma encenação brechtiana numa peça que, talvez, enquanto texto a não comporte.

— Disse Brecht: «Sinto-me um cientista a quem um admirador enviou uma carta que dizia: estou de acordo consigo, dois mais dois são cinco.»

— Tenho pudor de falar de Brecht. É que há muitos equívocos. Que ele é contra o teatro da emoção — diz-se. Um dia encenarei «Galileu, Galileu».

A sua obra é rica e o seu estudo necessário. Não pode é ser reduzido a fórmulas simplistas ou receitas. Brecht esteve indirectamente no Living Theater. Há outras influências como as de Meyerhold e Stanislasky nas actuais circuitos de teatro. «Não devemos meter-nos num collete de forças». Boileau, um crítico contemporâneo de Molière, considerava Shakespeare e Calderón «dramaturgos sofríveis» porque não respeitavam as regras da unidade do espaço, do tempo, da acção. Ora a descontinuidade é uma forma narrativa utilizada por Brecht e hoje muito empregue nos espectáculos que vemos. Ele foi influenciado por outros autores entre os quais o próprio Shakespeare. Recuperou muita coisa que depois propôs. A sua obra é contraditória tal tal como toda a produção de quem reflecte e se transforma.»

Para poder mostrar tudo o que vejo
Leio as histórias de outros povos e
outras eras.

Fiz arranjos de algumas peças,
examinando

Com precisão a técnica de cada uma e
fixando

Aquilo que me convém.

Estudei as narrativas dos grandes
feudais

Pelos Ingleses, de ricas figuras

A quem o mundo só serve para se
desenvolverem em grande.

Estudei os espanhóis moralistas

Os Hindus, mestres dos belos
sentimentos

E os Chineses que apresentam as
famílias

E os destinos variegados nas cidades.

(fragmento de «Canção do Autor de Pequim» — Brecht)

Tradução de Paulo Quintela

O Indivíduo

Continuação da pág. VI

deixai em paz os vossos indivíduos!». Acrescenta ainda: «Tudo está na natureza», rompendo deste modo com a filosofia de Leibniz, para quem a continuidade e a individuação se auxiliavam reciprocamente, longe de se excluírem.

Esta incoerência, esta hesitação à Diderot pode ser entendida como um apelo à vigilância. Ensina a dissociar a totalidade social, que nunca deveria ser apreendida de maneira organica ou vitalista, porque leva, na maioria dos casos, ao esmagamento do indivíduo com a totalidade natural. O que a metafísica nunca deveria deixar destruir e desencantar pelas ciências, pois a obstinação do homem em colocar-se como senhor e detentor da natureza e a

sua insistência na postura de puro sujeito consciente-concedor, conduz ao fim do mundo.

Negar o próprio nome e o direito de alguns à apropriação universal, mas pensando e querendo que cada ser, cada sexo e cada povo difiram e perseverem na sua diferença, pensando e querendo igualmente que todas as coisas conspiram numa simpatia universal e numa comunidade de destino, é uma tarefa nova e difícil: interdita, em todo o caso, aos que julgam saber que o conflito é senhor do futuro, aos que se confiam sem pesar à dialéctica.

Próxima lição: — O
outro
por Christian
Delacampagne



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

DODS

CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta empresa, no próximo domingo, 25 de Julho, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Concelho de Almada: Costa de Caparica (Jamina, Gémeos e Sil) das 07.00 h às 13.00h

Concelho de Sesimbra: Qta. do Conde (Melão) das 08.30h às 13.00h

Almada, 20 de Julho de 1982
Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública
 Direcção de Distribuição Sul-ALMCM

José P. R. Nascimento

CARTÓRIO NOTARIAL DE MOSCAVIDE

R. António Maria Pais, n.º 6-2.º eq.º

Lic. António Ramos Pires

Certifico para efeitos de publicação que por escritura outorgada em 3 de Junho de 1982, e anexada a folhas 3 e seguintes do Livro 28-A, das notas deste Cartório, foi por Heráclio Alves Peixoto de Magalhães e esposa, feita a cessão da quota do valor nominal de 1.400.000\$000 que ele, variou, possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «J. SALLES CALDEIRA, LIMITADA», com sede na Rua Alves Correia, n.º 160, freguesia de S. José, Lisboa, a José Larica de Salles Caldeira, tendo renunciado à gerência.

Peça mesma escritura foi alterado parcialmente o respectivo pacto social, mas apenas com referência aos artigos 2.º, ao corpo do Art.º 6.º, Art.º 9.º e, tendo sido aditado a este um § Único.

ARTIGO SEGUNDO

O capital social é de dois milhões de escudos, encontra-se inteiramente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme escrituração, e corresponde à soma de duas quotas dos sócios que são: — Uma de um milhão e quatrocentos mil escudos, pertencente ao sócio José Larica de Salles Caldeira e, outra de seiscentos mil escudos, pertencente ao sócio José Manuel de Almeida de Salles Caldeira.

ARTIGO SEXTO

A gerência dos negócios da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, cabe a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes e ficando-lhes atribuído um direito especial à gerência, a qual exercerão com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

ARTIGO NONO

A sociedade pode proceder à amortização de quotas nos casos seguintes:

- Quando houver acordo com o seu titular;
- Quando se verifique o falecimento ou interdição do seu titular;
- Quando haja recaído sobre a quota penhora, arresto ou arrolamento e ainda quando, por qualquer motivo, tenha de proceder-se à sua arrematação, adjudicação ou venda em processo judicial, administrativo ou fiscal.

PARÁGRAFO ÚNICO — Em todos os casos de amortização, excepto no previsto na alínea a), seja qual for o fundamento, o preço será calculado com base nos resultados do último balanço.

Que mantém em vigor todos os restantes artigos do respectivo pacto social.

Notícias da BD



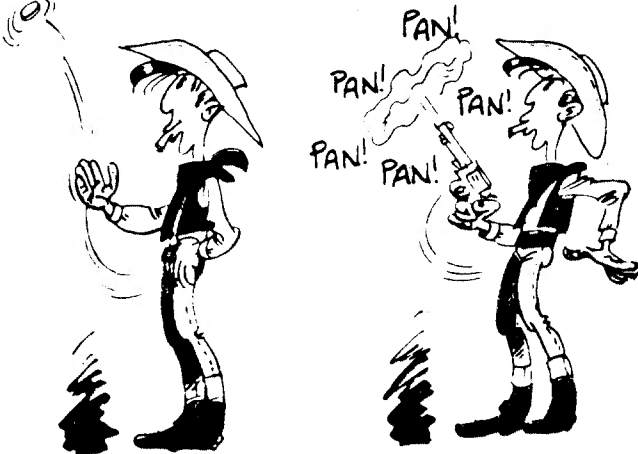
«La Jonque Fantome vue de l'Orchestre»

Jean-Claude Forest começou por ceder de empréstimo a sua imaginação aos desenhadores de que gosta: citemos «Ici Mème», com desenhos de Tardi e «Roman de Renart», com imagens de Cabanes, entre outros.

Mas Forest também é desenhador. Deve-se-lhe uma BD fundamental na história dos quadrinhos: Barbarella. Depois, viria Hypocrite (1975).

E, por fim, Gaston Gamine e o seu metre, vendedor de janelas higiénicas, Winnic Radbod, em Saravonie Argovine-que-a-guerra-devastou.

Um romance povoado de fantasmas e aventuras. É Forest («La Jonque Fantome vue de l'Orchestre», de Jean-Claude Forest, Edição da Casterman).



«Na pista dos Dalton»

É de 1960 esta aventura de Lucky Luke, contando com argumento de Goscinny e desenhos de Morris.

Nela, os Dalton regressam. E, com eles, um fôlego diferente para a série. Com efeito, como co-protagonistas das aventuras do cavaleiro solitário, conferem à criação de Morris uma dimensão mais rica: as suas rocambolescas fugas, a «inteligência» de Arverell, o incrível Ran-Tan-Plan, só têm equivalente no rocambolesco dos próprios argumentos.

«Na pista dos Dalton» obedece a este tom geral: para não variar, acaba tudo em bem, com os Dalton na prisão, Lucky Luke a caminhar para o sol-posto, e Ran-Tan-Plan a vigiar vespugamente os seus adorados donos («Na pista dos Dalton», de Morris — desenho, e Goscinny — texto, edição da Meribérica).



«Popol et Virginie chez les Lapinos»

Em tom de paródia, Hergé explica aos jovens leitores certos mecanismos económicos que regulam as relações sociais. E ainda como certas rivalidades geram sentimentos xenófobos, e as guerras.

Trata-se de uma banda desenhada pouco conhecida, a que não é estranho o relativo insucesso que conheceu na altura da publicação, em 1934.

A história, destinada especialmente às crianças, é de uma pobreza imaginativa aflitiva, e perde «pedalada» ao longo das pranchas. Chega e sobra, todavia, para evidenciar o talento de Hergé. Via que o autor, no entanto, não prosseguiria («Popol et Virginie chez les Lapinos», de Hergé, Edição Casterman).

Argentina: como vão os quadrinhos?



Cisco Kid, de Salinas: a ausência da problemática nacional



ALBERTO BRECCIA é argentino. «Cisco Kid» é da autoria de um natural daquele país sul-americano, José Luis Salinas. Hugo Pratt também por lá passou, desenhando os «precursores» de Corto Maltese.

E que mais sabemos nós dos quadrinhos argentinos, para lá das «celebridades» que ali trabalharam ou nasceram?

A resposta não é fácil. As informações não abundam, como sucede em relação a todas as produções nacionais periféricas aos grandes circuitos de produção e comercialização de quadrinhos.

Um artigo publicado em 1976 na revista cubana «Línea», dedicada ao estudo da «história», e já desaparecida por força da morte do seu director e principal animador, Fidel Morales, fornece alguns elementos de reflexão.

É desse artigo que extraímos as informações que a seguir deixamos aos nossos leitores, com

a ressalva do que possa estar desactualizado pela distância que separa o artigo dos nossos dias.

Naquela época, havia no país mais de 200 jornais, com uma tiragem de cerca de quatro milhões de exemplares.

Em todos eles a presença de bandas desenhadas era uma constante.

O autor do citado texto, Fernando Mas, aponta o ano de 1912, como data de nascimento dos «comics» argentinos, com o aparecimento na revista «Caras y Caretas» da série «Viruta y Chicharrón», representando «cada uma das personagens a força e a inteligência».

«O género foi adquirindo popularidade, e na década de 50 chegaram a editar-se 165 milhões de exemplares, o que representou metade do material impresso do país», sublinha Fernando Mas.

No ano de 1975, por exemplo, circularam na Argentina 33 milhões de exemplares de revistas de quadrinhos, não contando com as bandas publicadas

pelos jornais.

Segundo aquele autor, podem encontrar-se nos quiosques de Buenos Aires — cidade que consome três milhões de revistas cómicas por ano — uma média de seis a sete revistas para adultos e dezenas para crianças.

Um estudo publicado em meados da década de 70, referia que os postos de venda do país tinham à disposição dos compradores 97 títulos de revistas de quadrinhos.

A origem dessas publicações é nacional e estrangeira, nas seguintes proporções:

Dezoito títulos eram editados no México, incluindo as produções Disney; nove títulos provinham da Colômbia, com predomínio para as aventuras de espionagem, guerra, sexo e terror; o total de títulos editados na Argentina era, naquela data, de 70, incluindo os diferentes géneros.

No que se refere aos conteúdos das bandas desenhadas as percentagens apresentam uma proporção de 57 por cento de materiais provenientes dos Es-

tados Unidos e 43 por cento de origem argentina.

Muitos leitores queixavam-se da falta de tratamento de assuntos nacionais nas bandas desenhadas publicadas no seu país:

«Entre as objecções dos leitores, cabe assinalar que a temática nacional brilha pela sua ausência, salvo uma ou outra excepção», sublinhava Jorge Carnevale em texto publicado no «El Cronista Comercial».

Quanto aos desenhadores argentinos, estes sustentavam que o seu «universalismo» e a escassez de temas nacionais se devia à necessidade de procurar vender no exterior os quadrinhos nacionais:

«As bandas desenhadas locais, lamentavelmente, não têm interesse fora do país, e como temos grandes possibilidades de colocar o nosso material no estrangeiro, devemos apelar a um certo universalismo nos temas», sustentava o director de uma empresa que editava várias revistas.

Carlos Pessoa

Estórias de Portugal

QUEM deste Portugal conheça estórias do quotidiano decerto já as terá ouvido contar de «enganadas». Não só na província como até mesmo em Lisboa não são poucas as famílias que se prantam dos «enganos» das suas cachopas às mãos (e não só!) de terríveis sedutores. Muitos há ainda, por esse país fora, para quem um «engano» é, muito mais do que isso, é uma terrível «desonra»!

Com tantas estatísticas, tantas sondagens à opinião pública, tantas agências e institutos especializados em saber tudo de nós, o que somos, quantos somos, o que fazemos, o que queremos, o que nos aconteceu, «que mais nos irá acontecer?...», não me consta que esteja levantado o número de «enganadas», ou «desonradas», à beira mar plantadas. Não seria fácil a tarefa, certamente. Estas coisas escondem-se, normalmente, do domínio público, guardam-se no recato mais recatado dos lares atingidos pela «ignominia», «a mancha», que estas coisas sempre mancham um bocadinho, a vergonha que não será vergonha se mais ninguém dela tiver conhecimento. Imaginem os estoriantes a recepção reservada a um inquiridor da Norma, por exemplo, que batesse à porta de respeitável família para inquirir do venerando chefe: «— E de enganadas, como é que estamos cá por casa?...»

Não. O levantamento estatístico não está feito e duvido que num futuro mais ou menos próximo, apesar do progresso, da modernização galopante dos nossos hábitos e ideias (se é que a modificação de certos hábitos tem sido acompanhada de uma evolução de ideias?... está por saber... está por saber...), se faça com um mínimo de rigor científico. As pessoas ainda mantêm certos tabus, vivem amarradas a velhos preconceitos, se apavoram ante um possível escancaramento público dos seus momentos mais privados. Mesmo que se lhe explique que dar informações é como dar sangue, chichi ou cócó... é tudo

para análises. Está bem... Vão lá convencê-las!...

Daí que, embora com um certo atraso mas creio que ainda muito a tempo, não possa deixar de registar para a estória a atitude inovadora, revolucionária, pioneira, «mayflowe-resca», o gesto arriscado no assumir da revelação, a coragem do assumir, a força para dizer e não calar de Torres Couto que, não receando enfrentar as teias de aranha terríveis, tenebrosas, que habitam nas mentes dos cérebros bloqueados por puritanismos atávicos, doentios, se atreveu a afirmar publicamente que só o senhor primeiro-ministro já o enganou cinco vezes!... É obra! Convenhamos que é obra. Estava o estoriador convencido que essa coisa de «enganar» era só à primeira. Pelos vistos não é assim... A mesma pessoa pode ser enganada cinco vezes que, se estiver disposta a isso, ainda poderá ser enganada outras tantas ou muitas mais. Depende da capacidade de cada um. E a capacidade humana não tem limites.

Desta estória verdadeira, que tanto deve perturbar as tais mentes sujas de tanta limpeza, ficam por saber determinados pormenores importantes para um estudo mais aprofundado da capacidade física do nosso primeiro-ministro que, detentor já de um certo prestígio, se vê através, de uma tal declaração, projectado no aéropago dos mais viris do país. De facto, enganar cinco vezes — cinco!... — a mesma pessoa, sendo logo essa pessoa Torres Couto, não é proeza ao alcance de qualquer linear explicação «freudiana»... Nem sei mesmo se o Freud explicará isto.

O que eu sei é que, uma noite destas surpreendi, involuntariamente, duas jovens, brilhantes de olhares, líbricas de pensamentos, ansiosas de palavras, palpitantes de desejo, querendo saber, querendo saber: «— Ele enganou-o cinco vezes?... No mesmo dia?!?!...»

Francisco Nicholson